



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
NÚCLEO DE ALTOS ESTUDOS AMAZÔNICOS
ESPECIALIZAÇÃO EM GESTÃO AMBIENTAL E MANEJO DE PAISAGEM

TÁSSIA CRISTINA DA CONCEIÇÃO BARROS TAURINO

**CONEXÃO ENTRE QUEBRADEIRAS DE COCO BABAÇU E A
BIODIVERSIDADE DAS FLORESTAS DE BABAÇUAIS NO PARÁ-
AMAZÔNIA ORIENTAL**

Monografia apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Lato Sensu*, Curso de Especialização em Gestão Ambiental e Manejo de Paisagem do Núcleo de Altos Estudos Amazônicos da Universidade Federal do Pará como requisito para obtenção do grau de Especialista em Gestão Ambiental e Manejo de Paisagem. Orientadora: Prof.^a Dr.^a Rosa Elizabeth Acevedo Marin.

Belém-PA

2017

TÁSSIA CRISTINA DA CONCEIÇÃO BARROS TAURINO

CONEXÃO ENTRE QUEBRADEIRAS DE COCO BABAÇU E A BIODIVERSIDADE
DAS FLORESTAS DE BABAÇUAIS NO PARÁ-AMAZÔNIA ORIENTAL

Monografia apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Lato Sensu*, Curso de Especialização em Gestão Ambiental e Manejo de Paisagem do Núcleo de Altos Estudos Amazônicos da Universidade Federal do Pará como requisito para obtenção do grau de Especialista em Gestão Ambiental e Manejo de Paisagem. Orientadora: Prof.^a Dr.^a Rosa Elizabeth Acevedo Marin.

Belém-PA

2017

Dados Internacionais de Catalogação na publicação (CIP)
Biblioteca do NAEA/UFPA

Taurino, Tássia Cristina da Conceição Barros

Conexão entre quebradeiras de coco babaçu e a biodiversidade das florestas de babaçuais no Pará-Amazônia Oriental / Tássia Cristina da Conceição Barros Taurino; Orientadora Rosa Elizabeth Acevedo Marin. - 2017.

144 f.: il.; 30 cm

Monografia (Especialização) – Universidade Federal do Pará, Núcleo de Altos Estudos Amazônicos, Programa de Pós-Graduação em Gestão Ambiental e Manejo de Paisagem, Belém, 2017.

1. Trabalhadoras rurais - Para. 2. Mulheres do campo- Condições Sociais - Pará. 3. Babaçu - Pará. 4. Mudanças climáticas. I. Acevedo - Marin, Rosa Elizabeth, Orientadora II. Título.

CDD 22. ed. 305.4363098115

TÁSSIA CRISTINA DA CONCEIÇÃO BARROS TAURINO

CONEXÃO ENTRE QUEBRADEIRAS DE COCO BABAÇU E A BIODIVERSIDADE
DAS FLORESTAS DE BABAÇUAIS NO PARÁ-AMAZÔNIA ORIENTAL

Monografia apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Lato Sensu*, Curso de Especialização em Gestão Ambiental e Manejo de Paisagem do Núcleo de Altos Estudos Amazônicos da Universidade Federal do Pará como requisito para obtenção do grau de Especialista em Gestão Ambiental e Manejo de Paisagem.

Data de Aprovação: 31 / 08 / 2017

Banca Examinadora:

Prof.^a Rosa Elizabeth Acevedo Marin (Orientadora)
Doutora em História e Civilização
Universidade Federal do Pará

Prof.^a Marcela Vecchione Gonçalves (Examinadora Interna)
Doutora em Ciência Política
Universidade Federal do Pará

Prof.^a Jurandir Santos de Novaes (Examinadora Externa)
Doutora em Geografia Humana
Universidade Federal do Pará

Às quebradeiras de coco babaçu, mulheres fortes, aguerridas e diferenciadas, as quais possuem uma relação tão bonita com a palmeira de babaçu, sendo esta uma mãe, símbolo de cuidado e vida, que através da alimentação permite a existência.

AGRADECIMENTOS

Ao Programa de Formação Internacional de Especialistas em Desenvolvimento de Áreas Amazônicas (FIPAM)/Gestão Ambiental e Manejo de Paisagem, do Núcleo de Altos Estudos Amazônicos (NAEA), pelo rico conhecimento adquirido sobre a Pan-Amazônia, em especial a Amazônia brasileira.

A minha querida orientadora Rosa Acevedo, por presentear-me com este trabalho. Pela compreensão, paciência e dedicação dadas a este trabalho de pesquisa.

À professora Rita da Costa da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA), pelo apoio e sugestões dados à pesquisa de campo.

À Cledeneuza Oliveira, quebradeira de coco babaçu de São Domingos do Araguaia, a quem tem tenho grande admiração, por receber-me em sua casa e guiar-me ao encontro das outras quebradeiras do sudeste do Pará.

A todas as quebradeiras e seus familiares, por terem gentilmente colaborado com o presente trabalho.

À Larissa da Costa, estudante do curso de Educação do Campo da UNIFESSPA, pelo apoio à pesquisa de campo.

Ao Jones Remo, pelo auxílio na confecção do mapa.

Aos meus amados pais, Sônia e Claumiro, pelo amor, carinho e educação. Por me ensinarem os valores da humildade e persistência.

A minha irmã Tatiane, pelo amor, carinho e ensinamentos.

Aos meus irmãos Bruno e Breno, pelo amor, carinho e alegria de sempre.

Ao meu companheiro Miguel, pelo amor, carinho e compreensão. Por ensinar-me acreditar na esperança desde que lutemos.

Aos meus amigos do FIPAM/2016, pelas discussões, trocas de ideias e alegrias, em especial à Mayara, à Rafaela, ao Arthur e ao Filipe.

A todos que contribuíram direta ou indiretamente para a realização deste trabalho.

RESUMO

As quebradeiras de coco babaçu constituem comunidades tradicionais cujo modo de existência está vinculado às florestas de babaçu, presentes na região ecológica do babaçu nos estados do Maranhão, Tocantins, Piauí e Pará onde o Movimento Interestadual das Quebradeiras de Coco Babaçu (MIQCB) se faz presente. Objetivamos investigar a diversidade de flora e fauna nos territórios das quebradeiras nos municípios de São Domingos do Araguaia, São João do Araguaia, Brejo Grande do Araguaia e Palestina do Pará, sudeste do Pará, Amazônia Oriental, além de conhecer os obstáculos que interferem nos seus meios de vida, na biodiversidade e no clima. Utilizamos entrevistas semiestruturadas, registro audiovisual, desenhos e imagens para identificação de espécies com quebradeiras de seis povoados, além de marcação de coordenadas geográficas para confecção de mapas. A pesquisa apoia-se teoricamente nos estudos de Almeida, Shiraishi Neto, Porro e Novaes. Conforme os relatos, onde existe maior quantidade de vegetação, dominada por babaçuais, constatou-se maior biodiversidade, ao contrário das áreas onde há menos vegetação e menos babaçuais. As quebradeiras associaram a diminuição das espécies, bem como seu desaparecimento, à poluição de rios e ao aumento do desmatamento. Em todas as falas é evidente a preocupação com a diminuição da riqueza de espécies. A mudança no clima é notória para muitas que também são agricultoras, demarcando o período de “chuva, menos chuva e verão”, conferindo mudanças nesses ciclos. As quebradeiras também são extrativistas, artesãs, etc, possuem relação direta com as plantas, apresentando vasto conhecimento sobre as espécies medicinais. Temem pelo futuro dessa atividade sendo mais que um sustento, tendo a palmeira como mãe. As quebradeiras manifestaram descontentamento com os resultados da atividade voltada para o coco babaçu, pois as palmeiras têm diminuído em consequência da quantidade derrubada e do envenenamento das pindovas, o que atribuem aos fazendeiros da região. Muitas mulheres, principalmente as mais jovens, buscam outras formas de trabalho. Outro desestímulo é a falta de estrutura, como transporte para facilitar o deslocamento dos cocos para a sede. As quebradeiras de coco babaçu apresentam conhecimentos sobre a biodiversidade dos babaçuais, sendo portanto cuidadoras dessas florestas e consequentemente responsáveis por sua manutenção e proteção das espécies. Entretanto, a situação das florestas de babaçu é alarmante, visto que a quantidade vem diminuindo o que tem sido agravado pelo aumento do desmatamento nos municípios de estudo. Esperamos contribuir para o movimento das quebradeiras evidenciando a biodiversidade presente nas florestas de babaçu e a importância da conservação desses ecossistemas para a Amazônia. O presente estudo torna-se ferramenta essencial para o auxílio nas tomadas de decisão no que tange a gestão ambiental de áreas amazônicas.

Palavras-chave: quebradeira de coco babaçu; floresta de babaçu; mudanças climáticas.

ABSTRACT

The babaçu coconut breakers constitute traditional communities whose way of existence is linked to the babaçu forests, present in the ecological region of babaçu in the states of Maranhão, Tocantins, Piauí and Pará, where the Interstate Movement of Babaçu Coconut Breakers (MIQCB in portuguese) is present. We aim to investigate the diversity of flora and fauna in the territories of the breakers in the municipalities of São Domingos do Araguaia, São João do Araguaia, Brejo Grande do Araguaia and Palestina do Pará, southeastern Pará, Eastern Amazonia, besides knowing the obstacles that interfere in their livelihoods, biodiversity and climate. We used semi-structured interviews, audiovisual records, drawings and images to identify species with breakers from six villages, as well as marking of geographical coordinates for mapping. The research is theoretically based on the studies of Almeida, Shiraishi Neto, Porro and Novaes. According to the reports, where there is a greater amount of vegetation, dominated by babaçuais, it was verified greater biodiversity, unlike the areas where there is less vegetation and less babaçuais. The breakers associated the decrease of the species, as well as their disappearance, with pollution of rivers and the increase of deforestation. In all the speeches it is evident the preoccupation with the diminution of the wealth of species. The change in climate is notorious for many who are also farmers, marking the period of "rain, less rain and summer", giving changes in these cycles. The breakers are also extractivists, artisans, etc., have a direct relationship with plants, presenting vast knowledge about medicinal species. They fear for the future of this activity being more than a livelihood, having the palm as their mother. The breakers expressed discontent with the results of the activity directed to the babaçu coconut, because the palm trees have diminished as a result of the amount overturned and the poisoning of the pindovas, which they attribute to the farmers of the region. Many women, especially younger women, seek other forms of work. Another disincentive is the lack of structure, such as transport to facilitate the displacement of the coconuts to the seat. The babaçu coconut breakers present knowledge about the biodiversity of the babaçuais, being therefore caretakers of these forests and consequently responsible for their maintenance and protection of the species. However, the situation of babaçu forests is alarming, since the quantity has been decreasing, which has been aggravated by the increase in deforestation in the municipalities studied. We hope to contribute to the breakers movement by highlighting the biodiversity present in the babaçu forests and the importance of conserving these ecosystems for the Amazon. The present study becomes an essential tool to aid decision making in the environmental management of Amazonian areas.

Keywords: babaçu coconut breaker; forest of babaçu; climate changes.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES E TABELAS

Figura 1 - Mapa das áreas de estudo evidenciando a localização dos povoados estudados.....	5
Tabela 1 - Dados socioambientais dos municípios de estudo.....	7
Figura 2 – Mapa conceitual das quebradeiras de coco babaçu de seis localidades nos municípios de São Domingos do Araguaia, São João do Araguaia, Palestina do Pará e Brejo Grande do Araguaia no sudeste do Pará, Amazônia Oriental, Brasil.....	9
Figura 3 - Dona Zilda, quebradeira de coco babaçu de São José, município de São Domingos do Araguaia-PA, em seu quintal e à direita sua horta feita dentro de um casco de geladeira e sua pimenteira bem à frente entrelaçada a um pé de cupuaçu.....	39
Figura 4 - Dona Francisca, quebradeira de coco babaçu de São José, município de São Domingos do Araguaia-PA e seu marido.....	41
Figura 5 - As quebradeiras dialogam sobre a realidade local em uma roda de conversa no povoado São Benedito, município de São Domingos do Araguaia-PA. Da esquerda para a direita: Rita, Cledeneuza, Edna, Maria, Davi (neto de dona Edna), Enemísio (filho de dona Cledeneuza), Iracema, Francisca (neta de dona Iracema) e Tássia (pesquisadora).....	44
Figura 6 - Roda de conversa com as quebradeiras de coco babaçu e familiares m 21 de Abril, município de São João do Araguaia-PA. Da esquerda para a direita: na fotografia da esquerda estão Raimundo, Luzia, Paulo e Joseane e na fotografia da direita estão Gildan, Cledeneuza (costas), Raimundo, amigos de Paulo, Carmelita, Paulo e Luzia. Nesta última, estavam realizando a atividade de identificação de espécies através de catálogos.....	48
Figura 7 - Dona Maria do Jaó, quebradeira de coco babaçu de Palestina, em seu exuberante quintal com inúmeras espécies de plantas, como frutíferas, hortaliças, ornamentais e medicinais, além de uma enorme palmeira de babaçu. Município de Palestina do Pará-PA.....	50
Figura 8 - Quebradeiras de coco babaçu em plena atividade no povoado Itamerim, município de Brejo Grande do Araguaia-PA. À frente, da esquerda para a direita: Maria Cleude, Francisca Silva, Raimunda, Francisca Rita, Filomena e Jucilene. Ao fundo, um senhor parente de quebradeira, Cledeneuza e uma senhora parente de quebradeira.....	52
Figura 9 - Quebradeiras de coco babaçu de Santa Rita, município de Brejo Grande do Araguaia-PA, em atividade de identificação das espécies através de catálogos. Da esquerda para a direita: Cledeneuza, Áuria, Cileide, Maria, Cleudene, Jucilene e Larissa ao fundo (estudante do curso de Educação do Campo da UNIFESSPA).....	56
Figura 10 - Quebradeiras de coco de São Benedito, município de São Domingos do Araguaia-PA, cantam uma música, com a participação especial da encantadeira Iracema. Da esquerda para a direita: Rita, Edna, Iracema, Cledeneuza, Maria e Francisca.....	60
Figura 11 - Dona Francisca em seu quintal. À esquerda, suas hortas, pimenta-do-reino, bananeiras ao fundo, e à direita, segurando laranjas apanhadas na hora de sua laranjeira, ao fundo, babaçus secando para posteriormente serem quebrados. Povoado São José, município de São Domingos do Araguaia-PA.....	62
Figura 12 - Dona Olívia em seu quintal onde são encontradas inúmeras espécies de plantas. Povoado São José, município de São Domingos do Araguaia-PA.....	63
Figura 13 - Dona Maria Helena em seu quintal onde se tem uma casinha, na qual se quebra o coco, comum nos quintais das quebradeiras. Ela também extrai várias substâncias de plantas, caroços, sementes e produz cremes e óleos alimentícios e medicinais. À direita, um pé de mamona, planta medicinal de onde Maria Helena extrai um óleo. Povoado São José, município de São Domingos do Araguaia-PA.....	63
Figura 14 - Quintal de Dona Zilda evidenciando, à esquerda, a casinha onde são armazenados os cocos, sacas com casca para carvão e outros materiais como carrinho de mão geralmente utilizados	

para a quebra do coco, além de plantas ao fundo, uma grande mangueira e galinhas, e à direita, sua horta em meio a outras plantas no fundo do quintal. Povoado São José, município de São Domingos do Araguaia-PA.....	65
Figura 15 - Cledeneuza nos leva a um babaçual em capoeirão localizado em São Domingos do Araguaia-PA.....	67
Figura 16 - Raimundo e Carmelita nos levam para conhecer a diversidade da floresta, da esquerda para a direita, Raimundo, Cledeneuza e Carmelita em babaçual de floresta primária, à esquerda nota-se o cipó conhecido como escada-de-jabuti e à direita uma grande palmeira de babaçu entrelaçada a uma árvore. Em 21 de Abril, São João do Araguaia-PA.....	69
Figura 17 - Quintal da quebradeira de coco babaçu Maria do Jaó onde se pode ver a variedade de plantas, à esquerda um mamoeiro, à direita a carnaúba e ao fundo uma grande horta suspensa. Município de Palestina do Pará-PA.....	71
Figura 18 - Quintal de Jucilene onde se pode ver variedade de plantas, à esquerda ela colhendo uma parte de cebolinha para Cledeneuza vender na feira para ela e à direita um monte de coco debaixo de seu pomar e animais de pequeno porte como galinhas. No povoado Itamerim, município de Brejo Grande do Araguaia-PA.....	73
Figura 19 - À esquerda, o cofo de carregar os cocos, feito de palha da folha do babaçu. À direita, o macete de quebrar o coco feito de uma espécie chamada camafim.....	74
Figura 20 - À esquerda, a estrutura para guardar o coco feito de uma espécie vegetal, bem como o pilão com o socador (dentro está a casca do bacuri).....	75
Figura 21 - Dona Luzia segura um cipó utilizado para amarrar estruturas, como a da direita onde se observa também as palhas oriundas das folhas da palmeira de babaçu.....	75
Figura 22 - Amêndoas tiradas através da quebra do coco babaçu para a elaboração do azeite em que a demonstração se faz por Dona Cledeneuza a qual separa o azeite que estava decantando.....	76
Figura 23 - Carmelita segura um punhado de mesocarpo, parte intermediária do coco babaçu, usado para diversos produtos alimentícios, e ao lado, o carvão produzido a partir da casca do coco...	76
Figura 24 - Em frente à casa de Dona Olívia, as mulheres quebradeiras de coco babaçu conversam sobre seus conhecimentos em plantas medicinais. Da esquerda para a direita, Cledeneuza, Olívia e Maria Helena. No povoado São José, município de São Domingos do Araguaia-PA.....	77
Figura 25 - O trabalho extrativista de Maria Helena produzido em casa através de variadas plantas e suas partes como caroços e sementes. À esquerda, Maria Helena mostra à Cledeneuza a pasta produzida através de caroços de cupuaçu e à direita, os óleos de andiroba e mamona. No povoado São José, município de São Domingos do Araguaia-PA.....	78
Figura 26 - Dona Zilda e sua produção de variados produtos a partir do caroço do cupuaçu, na vasilha do chão estão os caroços a secar e a que está na sua mão estão os mais frescos. Cledeneuza e Zilda conversam sobre a produção. No povoado São José, município de São Domingos do Araguaia-PA.....	80
Figura 27 - Quintal de Maria do Jaó com suas inúmeras plantas medicinais plantadas em hortas suspensas, em vasos ou vasilhas e plantadas no chão. Em Palestina do Pará-PA.....	81
Figura 28 - Dona Francisca em seu quintal mostrando sua malva-do-reino bastante viçosa em um canteiro. Povoado São José, município de São Domingos do Araguaia-PA.....	82
Figura 29 - Quintal de Dona Olívia evidenciando-se à esquerda a sua planta sete-dor em um canteiro suspenso, e à direita, um arbusto de canarana, além de uma sementeira com mudinhas em uma bacia atrás. Povoado São José, São Domingos do Araguaia-PA.....	83
Figura 30 - À esquerda, dona Cledeneuza em seu quintal colhendo uma substância medicinal no pião branco para sua vizinha, e à direita, evidenciando a planta dedo-de-cristo. Na casa de Cledeneuza que fica no centro de São Domingos do Araguaia-PA.....	83

Figura 31 - À esquerda, Dona Luzia ao lado de algumas plantas de seu quintal, entre elas, medicinais e ornamentais. À direita, Carmelita em seu quintal, evidenciando suas plantas medicinais e frutíferas. Em 21 de Abril, município de São João do Araguaia-PA.....	83
Figura 32 - Plantas ornamentais de Dona Maria Helena plantadas em frente à sua casa. Povoado São José, município de São Domingos do Araguaia-PA.....	84
Figura 33 - Desenho de Cledeneuza mostrando como era antigamente a área onde morava indicando um ambiente em harmonia, com as palmeiras de babaçu perto de sua casa. São Domingos do Araguaia-PA.....	86
Figura 34 - Desenho de Cledeneuza mostrando a situação atual do território das quebradeiras onde o pasto agora é predominante e o babaçu agora está preso dentro da fazenda o que antes era livre, pois era comum em vários lugares. São Domingos do Araguaia-PA.....	87
Figura 35 - Desenho de Rita mostrando como era o território do babaçu antigamente, indicando um ambiente em harmonia onde ela própria está inserida, a palmeira carregada de coco em frente de sua casa. São Domingos do Araguaia-PA.....	88
Figura 36 - Desenho de Rita indicando a área do babaçu atualmente, sendo evidente a ausência de diversidade de espécies, inclusive de pessoas, sendo uma paisagem bastante homogênea. São Domingos do Araguaia-PA.....	89
Figura 37 - Desenho de Francisca mostrando como era o espaço do território do babaçu antigamente, indicando um espaço em harmonia onde se misturam o espaço de viver com o espaço de trabalhar. São Domingos do Araguaia-PA.....	90
Figura 38 - Desenho de Francisca mostrando como está atualmente o espaço do babaçu, indicando um paisagem homogênea de gado e capim onde o espaço do viver não se mistura mais com o espaço de trabalhar. São Domingos do Araguaia-PA.....	91
Figura 39 - No desenho de Dona Edna é mostrado o espaço do babaçu, indicando um distanciamento dessa área do espaço de viver em que a paisagem apresenta-se de forma a separar a área do babaçu da área de moradia. São Domingos do Araguaia-PA.....	92
Figura 40 - Desenho de Enemísio, filho da quebradeira de coco Cledeneuza, indicando uma certa diversidade através de uma paisagem não homogênea. São Domingos do Araguaia-PA.....	93
Figura 41 - Desenho de Carmelita mostrando o espaço do babaçu, que apesar de poucos elementos, nota-se a presença da palmeira babaçu com outra árvore, indicando uma certa harmonia. São João do Araguaia-PA.....	94
Figura 42 - Desenho de Paulo, filho da quebradeira de coco Luzia, sugerindo harmonia entre os elementos da natureza, a palmeira de babaçu está ao lado da casa indicando a proximidade da área do babaçu. São João do Araguaia-PA.....	95
Figura 43 - Desenho de Maria no qual evidencia-se o espaço de moradia e de trabalho com os seus elementos como as casas, a igreja, a casa das quebradeiras e a área dos pés de coco babaçu, apresentando-se de modo delimitado. Brejo Grande do Araguaia-PA.....	96
Figura 44 - Desenho de Cileide no qual evidencia-se o espaço de moradia e de trabalho através das casas, do MIQCB e do homem com a mulher carregando coco. Brejo Grande do Araguaia-PA.....	97
Tabela 2 - Espécies botânicas encontradas nos povoados de estudo.....	100
Tabela 3 - Espécies de fauna encontradas nos povoados de estudo.....	107
Figura 45 - Área de florestas nos municípios de estudo (São Domingos do Araguaia, São João do Araguaia, Brejo Grande do Araguaia e Palestina do Pará) no período de 2004 a 2014.....	116
Figura 46 - Área de desmatamento nos municípios de estudo (São Domingos do Araguaia, São João do Araguaia, Brejo Grande do Araguaia e Palestina do Pará) no período de 2004 a 2014.....	117
Figura 47 - Cartaz da campanha contra o desmatamento do Movimento Interestadual das Quebradeiras de Coco Babaçu (MIQCB).....	117

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	1
1.1	ÁREA DE ESTUDO.....	4
1.2	METODOLOGIA.....	8
1.2.1	Levantamento Bibliográfico	9
1.2.2	Entrevistas.....	9
1.2.3	Registro audiovisual – Fotografia, Gravação de áudio e Vídeo	10
1.2.4	Registro iconográfico – Desenhos	11
1.2.5	Identificação de espécies através de guia, catálogo e imagens selecionadas	12
2	BIODIVERSIDADE NOS BABAÇUAIS	15
2.1	DEVASTAÇÃO DOS BABAÇUAIS.....	16
2.2	FLORA E FAUNA.....	19
2.3	AGENTE SOCIAL: PROTEÇÃO DAS ESPÉCIES.....	24
2.4	CAPIM E BABAÇU: QUEM PLANTA E QUEM CONSOME?.....	31
3	AS QUEBRADEIRAS: CONHECIMENTOS SOBRE A BIODIVERSIDADE DOS BABAÇUAIS	38
3.1	CUIDADORAS DOS BABAÇUAIS.....	38
3.2	CONHECEDORAS DA BIODIVERSIDADE.....	61
3.3	CONHECEDORAS DA FLORA: PLANTAS MEDICINAIS.....	76
4	SITUAÇÃO DOS BABAÇUAIS NOS MUNICÍPIOS DE ESTUDO	85
4.1	SÃO DOMINGOS, SÃO JOÃO, BREJO GRANDE E PALESTINA.....	85
4.2	AINDA HÁ BIODIVERSIDADE?.....	98
4.3	MUDANÇAS CLIMÁTICAS.....	110
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	119
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	122
	APÊNDICES	128
	APÊNDICE A	129
	APÊNDICE B	130
	APÊNDICE C	131

1 INTRODUÇÃO

A Amazônia é uma região de grande destaque por toda a sua importância biológica, socioambiental e climática (PERES *et al.*, 2010; GARDNER *et al.*, 2013; MALHI *et al.*, 2008). Ao mesmo tempo, a região enfrenta grandes problemas socioeconômicos e ambientais, dentre esses, o desmatamento, que, apesar da diminuição na última década, ainda apresenta taxas anuais muito altas (FEARNSIDE, 2015) e verifica-se a retomada do aumento do desmatamento a partir de 2012 (INPE, 2014).

Múltiplos atores sociais oriundos dos processos de migração geralmente relacionados à busca por recursos naturais compõem a Amazônia. De forma equivocada os grupos populacionais dessa região são homogeneizados ao passo que estes mostram elevada diversidade sociocultural e ambiental; apresentam processos de territorialização e territorialidades específicas (ALMEIDA, 2008).

Na segunda metade do século XX, vários grupos se mobilizaram em reação aos grandes empreendimentos que se apresentaram como capazes de alavancar o “desenvolvimento” da região. Todavia as políticas desenvolvimentistas se mostravam contrárias aos modos de vida dos povos indígenas e comunidades tradicionais: extrativistas, agricultores, pescadores, em especial. Nesse período, houve o surgimento de movimentos ambientalistas preocupados com a crise ecológica, então o discurso das comunidades tradicionais se alia ao ambientalista como estratégia de luta contra os grupos hegemônicos (CARNEIRO DA CUNHA & ALMEIDA, 2000).

Santilli (2005) ao estudar o socioambientalismo afirma que esse novo paradigma surge no Brasil na segunda metade dos anos 1980, a partir de articulações políticas entre os movimentos sociais e o movimento ambientalista. De acordo com a autora, foi construído a partir da ideia de que as políticas públicas ambientais devem incluir e envolver as comunidades locais, detentoras de conhecimentos e de práticas de manejo ambiental.

Para a consolidação desse novo paradigma foram cruciais a Constituição Federal de 1988 – em que biodiversidade e sociodiversidade são protegidas pela nova Constituição, a Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e o Desenvolvimento (ECO-92) – pela qual foi pautada a formulação de políticas públicas sociais e ambientais em todo o mundo, e a Convenção sobre a Diversidade Biológica (CDB) – em que os objetivos são a conservação da diversidade biológica, a utilização sustentável de seus componentes e a repartição justa e equitativa dos benefícios derivados da utilização dos recursos genéticos (SANTILLI, 2005).

O socioambientalismo passou a representar uma alternativa ao conservacionismo/preservacionismo ou movimento ambientalista tradicional, sendo este mais distante dos movimentos sociais, das lutas políticas por justiça social e cético quanto à possibilidade de

envolvimento das populações tradicionais na conservação da biodiversidade (SANTILLI, 2005). Ao contrário desta última perspectiva do ambientalismo, pesquisas em etnobotânica indicam que o manejo ambiental, consciente ou inconsciente, entre os índios amazônicos contemporâneos, aumenta, ao invés de reduzir, a diversidade ecológica (NEVES, 2000). E que as evidências crescentes para uma origem antrópica das terras pretas mostram que a paisagem amazônica, como nós a conhecemos hoje, não é só um produto da natureza, mas também da cultura, resultante de milênios de manejo humano (NEVES, 2000).

O socioambientalismo nasceu, portanto, baseado no pressuposto de que as políticas públicas ambientais só teriam eficácia social e sustentabilidade política se incluíssem as comunidades locais e promovessem uma repartição socialmente justa e equitativa dos benefícios derivados dos recursos naturais (SANTILLI, 2005). Nesse sentido, o socioambientalismo contribui para o etnodesenvolvimento dos povos o qual, segundo Stavenhagen (1985), significa que a etnia, autóctone, tribal ou outra, detém o controle sobre suas próprias terras, seus recursos, sua organização social e sua cultura, portanto, sendo livre para negociar com o estabelecimento de relações segundo seus interesses.

Comunidades tradicionais criam e recriam suas territorialidades que se atrelam ao meio onde estão inseridas através dos recursos naturais o que torna isto complexo (FRANÇA *et al.*, 2015). Além do mais, possuem uma relação simbólica e de pertencimento com o seu território, portanto suas lutas vão além de reivindicação fundiária e perpassam por sobrevivência e reconhecimento como sujeitos (SOUZA, 2014).

De acordo com Almeida (2008), diferentes instrumentos jurídicos buscam reconhecer especificidades dos povos que incluem o regime de economia familiar e comunitária no qual se tem o livre acesso e uso comum dos recursos. Para o autor, nas formas de reconhecimento jurídico das modalidades que caracterizam as “terras tradicionalmente ocupadas”, o uso comum aparece combinado tanto com a propriedade quanto com a posse, de maneira perene ou temporária, envolvendo diferentes atividades produtivas exercidas por unidades de trabalho familiar.

A diversidade de comunidades vinculadas às “terras tradicionalmente ocupadas” engloba seringueiros, castanheiros, quilombolas, indígenas, pescadores, quebradeiras de coco babaçu, etc (ALMEIDA, 2004). Essas comunidades vêm travando lutas em prol de sua existência que cada vez mais fica ameaçada frente às políticas ainda de cunho desenvolvimentista sob o discurso do progresso.

As quebradeiras de coco babaçu constituem comunidades tradicionais cujo modo de existência está vinculado às florestas de babaçu e estão presentes no Maranhão, Tocantins, Piauí

e Pará (NOVAES, 2016)¹. Suas lutas se tornaram mais visíveis através do Movimento Interestadual das Quebradeiras de Coco Babaçu (MIQCB) criado em 1995², a partir de então alguns avanços foram alcançados. Isto evidencia a importância da organização dos grupos sociais pelo fortalecimento de grupos locais que se dá através de entidades de representação como associações, movimentos, portanto unidades de mobilização (ALMEIDA, 1994).

O babaçu como recurso de uso comum das quebradeiras de coco traz à tona um ordenamento territorial diferenciado, o ordenamento de vida, no qual a necessidade por recursos e seu uso é que vai delinear o território, e não instrumentos hierarquizados pelos quais se fragmentam os territórios de acordo com os interesses econômicos. Portanto, essa nova territorialidade opõe-se à região tida por decretos governamentais ou por critérios oficiais de zoneamento ecológico-econômico (ALMEIDA, 1995).

Apesar do amparo legal pela Constituição Federal de 1988, as comunidades tradicionais ainda sofrem com o descaso, fruto do não reconhecimento enquanto sujeitos sociais diferenciados, visto que as estruturas brasileiras ainda estão arraigadas no autoritarismo de épocas coloniais (HENNING, SILVA & COLAÇO, 2015). Conseqüentemente a esse não reconhecimento, a sobrevivência dessas comunidades é abalada diretamente, pois necessitam de territórios nos quais é praticado o uso comum dos recursos naturais. Logo, exponho um trecho³ da fala de dona Edna, quebradeira de coco babaçu de São Domingos do Araguaia, o que reflete parte da realidade dessas comunidades:

“Cada dia passa a gente tá criando os filho e tá ficando mais difícil porque enquanto eu panhava bem aqui no quintal agora eu não panho mais no quintal porque o vizinho da terra derrubou então vai ficar com 2 ou 3 quilômetros. Então pra gente coletar esse coco vai depender de carro. Nós não temos parceria, a gente poderia ter uma parceria com a prefeitura e ela não tem. E aí você vai pagar um frete num dá pra tirar, num compensa. Então tudo isso é difícil, e aí ainda tem aquele porém ele faz do babaçu o que ele quer (...)”. (Dona Edna, quebradeira de coco do povoado São Benedito. Relato para pesquisa de campo, 2017)³.

Através do levantamento bibliográfico, confere-se que a existência de pluralidade sociocultural e ambiental resulta em existência de diversidade de recursos naturais. Logo, lanço a hipótese de que as diferentes atividades produtivas executadas por comunidades tradicionais

¹ Fonte: Colóquio de Economia/Universidade Federal do Pará. Palestra da Profª Drª Jurandir Santos Novaes sobre a “Cartografia social dos babaçuais: mapeamento social da região ecológica do babaçu” em 9 de novembro de 2016.

² Fonte: Biografia de Cledeneuza Maria Bizerra Oliveira. Sou filha de quebradeira de coco, p17, 2017.

³ Fonte: Relato obtido em pesquisa de campo em abril de 2017 no povoado São Benedito, município de São Domingos do Araguaia-Pa, para a elaboração do presente trabalho de pesquisa.

são acompanhadas de diversidade de uso dos recursos, o que leva a acreditar que em seus territórios haja alta riqueza e diversidade de espécies.

Nesse sentido, o presente estudo objetivou investigar a diversidade de espécies de flora e fauna das florestas de babaçu, através das falas das quebradeiras de coco babaçu no Pará, conhecer os obstáculos que dificultam seus meios de vida e interferem na biodiversidade e no clima. Objetiva também contribuir para o movimento das quebradeiras no sentido de evidenciar a biodiversidade presente nas florestas de babaçu, meios de vida dessas comunidades, e a importância da conservação desses ecossistemas para a Amazônia. Além de que, o presente estudo torna-se ferramenta essencial para o auxílio nas tomadas de decisão no que tange a gestão ambiental de áreas amazônicas.

A pesquisa de campo foi realizada através de entrevistas semiestruturadas, diálogos e discussões de alguns temas referentes aos babaçuais. Para isto, foram feitas visitas *in loco* onde pude acompanhar um pouco as atividades diárias das quebradeiras. Nestas visitas foram reservados alguns momentos para a realização de atividades como a elaboração de desenhos para o resgate da mudança ocorrida nos babaçuais. Para melhor captar e documentar as informações, foram utilizadas gravações de áudio e vídeo, bem como registro fotográfico, consentidos pelas quebradeiras.

Com enfoque sistêmico, a pesquisa se dá na perspectiva da epistemologia ambiental a qual pensa o saber ambiental sob uma política da diversidade e da diferença, rompendo com o projeto positivista, dando lugar aos saberes subjugados, criticando a retórica do desenvolvimento sustentável e propondo a construção de novos conceitos para fundar uma nova racionalidade social e produtiva (LEFF, 2012).

1.1 ÁREA DE ESTUDO

As áreas de estudo estão localizadas no sudeste do estado do Pará, cerca de 500 km ao sul da capital, abrangendo os municípios de São Domingos do Araguaia, São João do Araguaia, Brejo Grande do Araguaia e Palestina do Pará. As localidades de estudo foram São José (5°36'53.6"S e 48°42'55.0"O), São Benedito (5°38'03.5"S e 48°54'33.4"O) e Centro (5°32'05.9"S e 48°43'56.7"O) no município de São Domingos do Araguaia, 21 de Abril (5°26'29.9"S e 48°51'05.5"O) no município de São João do Araguaia, Itamerim (5°39'50.2"S e 48°17'21"O) e Santa Rita (5°37'18.8"S e 48°20'03.7"O) no município de Brejo Grande do Araguaia, além de Palestina do Pará, centro (5°44'33.7"S e 48°18'43.4"O). Uma pesquisa de sondagem foi realizada no Laboratório Nova Cartografia Social (5°21'55.4"S e 49°01'30.7"O) da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA) no município de Marabá (Figura 1).

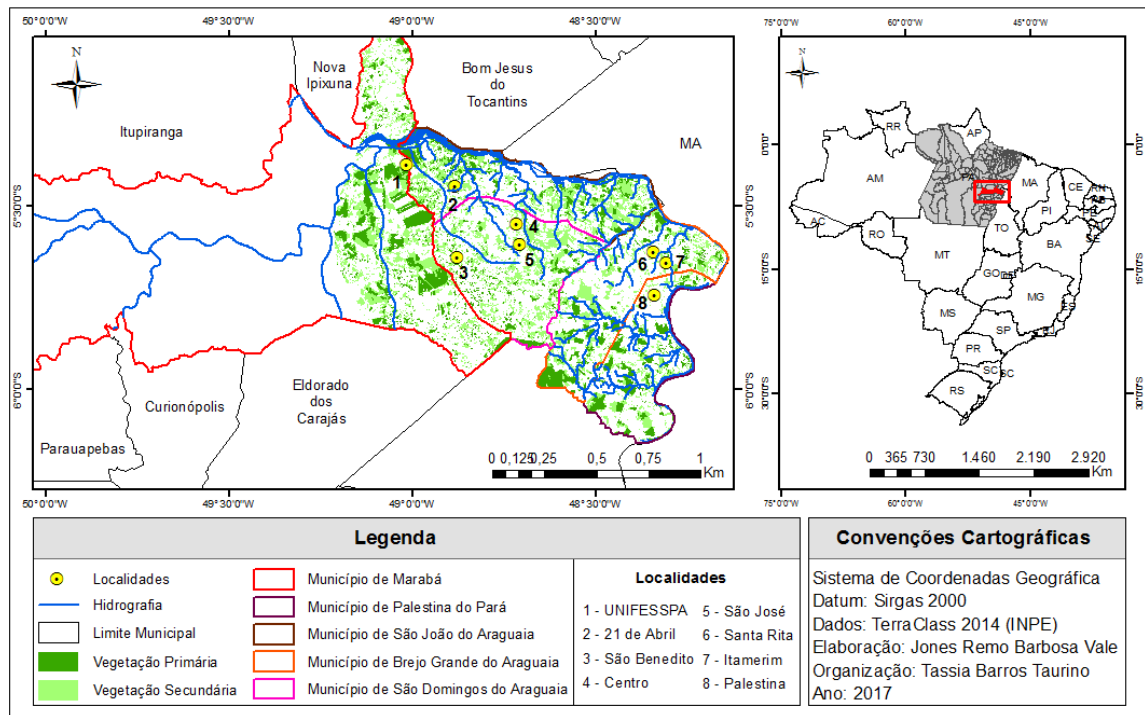


Figura 1: Mapa das áreas de estudo evidenciando a localização dos povoados estudados.

O clima da região de estudo caracteriza-se por uma transição de *Aw* para *Am* (clima tropical à clima de monções) de acordo com a classificação de Köppen (1936), com período chuvoso de dezembro a abril e outro menos chuvoso de julho a outubro, a precipitação anual acumulada para os municípios é de 1600 a 1800 mm (INMET, 2016). Os principais rios são o Araguaia e o Tocantins, entre outros como Ubá, Taurizinho e vários igarapés (PNCSA, Fascículo 5, 2014)⁴.

Os municípios localizam-se na região conhecida como “arco do desmatamento”, com histórico marcado por grandes conflitos em que pela lógica desenvolvimentista, políticas de ocupação foram implantadas de forma abrupta, sem planejamento adequado, com objetivo de desenvolver a Amazônia (SCHMINK & WOOD, 2012). Alguns dados socioambientais encontram-se na Tabela 1.

A área de estudo tem em seu histórico a Guerrilha do Araguaia em que as consequências ainda respingam no Bico do Papagaio (área com vários municípios onde o Araguaia encontra o

⁴ Fonte: Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia (PNCSA), Fascículo 5. Quebradeiras de coco babaçu e agroextrativistas – Sudeste do Pará, 2014.

Tocantins dando a forma de bico de papagaio), pois como afirma Peixoto (2013), após a guerrilha, a questão agrária foi militarizada, ganhando foro de segurança nacional, bem como o recorte geográfico dessa região onde as milícias armadas continuam a agir na sombra do descaso oficial. E ainda conforme o autor, é preciso aclarar o passado buscando as causas para compreender o presente, e então descontinuar a história de abusos sobre índios e camponeses que caracteriza o Bico do Papagaio.

Ao longo de suas histórias, os municípios apresentam múltiplos atores sociais que participaram de sua construção ocasionando grandes intervenções no ambiente, as quais afetaram e ainda afetam as florestas através dos diversos usos da terra, transformando as áreas florestais remanescentes em florestas secundárias e em perdas de vegetação. Esse histórico é refletido nas diferenças observadas atualmente na cobertura vegetal. Por exemplo, em São Domingos do Araguaia há apenas 107.88 km² (7,74%) de florestas, ao passo que em São João do Araguaia há 179.28 km² (14%), enquanto que em Brejo Grande do Araguaia e em Palestina do Pará apresentam valores intermediários com 168.39 km² (13,06%) e 137.63 km² (13,98%), respectivamente (INPE, 2014).

Dados do Projeto Terraclass mostram perda progressiva de áreas de florestas nesses municípios (INPE, 2014) nos quais a região ecológica do babaçu está inserida, compreendida pelas florestas de babaçu (NOVAES, 2016). Ou seja, essa região envolve vários processos ecológicos interligados onde se conecta a biodiversidade - compreendida por ampla diversidade já que engloba áreas de transição de biomas - aos processos bióticos e abióticos, acrescentando-se a essa conectividade o fator social, compreendido pelas quebradeiras de coco babaçu e suas atividades em que tal conexão mostra-se indissociável das florestas de babaçu. Portanto, essas florestas merecem especial atenção em razão de toda a sua importância socioecológica inserida em sistemas complexos.

Tabela 1: Dados socioambientais dos municípios de estudo.

Municípios	Á.Tot.¹	Á. Prot.³	Á. Assent.⁴	Á. Flor.⁴	Á. Desm.⁴	Pop. Tot.¹	D.Demo.¹	Pop. Urb.¹	Pop. Rur.¹	Educ.²	Saúde¹
São Domingos do Araguaia	1.392,50	12,86	489,29	107,88	2,42	23.140	16.62	15.262	7.878	3,4*	9,8%
São João do Araguaia	1.279,90	0	342,55	179,28	4,51	13.149	10.27	2.583	10.566	3,4*	15,1%
Brejo Grande do Araguaia	1.288,50	43,03	67,38	168,39	2,74	7.324	5.68	4.320	3.004	3,5**	7,7%
Palestina do Pará	984,40	0,63	133,21	137,63	1,72	7.487	7.61	4.572	2.915	3,7***	0,3%

Fonte: ¹IBGE (2010); ²IBGE (2015); ³ISA (2012); ⁴INPE (2014). Legenda: Á. Tot.=Área total (Km²); Á. Prot.=Área protegida (Km²); Á. Assent.= Área de assentamento (Km²); Á. Flor.= Área de floresta (Km²); Á. Desm.=Área de desmatamento (Km²); Pop. Tot.=População total (número de habitantes); D. Demo.=Densidade demográfica (habitantes/Km²); Pop. Urb.=População urbana (número de habitantes); Pop. Rur.=População rural (número de habitantes); Educ.=Educação (Média no IDEB-anos finais do ensino fundamental); Saúde (Porcentagem de domicílios com esgotamento sanitário adequado). *Posição 76 dos 144 municípios; **Posição 63 dos 144 municípios; ***Posição 38 dos 144 municípios.

1.2 METODOLOGIA

A metodologia de pesquisa do presente estudo dá-se no âmbito da pesquisa básica, qualitativa e quantitativa, em uma abordagem mista. Santos (2009) em seu trabalho no qual trata do tema da triangulação, concebida como procedimento promissor na busca da perspectiva quantitativa-qualitativa, o método misto representa uma proposta de conciliação dessas estratégias em vez da ultrapassada dicotomia, em que:

A triangulação de técnicas de pesquisa é um procedimento que possibilita a ampliação de perspectivas. Pode-se integrar, por exemplo, num mesmo estudo a pesquisa documental, dados estatísticos, coletados via questionário, e incluir, concomitantemente, a análise de conteúdo de depoimentos colhidos através de entrevistas. Desta forma, a multiplicidade de técnicas pode propiciar um conhecimento mais aprofundado do objeto de pesquisa e um grau maior de cientificidade. (SANTOS, 2009, p145).

Para Santos (2009), nos projetos de pesquisa mistos, os dados quantitativos são combinados com os qualitativos para comparar diferentes facetas da realidade com intuito de se ter uma melhor compreensão das características e fatores constituintes de determinado fenômeno social. Além de que, conforme a autora, a estratégia multimetodológica possibilita integrar a técnica de observação com a de entrevista e questionário, entre outras, em que a sobreposição de procedimentos permite analisar a problemática em estudo a partir de diversos ângulos e dimensões.

Nesse sentido, o presente estudo constituiu-se de algumas etapas em que foram usados métodos de cunho quantitativo e qualitativo. Para a primeira etapa, foi realizado levantamento bibliográfico inicial sobre o objeto de pesquisa como arcabouço teórico para as próximas etapas relacionadas à pesquisa de campo propriamente dita, além de um levantamento bibliográfico complementar após o trabalho de campo. A pesquisa apoia-se teoricamente nos estudos de Almeida, Shiraishi Neto, Porro e Novaes.

A pesquisa de campo se deu no período de 17 a 21 de abril de 2017 em quatro municípios localizados no sudeste do estado do Pará, abrangendo seis localidades e contou com a colaboração de 24 quebradeiras de coco babaçu (Figura 2). O campo se deu através de uma mistura de técnicas, como observação participante, história de vida, entrevistas, registro audiovisual, desenhos, uso de guias e catálogos, além de marcação de coordenadas geográficas para a elaboração de mapas das localidades visitadas.

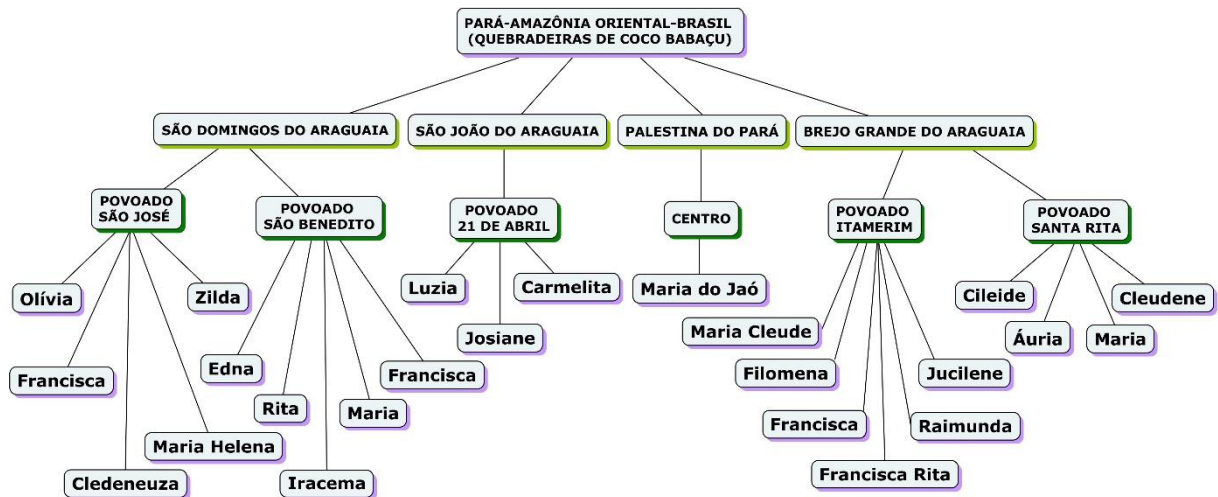


Figura 2: Mapa conceitual das quebradeiras de coco babaçu de seis localidades nos municípios de São Domingos do Araguaia, São João do Araguaia, Palestina do Pará e Brejo Grande do Araguaia no sudeste do Pará, Amazônia Oriental, Brasil.

1.2.1 Levantamento bibliográfico

Como primeira etapa da pesquisa, foi realizada uma revisão bibliográfica acerca do objeto de estudo. Para isto, foram selecionados artigos científicos, livros, teses e dissertações, bem como pesquisas pontuais em fascículo, informativo, vídeos, colóquio, seminário e buscas em *websites*, como o Nova Cartografia Social da Amazônia. Realizou-se levantamento de dados numéricos nos *websites* INPE, IBGE e Programa Municípios Verdes para a elaboração de tabelas e gráficos. Para a confirmação taxonômica das espécies de plantas, o *website* Flora do Brasil 2020, para fauna, o *website* Catálogo Taxonômico da Fauna do Brasil.

Para a realização do trabalho de campo, o Núcleo de Altos Estudos Amazônicos (NAEA), através do diretor, emitiu uma carta de apresentação da pesquisa para a professora Rita de Cássia Pereira da Costa, da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA) e do Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia (PNCSA), e para Cledeneuza Bezerra Oliveira, liderança do Movimento Interestadual das Quebradeiras de Coco Babaçu (MIQCB) no Pará (Apêndice A, p129, e Apêndice B, p130, respectivamente).

1.2.2 Entrevistas

Em cada localidade foram feitas entrevistas com perguntas semiestruturadas através de um roteiro previamente elaborado, mas com adaptações no decorrer das entrevistas. Optou-se por esse tipo de entrevista por possibilitar maior liberdade. O objetivo foi tornar a entrevista mais próxima de um diálogo, ou seja, de uma conversa. Antes de iniciar as entrevistas foram feitas explicações sobre do que se tratava o trabalho e como seria.

As perguntas foram realizadas de acordo com o roteiro previamente elaborado (Apêndice C, p131) abordando quatro grandes tópicos: 1) Perguntas sobre recursos hídricos, clima, solo, usos da terra e mudança da paisagem; 2) Perguntas sobre fauna, usos da terra e mudança da paisagem; 3) Perguntas sobre flora, usos da terra e mudança da paisagem; 4) Perguntas socioambientais.

As entrevistas são importantes para a coleta de dados e para Richardson, Dohrenwend & Klein (1965) podem ser estruturadas, não estruturadas e semiestruturadas, sendo este último tipo uma forma intermediária entre as citadas primeiramente. Para os autores, as entrevistas estruturadas são aquelas que apresentam um conjunto de questões em que o pesquisador indaga a cada sujeito na mesma sequência e usando as mesmas palavras. Já as não estruturadas ou completamente abertas são aquelas que apresentam um número de questões, mas não são específicas nem fechadas, apresentam um guia, podendo também haver a possibilidade de adição de novas questões.

As conversas fluíram conforme o que vinha ao momento, entrelaçando técnicas de entrevistas com observação participante e história de vida, por exemplo. A observação participante apresenta-se como estratégia de campo que combina a participação ativa com os sujeitos, observação intensiva em ambientes naturais, entrevistas abertas informais e análise documental. E a história de vida busca a visão da pessoa acerca das suas experiências subjetivas de certas situações inseridas em algum período de tempo (MOREIRA, 2002).

1.2.3 Registro audiovisual – Fotografia, Gravações de áudio e Vídeo

Para a pesquisa de campo, foram utilizados recursos audiovisuais, como gravador de áudio, câmera digital e *smartphone*, todos consentidos pelos participantes da pesquisa. Essas ferramentas auxiliam na interpretação da experiência humana, além de registrar o contexto em que se insere. Como afirma Bittencourt (1994), o uso da fotografia é apropriado para reconstruir no relato etnográfico os laços naturais entre atividades cotidianas, os indivíduos que as realizam e o contexto social nos quais estes eventos tomam corpo, além de que junto com o texto escrito torna-se um meio valioso para representar a vida cotidiana, representando o cenário no qual as atividades diárias, atores sociais e o contexto sociocultural são articulados e vividos.

Para Santos (2009), a técnica fotográfica é muito apropriada para estudos sobre família, assim como a técnica de história de vida. Para esta autora, o registro minucioso de acontecimentos, processos de trabalho, costumes e peculiaridades dos diversos atores sociais são documentados com câmaras digitais, obtendo-se assim, informações importantes sobre a estrutura e dinâmica social.

A fotografia apreende a essência do tempo no sentido em que ela enquadra um fato específico ocorrido em um determinado momento, trazendo de volta a imagem de faces, lugares, coisas, memórias, fatos históricos e sociais, relacionados aos momentos em que ocorreram (BITTENCOURT, 1994). A busca de reconhecimento da fotografia como estratégia importante de produção de conhecimento e de sua legitimidade na produção acadêmica está motivada pelo desejo de buscar outras visibilidades que possam evidenciar jogos de poder e processos de subjetivação (MAURENTE & TITTONI, 2007).

Recursos audiovisuais produzem maior riqueza de dados nas pesquisas que utilizam as técnicas de reconstrução histórica, história de vida e história oral. Além de que as novas mídias e programas de informática, que integram imagens com textos e sons, têm propiciado maior qualidade e precisão metodológica às pesquisas científicas (SANTOS, 2009).

A utilização simultânea de áudio e de vídeo por meio de filmagem em pesquisas qualitativas constitui escolha metodológica no sentido de apreender o fenômeno complexo em que os discursos e as imagens são suas partes inerentes. As autoras destacam a possibilidade de detectar contradições entre o discurso e o comportamento, que podem ser captadas por meio de filmagem e entrevistas (PINHEIRO, KAKEHASHI & ANGELO, 2005).

Portanto, pela junção de vídeos, gravações de áudio e fotografias, além de anotações, o presente estudo pôde compreender melhor o objeto de estudo, chegando a mais detalhes para determinadas análises. Em geral, as quebradeiras demonstraram gostar de serem fotografadas e filmadas, inclusive, uma quebradeira chegou a me perguntar se elas passariam na televisão.

Através do GPS do *smartphone* foi possível coletar as coordenadas geográficas das localidades de estudo. Nesse sentido, é relevante a confecção de mapas que abordem as localidades da etnodiversidade e região ecológica do babaçu, principalmente no âmbito da nova cartografia social. Logo, através das coordenadas geográficas foi possível a confecção do mapa das localidades de pesquisa as quais pertencem à região ecológica do babaçu no estado do Pará.

1.2.4 Registro iconográfico - Desenhos

Nessa metodologia, o objetivo foi de captar percepções dos participantes acerca do seu espaço, o qual insere-se na região ecológica do babaçu, através de desenhos elaborados pelos mesmos, demonstrando, portanto, a importância do desenho como registro e resgate de informações. Inicialmente, as quebradeiras demonstraram um pouco de resistência para executar a atividade, alegando não saber desenhar, mas com a explicação de que se tratava de um desenho simples, podendo ser apenas rabiscos, elas aceitaram o desafio.

Na primeira localidade em que utilizei essa metodologia, São Benedito (São Domingos do Araguaia-Pa), pedi para que cada um desenhasse a sua casa e a área de babaçu nos dias atuais e antes quando iniciaram a quebra do coco, resgatando a memória mais antiga. O pedido do antes e agora, deveu-se ao fato de que a maioria se queixou da diminuição das florestas de babaçu, alegando não haver mais como antigamente. A atividade foi finalizada com a gravação de cada um apresentando o seu desenho de forma bem sintética. Participaram da atividade alguns familiares das quebradeiras.

Na segunda localidade, 21 de Abril (São João do Araguaia-Pa), pedi para que eles desenhassem como veem o ambiente onde vivem o qual é marcado por florestas de babaçu inseridas em vegetação primária. Posteriormente fiz vídeos de cada um explicando sinteticamente o seu desenho. Essa localidade diferencia-se da primeira por estar dentro de floresta primária com babaçal de muitos anos, apresentando portanto grande diversidade de espécies. Participaram da atividade alguns familiares das quebradeiras.

Na terceira localidade, Santa Rita (Brejo Grande do Araguaia-Pa), a atividade se deu conforme a segunda, com a diferença de que nesta última localidade, a maioria se queixou da perda de florestas havendo baixa diversidade de espécies comparada à segunda localidade. Assim, pedi para que desenhassem como enxergam o seu entorno, a palmeira de babaçu, a sua casa, as plantas e os animais. Em seguida fiz um vídeo de cada uma explicando sinteticamente o seu desenho.

Assim, o desenho torna-se uma ferramenta importante para compreender melhor determinada realidade ou até mesmo a transformação dos espaços, como a atividade empregada na primeira localidade em que foi feito o antes e agora (presente) da área das florestas de babaçu, complementando as outras metodologias. Nesse sentido,

Rejeitando a expressão quantitativa, numérica, os dados coletados aparecem sob a forma de transcrições de entrevistas, anotações de campo, fotografias, videoteipes, desenhos e vários tipos de documentos. Visando à compreensão ampla do fenômeno que está sendo estudado, considera que todos os dados da realidade são importantes e devem ser examinados. O ambiente e as pessoas nele inseridas devem ser olhados holisticamente: não são reduzidos a variáveis, mas observados como um todo. (GODOY, 1995, p62).

1.2.5 Identificação de espécies através de guia, catálogo e imagens selecionadas.

Nessa metodologia, apresentei um guia de espécies de plantas tropicais (BARTELS, 2007) e um catálogo da flora da Reserva Extrativista Chocoaré-Mato Grosso, nordeste do Pará (ROCHA *et al.*, 2009). Pedi para que formassem pequenos grupos e que identificassem com um papel, escrevendo o nome pelo qual conhecem determinada espécie. Em geral, todos gostaram

dessa atividade, pareciam animados ao folhear os catálogos e anotar o nome das espécies que conheciam.

Pude fazer também com as espécies de fauna mostrando em *notebook* algumas imagens de animais e, então, pedi para que identificassem. Neste caso, cada imagem possuía uma numeração e ao ver tinham que dizer se ainda era encontrado ou não determinado animal e qual a quantidade (se muito ou se pouco), então eu marcava a numeração e colocava ao lado a observação pelos relatos, método este de presença e ausência.

Essa metodologia foi aplicada em três localidades: São Benedito (São Domingos do Araguaia-Pa), 21 de Abril (São João do Araguaia-Pa) e Santa Rita (Brejo Grande do Araguaia-Pa). Sendo que em São Benedito não foi feita a identificação de fauna por não ter havido tempo suficiente. Em Santa Rita, na identificação das espécies pelas participantes, o número maior de espécies tanto de flora quanto de fauna ocorre onde há maior vegetação, como o desmatamento aumentou nos últimos anos, inversamente diminuiu a biodiversidade. O que já não ocorre tanto em 21 de Abril onde se tem vegetação primária.

Esse método de análise é interessante porque aflora na memória a lembrança de quais espécies ainda existem e quais não existem mais, facilitando a identificação e ao mesmo tempo servindo como controle. Loizos (2003) chama atenção para o uso da fotografia como um desencadeador da memória das pessoas entrevistadas, tornando as lembranças espontâneas, acessando importantes memórias passivas, em que ao se mostrar uma fotografia, por exemplo, isso pode ativar lembranças sobre detalhes do acontecimento.

O presente trabalho de pesquisa está dividido em cinco capítulos, sendo o primeiro correspondente a esta Introdução que se divide em dois subtópicos, um referente à caracterização da área de estudo e o outro à metodologia. O segundo capítulo corresponde ao Referencial Teórico no qual busquei agregar de forma coerente os principais autores sobre a sociobiodiversidade dos babaçuais, sendo esse capítulo dividido em quatro subtópicos nos quais são abordados a devastação dos babaçuais, a flora e fauna, as quebradeiras de coco como agente social relacionada à proteção das espécies e o questionamento para a autoria de quem planta e consome o capim e o babaçu.

O terceiro e quarto capítulos adentram nos resultados propriamente ditos. Especificamente no terceiro, “Quebradeiras: conhecimentos sobre a biodiversidade dos babaçuais”, o qual divide-se em três subtópicos, são apresentados os relatos e narrativas das quebradeiras acerca da biodiversidade nos quais demonstram conhecimentos das espécies, em especial sobre plantas medicinais. No quarto capítulo, “Situação dos babaçuais nos municípios de estudo”, o qual também divide-se em três subtópicos, são apresentados os resultados para a

situação atual dos babaçuais evidenciando as principais mudanças ocorridas através da metodologia dos desenhos, tabelas com o levantamento da biodiversidade e a apresentação dos gráficos com áreas de florestas e desmatamento nos municípios de estudo ao longo de dez anos.

Por último, no quinto capítulo, insiro as considerações finais em que são discutidos, de forma suscinta, os principais pontos do trabalho, chegando-se a uma conclusão geral de que como os territórios das quebradeiras vêm sendo afetados negativamente, suas atividades produtivas também vêm sofrendo alterações, o que está ocasionando a diminuição da variedade e quantidade das espécies, bem como dos recursos hídricos, alterando os padrões do clima ao longo do tempo.

2 BIODIVERSIDADE NOS BABAÇUAIS

Os babaçuais são encontrados principalmente na região norte do Brasil, nos estados do Maranhão, Pará, Tocantins e Piauí, abrangendo uma área denominada de região ecológica dos babaçuais (NOVAES & ARAÚJO, 2016). Essas palmeiras estão presentes em área de transição, compreendendo a Floresta Amazônica e o Cerrado (SILVA, 2008), sendo originárias de florestas primárias da Amazônia e do Cerrado que conseguem resistir em ambientes de sucessão secundária (MITJA, 2017)⁵.

O estado do Maranhão apresenta as maiores densidades de palmeiras de babaçu, possuindo registros desde o Brasil colônia em que se nota a importância dessas florestas, como apresenta Barbosa (2013) em sua Tese. Um registro bastante conhecido entre os brasileiros está na “Canção do Exílio” de Gonçalves Dias, poeta maranhense, cujo trecho diz “Minha terra tem palmeiras, onde canta o sabiá. As aves que aqui gorjeiam, não gorjeiam como lá”, evidenciando a importância dessa palmeira para o poeta em uma perspectiva nacionalista e a relação ecológica através da atração de pássaros com belas cantorias nesses ecossistemas.

As florestas de babaçu já tiveram seus dias de glória, apontadas como soluções econômicas para o desenvolvimento, sendo marcas inconfundíveis de beleza natural exaltada até mesmo em poesia, mas também tiveram seus dias inglórios, no mais, sempre pautados ora pelo valor econômico ora pelo componente natural (BARBOSA, 2013). Entretanto, o pouco revelado na história é a relação ecológica ampla desses ecossistemas nos quais não só o componente natural impera mas as relações sociais intrínsecas a eles, principalmente de pessoas que necessitam de todos os elementos da palmeira para a sua sobrevivência e de sua família - em contrapartida contribuem para a manutenção das florestas de babaçu, entrando nessa ampla relação ecológica o componente econômico também.

Nesse sentido, faz-se necessário evidenciar as principais agentes sociais, quebradeiras de coco babaçu, responsáveis pela manutenção das florestas de babaçu e de outro lado, os agentes responsáveis pela devastação desses ecossistemas o que fere inclusive princípios ambientais. Não é à toa que os babaçuais vêm sofrendo devastações quando os principais dependentes e responsáveis por sua manutenção foram boicotados ao longo da história. Entretanto, essas pessoas vêm se organizando e tomando consciência das injustiças sofridas, resultando em mobilizações de diversas formas como resistência.

⁵ Fonte: Comunicação oral de Dr^a Danielle Mitja no “III Seminário Internacional sobre a gestão sustentável da palmeira babaçu. Tema: Ecologia, sensoriamento remoto e manejo de palmeiras na Amazônia” em 20 de junho de 2017, na Universidade Federal Rural da Amazônia (UFRA).

De acordo com Novaes & Araújo (2016), uma forma de resistência e de luta se faz através de cartas elaboradas nos encontros interestaduais endereçadas aos órgãos governamentais, nas quais reivindicam tecnologias adequadas para o uso integral do coco babaçu, acesso das quebradeiras a programas governamentais relacionados à saúde da mulher, efetiva implantação das reservas extrativistas, garantia do livre acesso aos babaçuais, punição aos que cometem crimes ambientais como devastação dos babaçuais, castanhais e seringais, entre outros.

2.1 DEVASTAÇÃO DOS BABAÇUAIS

A palmeira de babaçu cresce naturalmente nas florestas úmidas do Brasil, após o desmatamento essa espécie tende a permanecer nos cultivos e pastagens, seja a partir de suas plântulas ou porque os agricultores conservam algumas palmeiras adultas nos agrossistemas⁶. Entretanto, o processo de devastação dessas palmeiras vem se agravando devido aos projetos de cunho modernizador-desenvolvimentista sob o discurso do progresso através de projetos industriais, mineralógicos, siderúrgicos, entre outros.

Estudo no Maranhão identifica diferentes situações pelas quais famílias que vivem do extrativismo do babaçu se veem confrontadas pela expansão de conglomerados de negócios, com ênfase no comércio, no agronegócio, na pecuária, na mineração, na infraestrutura como duplicação de estradas e ferrovias, na construção de hidrelétricas, produção de carvão para siderúrgicas, plantio de monoculturas de eucalipto e de cana de açúcar (NOVAES & ARAÚJO, 2016). Essa realidade não é diferente nos outros estados de ocorrência dos babaçuais, por exemplo no Pará, no município de São Domingos do Araguaia, as agroextrativistas passam por situações semelhantes havendo não só a derrubada das palmeiras, mas a queimada, o envenenamento das pindovas e o uso do coco inteiro por empresas siderúrgicas, carvoarias, cerâmica e laticínios (SOUZA, 2014).

No Tocantins, dentre os diversos problemas socioambientais, registram-se os decorrentes da expansão dos grandes empreendimentos voltados à produção de energia elétrica, à expansão da sojicultora, à pecuária, entre outros, o que têm provocado uma grande devastação do meio natural entre outros problemas (ROCHA, 2011). No Piauí, Território dos Cocais, apesar de 70% dos 104 assentamentos da reforma agrária possuírem babaçuais nas áreas de reserva e nos lotes individuais, 53% das famílias de quebradeiras (474 quebradeiras foram entrevistadas)

⁶ Fonte: Folder do III Seminário Internacional sobre a gestão sustentável da palmeira babaçu. Tema: Ecologia, sensoriamento remoto e manejo de palmeiras na Amazônia, realizado nos dias 20 e 21 de junho de 2017, na Universidade Federal Rural da Amazônia (UFRA).

não possuem terra, dependendo da coleta de coco em áreas cedidas, arrendadas e áreas de parentes (SILVA & FERNANDES, 2013).

Além desses processos que causam a devastação dos babaçuais, existe a ação de outros atores que surgem como reflexo dos empreendimentos causadores da devastação, como os “catadores de coco” cuja atividade é inversa à das quebradeiras, pois os primeiros atuam cortando o cacho inteiro das palmeiras, tirando o coco ainda verde e destinando-o a empregadores de indústrias de ferro-gusa (BARBOSA, 2007). Ainda de acordo com esta autora, as quebradeiras de coco diferenciam o coletar do catar, pois a coleta do coco é a prática de juntar o coco que já se desprende dos cachos da palmeira ou mesmo derrubar o coco que já está maduro para realizar a quebra.

Apesar da Lei do Babaçu Livre, que garante a preservação, o livre acesso e uso comum dos babaçuais, mostrar-se de suma importância para as quebradeiras, refletindo conquista da mobilização das mulheres enquanto movimento através do MIQCB, a sua real efetividade ainda deixa a desejar agravando problemas. Por exemplo, em São Domingos do Araguaia-Pa existe a Lei municipal nº 934/2004 de 30 de novembro de 2004, que dispõe sobre a preservação das palmeiras de babaçu, entretanto, a diminuição na quantidade de cocos relaciona-se à derrubada de palmeiras e ao envenenamento das pindovas em várias localidades, especialmente nas proximidades da Vila São José (SOUZA, 2014).

Souza (2014), ao entrevistar as quebradeiras, questionou se a Lei do Babaçu Livre havia contribuído de alguma forma para a conservação dos babaçuais no município, 22,22% reconheceram que sim, 22,22% entenderam que não e 55,55% não souberam responder, havendo relatos de que a lei, por si só, não consegue conter o desmatamento dos babaçuais, especialmente nas proximidades da Vila São José.

Em áreas de pecuária, as palmeiras são cortadas restando apenas alguns indivíduos para fazer sombra para o gado. Existe ainda um corte excessivo visando a eliminação das pindoveiras que constituem praga para as pastagens. Além disso, quando os produtores rurais criam pequenas represas, o babaçu é eliminado pois as espécies parecem não suportar terrenos alagados (SILVA, 2008).

Barbosa (2007) afirma que além do corte das palmeiras e da queima dos cocais, tornaram-se comuns as práticas de envenenamento das pindovas através do uso de agrotóxicos. Além disso, por mais que a entrada das extrativistas nas áreas dos babaçuais não seja impedida pelas cercas elétricas, nos discursos das quebradeiras, propriedades com cercas elétricas aparecem como intimidação ao trabalho extrativista e como mais uma tática de fazendeiros/grileiros para restringir a entrada de trabalhadores(as) que extraem o coco babaçu.

No entendimento dessa autora, ainda são recorrentes práticas como ameaças à integridade moral e física das quebradeiras, sistemas de quebra de meia e sistema de barracões.

Em relação aos obstáculos que impedem o acesso aos babaquais, algumas denúncias estão presentes nas seguintes falas:

Antigamente não, a gente ia lá no mato, fazia o monte lá debaixo da palmeira. Não gastava muita coisa. Agora, hoje não. Tem que carregar na costa pra botar fora do arame, aonde, num ponto que o carro pegue. Não pode quebrar em qualquer lugar, porque os donos das terras não aceita. (Biografia Cledeneuza, 2017, p97).

Quando o fazendeiro chegou, e o incentivo pra criar gado, pra plantar capim, entrou um grande conflito na nossa vida, e hoje, hoje, o coco tá longe. Tá dentro da terra do dono tem que pedir licença, tem passar por de baixo do arame. Tem que fazer um monte de coisa. E as consequências que vem? Que não tem mais mata. Acabaram as castanha. Acabaram com madeira de lei, e agora tá acabando o babaçu. (Biografia Cledeneuza, 2017, p99).

Para Almeida (1995), a limitação da prática da coleta relaciona-se aos processos de concentração fundiária nas regiões de ocorrência dos babaquais, tornando o acesso cada vez mais limitado pelos desmatamentos e substituição por pastagens artificiais. Nesse quadro, em que é cercado o direito de coleta, não sendo permitido o livre acesso às terras públicas e privadas onde ocorrem os babaquais, as quebradeiras representam através da imagem do “coco preso” em que na memória camponesa o “coco era liberto”.

O termo “coco liberto” também é entendido como “babaçu livre” e Shiraiishi Neto (2005) o compreende como o direito ao livre acesso e uso comum das palmeiras, o que de fato se traduz no modo como as mulheres quebradeiras tradicionalmente se apropriam do recurso natural que é tido como de uso livre e comum. Nesse sentido, há outro agravante para o problema fundiário, pois na perspectiva de Almeida (1995), institui-se uma nova territorialidade pelas quebradeiras, o que se opõe à região tida por decretos governamentais ou por critérios oficiais de zoneamento ecológico-econômico.

De acordo com Linhares (2016), as formas de acesso ao babaçu e à terra também caracterizam a diversidade do grupo, já que existem áreas em que o “coco é livre” e áreas em que o “coco é preso”, bem como quebradeiras “com terra” e outras que se encontram “sem terra”. A autora chama atenção para o fato de que o acesso à terra não garante necessariamente o acesso ao babaçu, já que a maior incidência das palmeiras dá-se em áreas privadas onde o acesso e a manutenção das práticas tradicionais de uso livre e comum são restringidos.

Quanto à efetividade da Lei do Babaçu Livre, algumas mulheres afirmam: “a lei que funciona é a lei da ‘marra’, aquela que a gente vai lá e briga pra pararem de durruba”, ou seja, o coco é livre mediante as ações de resistência diárias das quebradeiras sejam nos empates, sejam

no “abrir da cancela” para ajuntar o coco diariamente e garantir o sustento da família (LINHARES, 2016).

A devastação dos babaçuais significa perda material e simbólica para as quebradeiras, uma vez que a palmeira assume um lugar personificado, sendo mãe, virgem e viúva, em que o corte, a queima e o envenenamento das palmeiras representam bem mais que redução dos babaçuais, marcando sua intimidade e operando como violência ao seu trabalho e à sua vida (BARBOSA, 2008).

Comunidades tradicionais, como as quebradeiras de coco babaçu, enfrentam grandes problemas dentre os quais se destacam os conflitos agrários os quais dificultam a existência de seus costumes e saberes tradicionais. Esses problemas são históricos na Amazônia brasileira, visto que resultam de políticas de desenvolvimento, ocupação e regularização ambiental não apropriadas para a região. De acordo com Rêgo e Andrade (2006), a brusca redução do estoque de terras para a agricultura camponesa e para o extrativismo proporcionou o surgimento do confronto direto com diversos atores sociais além de situações conflitantes durante as práticas extrativistas.

Diante do exposto, a região ecológica dos babaçuais merece especial atenção por toda a sua importância socioecológica, principalmente em épocas como as atuais em que a Amazônia vem apresentando aumento nos índices de desmatamento, algo que durante a última década vinha caindo – embora ainda com taxas anuais altas – como indicam dados do projeto Terraclass (INPE, 2014). Nesse sentido, faz-se necessária a efetividade da Lei do Babaçu Livre nos municípios e a criação da lei em nível nacional, além da criação de reservas extrativistas o que contribuiriam também para a autonomia das comunidades vinculadas às florestas de babaçu.

2.2 FLORA E FAUNA

O babaçu (*Attalea speciosa* Mart. ex Spreng.) é uma palmeira nativa do Brasil pertencente à família Arecaceae (FLORA BRASIL, 2017). De acordo com Carrazza, Ávila & Silva (2012), a palmeira de babaçu abrange cerca de 196 mil km² do território brasileiro, com maior incidência nos estados do Maranhão, Tocantins, Piauí e Pará, medindo entre 10 a 30 metros de altura e entre 20 a 50 cm de diâmetro, frutificando após oito anos e alcançando a produção plena após 15 anos. Seus frutos (cocos) são muito apreciados, tanto pelo ser humano como pela fauna silvestre. Na safra (período seco ao início do chuvoso), tem-se entre 3 a 5 cachos e cada cacho pode produzir de 300 a 500 cocos.

Estudo no Tocantins, em ambientes cultivados por pastagens ou uso agrícola, as maiores concentrações de babaçu encontram-se em pequenas propriedades e áreas de capoeiras (florestas

secundárias). Para os pequenos proprietários, o babaçu possui grande importância econômica, principalmente devido ao seu uso ocorrer no período de entressafra das principais culturas agrícolas, o que permite a manutenção das famílias (SILVA, 2008). Dessa forma, a autora destaca que sempre é possível ver o babaçu nas roças de arroz, feijão, milho, mandioca e banana.

As florestas secundárias são resultantes do abandono temporário ou permanente de áreas agrícolas e têm grande importância ecológica e social devido à sua contribuição para a conservação da biodiversidade (CHAZDON, 2012), manutenção dos serviços ecossistêmicos (POORTER *et al.*, 2016) e subsistência de comunidades locais (DALLE, PULIDO & BLOIS, 2011).

Quanto aos tipos de solo, os Cambissolos e os Neossolos Flúvicos são propícios à ocorrência do babaçu (SILVA, 2008). Em relação à densidade média do babaçu por hectare, a maior densidade foi encontrada em capoeira antiga, seguida por roça, capoeira nova, pastagens e mata de galeria, já a densidade de cachos foi maior em áreas de roça, seguida por capoeira nova e pastagem, sendo menor nas áreas fechadas como mata de galeria e capoeira antiga. A autora conclui que tais resultados pontuam o caráter secundário da espécie, pois os locais com média maior de densidade por hectare encontram-se nas áreas de capoeira antiga, roça e capoeira nova.

Os ecossistemas de florestas secundárias ocupam cada vez mais áreas nas regiões tropicais, com cerca de 23% de toda a área desmatada apenas na Amazônia, o que corresponde a 173.387 km² (INPE, 2014). As atividades agropecuárias constituem uma das principais causas de devastação das florestas tropicais, sendo geralmente associadas com queimadas e desmatamento (NEPSTAD *et al.*, 2014; FEARNSSIDE, 2008).

Na Amazônia Central, a riqueza e diversidade de espécies de plantas diminuíram com a redução da área de florestas primárias no entorno (JAKOVAC *et al.*, 2015). No sudeste do Pará, a diversidade de espécies de plantas foi explicada pela presença de florestas na paisagem e tempo de abandono da área, enquanto a riqueza foi explicada pela intensidade de uso da terra e topografia (ROMANO, 2016). Em condições adequadas para a regeneração florestal, a riqueza de espécies da fauna pôde assemelhar-se à de florestas maduras na idade de 20 a 40 anos, mesmo tempo de recuperação da riqueza de espécies arbóreas, apesar de que a recuperação da composição de espécies pode levar um tempo maior (DUNN, 2004).

Fatores ambientais são importantes para a resiliência dessas áreas, por exemplo, a germinação de sementes é facilitada pelas altas taxas de precipitação, ao contrário de florestas de clima seco em que a rebrota é o processo mais comum (CHAZDON *et al.*, 2007). A disponibilidade de luz tem papel crucial no estabelecimento de plântulas, afetando desde a germinação de sementes até o crescimento e desenvolvimento das plantas (MASSOCA *et al.*,

2012). Mudança na composição de espécies de plantas associa-se a maiores estoques de nutrientes no solo (LAWRENCE, SUMA & MOGEA, 2005).

No estudo de Silva (2008), as parcelas com babaçu estavam ligadas à rede de drenagem e as parcelas sem babaçu estavam distantes da drenagem e cabeceira da bacia. Além disso, os locais de maior densidade de palmeiras não foram os locais de maior densidade de cachos, sendo estes associados às áreas abertas. Dependendo do tipo de manejo, a diversidade e a concentração do babaçu na bacia são eliminadas ou aumentadas (SILVA, 2008).

As raízes do babaçu ajudam a firmar o solo, evitando a erosão, e o consórcio da palmeira com outras culturas anuais, como arroz, milho, feijão e mandioca, bem como com pastagem de animais é viável, sendo essa prática de consórcio de culturas denominada de sistemas agroflorestais, silvipastoris ou agrosilvipastoris (CARRAZZA, ÁVILA & SILVA, 2012).

As capoeiras, como as florestas secundárias são regionalmente conhecidas na Amazônia, são componentes fundamentais nos sistemas agrícolas tradicionais, pois a regeneração de florestas secundárias que sucede os cultivos agrícolas (pousio) restabelece gradativamente os níveis de fertilidade e a estrutura física do solo (MASSOCA *et al.*, 2012).

Estudo no Maranhão mostra que na paisagem predominam as palmeiras de babaçu que fazem parte das florestas secundárias, localizadas entre a Floresta Amazônica e o Cerrado, as quais cobrem mais de 25 milhões de hectares nos estados do Maranhão, Piauí, Pará e Tocantins, conforme o mapeamento da região ecológica dos babaçuais (2015) realizado pelo MIQCB em parceria com o Programa de Pós- Graduação em Cartografia Social e Política da Amazônia (LINHARES, 2016).

Já no Pará, de acordo com o Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia, tem-se a seguinte configuração da paisagem:

No sul do Pará, nas extensões que o ligam aos estados do Tocantins e Maranhão, destaca em sua paisagem os babaçuais nativos e de floresta secundária em diferentes estágios classificatórios. A tipologia dos babaçuais encontra-se relacionada à ação dos agentes sociais no território e bioma de seu crescimento espontâneo. O sudeste do Pará apresenta babaçuais recentes (as pindovas), jovens e adultos. Em condições de intenso brotamento, espaçados, densos ou manejados por raleamento. Além dos babaçuais desmatados ou em processo de devastação por derruba, corte ou envenenamento da palmeira, tem-se um frequente brotamento de palmeiras e a formação de pindoal. (PNCSA, Fascículo 5, 2014, p3).

De acordo com Linhares (2016), as palmeiras de babaçu também são identificadas como “a nossa floresta” que a cada dia está mais ameaçada pelas ações nocivas de fazendeiros que resistem à preservação das palmeiras, ocasionando tanto a perda do principal meio de sobrevivência das quebradeiras, quanto a instabilidade do meio ambiente, apreendida

especialmente pelas altas temperaturas do clima e a progressiva diminuição das chuvas que tem prejudicado tanto nas roças quanto nas criações.

Um dos principais discursos reivindicatórios do Movimento, o de preservação da palmeira de babaçu, contextualiza-se com as discussões sobre a problemática ambiental contemporânea, o que pode ser observado, principalmente, nas atividades ligadas às práticas agroextrativistas das roças orgânicas (REGO & ANDRADE, 2006).

Nas comunidades tradicionais, destaca-se a territorialidade em que o território apresenta-se como meio de subsistência, trabalho e produção. Ao mesmo tempo, é um referencial simbólico e subjetivo essencial na construção das identidades, sendo abrigo físico, fonte de recursos materiais ou meio de produção e elemento fundamental de identificação, simbolização e pertencimento (SOUZA, 2014).

Todas as partes do babaçu podem ser usadas, a exemplo do aproveitamento integral da folha e do fruto para diversos usos, como mostram estudos de Araújo *et al.* (2016), González-Pérez *et al.* (2012) e Carrazza, Ávila & Silva (2012). Assim, somente para o fruto tem-se os seguintes usos:

O fruto é composto pelo epicarpo (12,6%) que é a camada externa, rígida e fibrosa (usos e aplicações: xaxim, estofados de bancos de carros, vasos, placas, embalagens em substituição ao isopor, queima em fornos caseiros e comerciais - residências, padarias, pizzarias, adubo orgânico, etc); mesocarpo (20,4%), camada abaixo do epicarpo (com 0,5 a 1,0 cm) rico em amido (usos e aplicações: alimentação humana, aglomerante para fabricação de briquetes); endocarpo (58,4%), camada mais resistente com 2 a 3 cm de espessura (usos e aplicações: combustível substituto da lenha, agricultura, indústria - alimentícia, veterinária, farmacêutica, química - artesanatos diversos); amêndoas (8,7%): a quantidade de amêndoas pode variar de 1 a 8, mas a média é de 3 a 4 amêndoas por coco (medindo 2,5 a 6 cm de comprimento e 1 a 2 cm de largura) (usos e aplicações: alimentação humana; cosméticos e produtos de limpeza - sabonetes, shampoos, sabões, etc - indústria - alimentícia, veterinária, farmacêutica, química, etc.). (CARRAZZA, ÁVILA & SILVA, 2012, p15).

No território das quebradeiras, áreas de ocorrência dos babaçuais, há evidências de diversas espécies de plantas e animais. Em Linhares (2016), há relatos de quebradeiras que se depararam com cobras e/ou aranhas peçonhentas escondidas nos pés das palmeiras de babaçu que em tempo de inverno são encontradas em grande quantidade. Conforme a autora, tais animais encontram nesses locais ambientes propícios para se reproduzir, por isso a atenção deve ser redobrada ao juntar o coco, além de terem atenção para não se machucarem em eventuais espinhos da vegetação rasteira.

Em comunidades do Maranhão, nas décadas de 1960 a 1980, lideranças perseguidas por policiais e capangas esconderam-se nas matas permanecendo lá quebrando coco e caçando (PORRO, MENASCHE & SHIRAIISHI NETO, 2014). Conforme estes autores, foi somente com

o conhecimento da terra e da mata que o povoado foi reconstruído, sendo o conhecimento tradicional essencial à reconstituição e manutenção de territórios demarcados pelo trabalho na agricultura familiar, com a roça de arroz, mandioca, milho e feijão, associado ao extrativismo do babaçu.

O estudo de Linhares (2016) apresenta o arroz do tipo agulhinha como a cultura produzida tradicionalmente em maior escala nas roças onde também são cultivados de modo consorciado o milho, a mandioca brava, a fava e a macaxeira. Para a autora, a produção é voltada para o consumo familiar e eventualmente comercializada entre os próprios vizinhos ou nos pontos comerciais dos povoados ou cidades mais próximas.

Na tradição comum às comunidades dos babaçuais não é o patrão que regula o tempo e a força de trabalho das pessoas e sim os donos do tempo são os elementos da natureza, em que se tem, por exemplo, o tempo do coco, o tempo da chuva, o tempo da lama e o tempo do arroz (PORRO, MENASCHE & SHIRAIISHI NETO, 2014).

A área das residências e dos quintais, assim como as roças, são espaços de domínio privado que se articulam com espaços de domínio público permitindo o usufruto dos recursos de uso comum (LINHARES, 2016). Assim, esta autora descreve esses espaços:

De um modo geral, nos quintais encontramos pequenas construções para a criação de animais como o galinheiro e o chiqueiro dos porcos, bem como espaços dedicados para o cultivo de plantas medicinais e hortaliças que geralmente são organizados em vasos e em canteiros suspensos, onde são protegidos dos animais. Nos quintais é comum encontrarmos as caieiras para a produção de carvão com as cascas do coco babaçu, que são temporariamente armazenadas nas latadas ou em depósitos. Nos fundos do lote são comuns a existência do poço do tipo cacimbão, o buraco onde são despejados e enterrados o lixo produzido. Próximo da moradia da família identificamos o jirau onde são lavadas as louças ou as roupas, a ruma de coco, o jumento pastando e as árvores frutíferas em toda a área, cujo sombreamento é aproveitado pelas mulheres no momento da quebra do coco. (LINHARES, 2016, p62).

Nos quintais, a maioria das construções é feita com a palha da palmeira, utilizando-se o talo para estruturas de base e a palha para coberturas. As hortaliças são cultivadas em canteiros suspensos, encontrando-se coentro, couve, cebolinha e pimentinha, e diretamente no solo são cultivados alface, repolho, quiabo, tomate e batata-doce, bem como o lastro do feijão 40 dias (LINHARES, 2016).

No estudo de González-Pérez *et al.* (2012) com os Kayapó de Las Casas, os quais utilizam o babaçu para diversos fins, são encontrados em suas roças batata doce, milho, inhame, abóbora, mandioca, banana, melancia, mamão, cana de açúcar e amendoim. Outra atividade da qual dependem é da coleta de frutos silvestres, como pequi, além da caça e da pesca.

No estudo de Linhares (2016), as plantas medicinais encontradas são hortelã, boldinho/boldo medalha, Boldo verdadeiro, Vick, Folha-Santa, Gengibre, Romã, Abrandaq/Trevo, Erva-cidreira, Babosa, Limão, Terramicina, Malva do reino, Babaçu, Mussambê, Gergelim, Alfavaca e Pião- roxo.

As frutíferas encontradas no estudo realizado por Linhares (2016) são Ata, Abacate, Acerola, Banana-casca verde, Banana-coruda, Caju, Condessa, Carambola, Coco da praia, Siriguela, Goiabeira, Graviola, Laranja, Mamão, Limão, Manga, Cupuaçu, Ingá, Maracujá, Jaca, Pupunha, Tamarindo e Azeitona. Encontram-se também espécies arbóreas como Nim, Jatobá, Tukurubá, Flambloyant e Oití. Nas soltas encontram-se além do capim braquiária, pequenos arbustos, poucos pés de árvores, eventuais agudes naturais, bem como babaçuais.

Uma característica marcante das comunidades tradicionais é a forma de acesso à terra e aos recursos naturais denominada de “sistemas de uso comum”, nos quais o controle dos recursos básicos se dá através de normas específicas instituídas para além do código legal vigente e acatadas, de maneira consensual, nos meandros das relações sociais estabelecidas entre vários grupos familiares que compõem uma unidade social (ALMEIDA, 2008).

Nesse sentido, as quebradeiras de coco babaçu e os espaços em que estão inseridas constituem um campo dinâmico. Por isso, fala-se em processos de territorialização nos quais a dinâmica se dá pela junção de vários elementos, sejam esses “naturais” ou não, sob uma perspectiva integradora.

2.3 AGENTE SOCIAL: PROTEÇÃO DAS ESPÉCIES

A partir da mobilização política das quebradeiras de coco, o ambiente torna-se incorporado como instrumento de luta e entendido por meio de relações simbólicas e econômicas estabelecidas a partir de vínculos com as palmeiras, portanto, uma das principais reivindicações, preservação do babaçu, contextualiza-se com as discussões sobre a problemática ambiental contemporânea (REGO & ANDRADE, 2006).

O babaçu é um elemento a partir do qual as quebradeiras de coco autoidentificam-se e constroem sentimentalidades, as produções artísticas e culturais revelam não somente a militância política, mas também seu universo simbólico o qual interage com a natureza que as rodeia e com os diferentes aspectos culturais de seu cotidiano (BARBOSA, 2008). Nesse sentido, para a autora, são frequentes a produção de poesias, cantos e cantigas pelo MIQCB, produção essa que já era comum antes dessas mulheres se organizarem, quando, por exemplo, reuniam-se para coletar e quebrar o coco.

As quebradeiras de coco consideram fortemente a sua identidade ligada à preservação desse ambiente como fator de vínculo que transcende, em alguns momentos, a relação puramente material ou econômica (REGO & ANDRADE, 2006). As mulheres quebradeiras de coco desenvolvem uma relação de simbiose com o ecossistema em que estão inseridas e passam a estabelecer uma linguagem secreta com o meio ambiente (SILVA & FERNANDES, 2013). Assim, para estas autoras, as quebradeiras falam das palmeiras, dos cachos, dos animais que habitam as matas de cocais, das plantas medicinais, como seres sagrados que precisam ser cuidados e preservados para que possam dar bons frutos.

Embora a representação da palmeira como mãe seja uma realidade em vários lugares onde o extrativismo é realizado, o sentido dado aos palmeirais varia de acordo com o contexto sociocultural de cada grupo (BARBOSA, 2008). Para a autora, no Maranhão, no município de Viana, alguns moradores veem o corte do cacho de coco como o defloramento de uma “virgem” ou o molestar de uma “viúva”, já em Monte Alegre, existe apenas a identificação da palmeira como “mãe” e esta associação está para além do objetivo de garantir a disponibilidade deste recurso para as famílias locais.

As características do processo de mobilização política dessas mulheres e suas famílias fazem com que as entidades que elas integram sejam identificadas como instituições de luta e resistência contra as ações de grandes proprietários de terra e mesmo de instâncias de Governos (REGO & ANDRADE, 2006). Para os autores, essas lutas e toda a resistência têm sido evidenciadas, principalmente, por meio de “bandeiras de luta” levantadas em favor de práticas ambientais e econômicas específicas, assim como do reconhecimento de uma identidade, a de quebradeira de coco.

No Pará, no estudo de Souza (2014), foi identificado como território das quebradeiras de coco residentes no município de São Domingos do Araguaia, todas as localidades do município que existam quebradeiras e babaçuais, tanto na zona rural quanto na zona urbana. Conforme este autor, embora as quebradeiras estejam espalhadas pelas roças, fazendas, projetos de assentamentos, vilas, margens das estradas, beiras dos rios e na sede do município, a grande maioria que se declara quebradeira não é proprietária dos babaçuais.

A dissociação entre o conhecimento tradicional e as maneiras de fazer, criar e viver dos grupos viola direitos coletivos das quebradeiras, pois para elas não há separação entre sujeito e objeto, no caso a natureza, representada pela mãe palmeira (PORRO, MENASCHE & SHIRAIISHI NETO, 2014). Em contraposição, de acordo com os autores, os operadores das políticas ambientais condicionadas pelas convenções e protocolos internacionais, vêm pensando

e construindo a natureza apartada do sujeito e como recurso passível de ser apropriado através do mercado.

O Babaçu Livre expressa o modo como as mulheres se apropriam do recurso, baseado nas “práticas sociais” através de regras de uso, como a proibição da derrubada das palmeiras (salvo o raleamento), o corte do cacho inteiro, a venda da carrada de coco, a não apropriação da ruma de coco deixada por outra pessoa na solta, entre outras regras que visam promover a sustentabilidade dos babaçuais, consequentemente a atividade extrativista e evitar conflitos (LINHARES, 2016).

Entretanto, os conflitos se fazem presentes visto que para as mulheres o coco não pertence ao dono da terra, pois é tido como um recurso natural que deve estar disponível ao usufruto comum e com a proibição do acesso aos babaçuais, essas mulheres são privadas de um bem comum. A atividade extrativista das quebradeiras contribui para o sustento das famílias e a proibição do acesso a esse recurso de uso comum ameaça a subsistência delas e de suas famílias (PIZZIO & CECCHIN, 2015).

Torna-se importante frisar que o conflito se agrava pelo fato de serem mulheres, sendo discriminadas já que a sociedade é patriarcal. Nesse sentido, França *et al.* (2015) chamam atenção para a importância do pluralismo de gênero para uma genuína ordem democrática como afirmação de cidadania, em que a força atuante da mulher só vem a contribuir para uma sociedade pluralista e democrática.

Muitas quebradeiras, principalmente no Maranhão, são remanescentes quilombolas o que intensifica ainda mais a discriminação relacionada ao fator étnico-racial (BARBOSA, 2007). Portanto, uma das maiores lutas é por sobrevivência em meio ao caos proveniente de todas essas discriminações que põem em risco a continuidade dessas comunidades. Faz-se necessário evidenciar a atuação dessas mulheres e valorizá-las o que contribuirá para uma sociedade sem discriminações e mais democrática.

Ademais, não se trata da constituição de uma identidade coletiva que se desenvolve em um grupo homogêneo e estável, mas de uma identidade que congrega sujeitos de diferentes origens étnicas e territoriais, gerações, crenças, juízos e valores, memórias e histórias de vidas, níveis de escolaridade, orientações político-partidárias e de forma figurada também de diferentes gêneros, como nas palavras de uma quebradeira “quebradeira de coco é mulher e é homem” (LINHARES, 2016).

De acordo com Almeida (1995), as quebradeiras de coco babaçu foram autodefinidas pela atividade complementar e extrativista em que se tem critérios ecológicos e de gênero simultaneamente. Para o autor, isto alcançou certo consenso servindo de alavanca para

reposicioná-las política e economicamente frente à ação governamental e aos circuitos de mercado.

Para Almeida (1995), a cooperação simples que ocorre na coleta e na quebra do coco babaçu torna as mulheres mais próximas e agrupadas, pois o processo extrativista não acontece isoladamente. Assim, as mulheres dirigem-se em grupo para os babaçuais e elas quebram o coco próximas umas das outras, conversando, e suas posições intercaladas com seus respectivos montes de coco delineiam a figura aproximada de um círculo.

Souza (2014) afirma que é importante ressaltar que os direitos das quebradeiras deveriam ser melhor balizados e respeitados, pois nem sempre são levados em conta os seus costumes e tradições quando se trata do uso do solo ou de seus recursos. Para Shiraishi Neto (2005), a concepção de que a palmeira é mais importante que a terra traz no seu bojo uma “prática social” relacionada ao uso do recurso de forma comum a todas as famílias, ou seja, não há proprietário.

O uso relaciona-se à capacidade de trabalho e necessidade de cada família frente ao recurso, em que o direito deriva das “práticas sociais” relacionadas à garantia do recurso para a reprodução social e física das quebradeiras e de seus familiares, portanto, o direito ao livre acesso e uso comum das palmeiras de babaçu torna-se um direito que garante a própria existência (SHIRAISHI NETO, 2005).

De acordo com Nivón (2011), a ação dos movimentos sociais foi fundamental na reivindicação do exercício e exigibilidade de novos direitos, ampliando conseqüentemente as agendas e os limites do debate político, tendo como aporte outros instrumentos jurídicos como a Convenção 169 e a Declaração Universal sobre a Diversidade cultural. Nesse sentido, as quebradeiras de coco babaçu lutam contra o desconhecimento social, os interesses econômicos e políticos que negam a existência das práticas e interações sociais nos babaçuais, resistindo à recusa do reconhecimento de sua existência enquanto grupo social e às ações de devastação das palmeiras (PNCSA, Fascículo 5, 2014, p3).

Em seu histórico, as quebradeiras organizaram-se através de várias situações de mobilização, oriundas de sindicatos como o dos Trabalhadores Rurais (STRs), Movimentos Eclesiais de Base (MEB) e de outras organizações. As mulheres quebradeiras começaram a se questionar quanto às suas problemáticas e decidiram se organizar mediante à invisibilidade que a elas era colocada. Na fala de Cledeneuza, quebradeira de coco, sobre o movimento das quebradeiras:

O movimento de Quebradeira de Coco que iniciou em 90 e 92. Noventa foi a discussão das mulheres primeiro, aí as mulheres descobriram que elas tinham que ter independência delas! Qual era ela? Somar uma produção, aí então

juntou. Porque aqui no Pará tinha muita maranhense, continuava sempre a vida do coco. Então juntou o Maranhão, Piauí e Tocantins e fizeram a discussão. (Biografia Cledeneuza, 2017, p87).

(...) E, a participação eu acho que é a maior conquista que eu sinto. É a participação da mulher, nos eventos, nas coisas. Acho que a conquista maior, é essa (...). (Biografia Cledeneuza, 2017, p78).

Apesar de muitas dificuldades, as quebradeiras vêm se organizando ao longo do tempo, a exemplo da criação do MIQCB com atuação em vários campos de luta e com a presença em eventos de destaque como na “V Marcha das Margaridas”. Nessa quinta edição, houve diferença em relação à participação das quebradeiras em marchas anteriores, pois ganharam em visibilidade e garantia de sua representação no processo de organização da Marcha, o que foi conseguido com muita reivindicação junto às demais entidades coordenadoras⁷.

Conforme Almeida (2004), a experiência político-organizativa e a consequente afirmação identitária das quebradeiras de coco vão ao encontro do fenômeno cada vez mais frequente na contemporaneidade que é o fato de os “novos movimentos sociais” rurais politizarem termos e denominações de uso cotidiano, representativos das realidades locais nas quais agentes sociais passam a adotar designações coletivas próprias ao se erigirem enquanto sujeitos de ação, rompendo assim com a histórica conotação política homogeneizadora ancorada no termo camponês.

Tornam-se imprescindíveis para as comunidades tradicionais as Reservas Extrativistas (Resex), Unidade de Conservação de uso sustentável, que lhes reservem a garantia de se reproduzir e de manter costumes, tradições e saberes. A criação de Resex seria uma alternativa para a garantia dessas comunidades, solucionando problemas ambientais e contribuindo para a autogestão dos povos e comunidades.

As dificuldades são muitas e as quebradeiras as vivenciam diariamente, como no exemplo da fala da quebradeira de coco Cledeneuza:

Quem conseguiu um pedacinho de terra, tem a garantia de sua terra. Quem não conseguiu, tem a garantia da terra dos outros que vai arranjar um pedacinho, um fundo do quintal pra poder sobreviver. E onde tem uma palmeira a gente sofre por ver destruir. Hoje nós temos que ir longe buscar o produto, ele tá muito caro, porque a nossa dificuldade tá muito grande de poder adquirir. (Biografia Cledeneuza, 2017, p127).

⁷Fonte: INFORMATIVO PNCSA Nº 14 QUEBRadeiras DE COCO BABAÇU NA V MARCHA DAS MARGARIDAS. Jurandir Santos de Novaes, Helciane de Fátima Abreu Araújo, Carmen Lúcia Silva Lima, Poliana Nascimento Souza, Benjamin Alvino de Mesquita e Luis Augusto Alves Lima. 08 de setembro de 2015.

As Unidades de Conservação (UCs), instituídas pela lei nº 9.985/2000, surgem com a necessidade de conservar a biodiversidade, no âmbito da Convenção sobre Diversidade Biológica, promulgada pelo decreto nº 2.519/1998. Essa necessidade de conservação vem da forte pressão que vários ecossistemas têm enfrentado por ações antrópicas ao longo da história, principalmente no último século.

Nesse sentido, as áreas protegidas foram criadas com a necessidade de proteger a biodiversidade e ao mesmo tempo equacionar problemas sociais, incluindo áreas de uso sustentável. Apesar de que na Amazônia brasileira as tomadas de decisão historicamente estão vinculadas ao grande capital excluindo na maioria das vezes os menos empoderados, principalmente comunidades tradicionais que são grupos altamente “vulnerabilizados”, devendo portanto haver uma ressignificação dessas áreas protegidas.

O projeto “Mapeamento social como instrumento de gestão territorial contra o desmatamento e a devastação: processos de capacitação de povos e comunidades tradicionais” e o projeto em execução “Cartografia Social dos Babaçuais” mostram-se cruciais para os avanços na autonomia dessas comunidades. Projeto como o Nova Cartografia Social da Amazônia também é muito importante para a promoção da autonomia, como no trecho do informativo sobre a Marcha das Margaridas:

(...) eu quero destacar na marcha que eu acho que é importante assim pra nós, que tá sendo, foi a construção do mapa através da cartografia, agradecer aqui a cartografia. Por que assim talvez aqui a gente sem o mapa, talvez não tivesse tido essa grande oportunidade de estar aqui e o governo olhar pra nós (...). (Informativo PNCSA Nº 14, 2015).

Apesar da Lei do Babaçu Livre ser de suma importância e representar avanço para as quebradeiras, ainda há problemas quanto à efetividade da lei e outros como o impedimento ao acesso, as humilhações enfrentadas, as dificuldades para se chegar aos babaçus, a falta de incentivo e capacitação, as pressões impostas por outras atividades econômicas, etc. Mesmo diante de todas as dificuldades, as quebradeiras de coco babaçu são mulheres aguerridas, como diz Cledeneuza nos seguintes trechos:

(...) Mas consegui dar um passo nas nossas vidas, na nossa produção, quando já vimos grupos organizados, produzindo e mostrando para o Brasil nossa capacidade. E também tendo coragem de mostrar a nossa identidade, quem tinha vergonha de dizer que era quebradeira, filha de quebradeira. Então hoje a gente até sabe que também está fazendo parte dessa história, dessa nova construção, lutando pela transformação que essa sociedade necessita. Queremos também fazer parte dessa política, que sempre só veio pra abafar o mais fraco. (Biografia Cledeneuza, 2017, p113).

E completa de maneira entusiasmada com a variedade de produtos originados da palmeira babaçu:

Nós estamos nos reconhecendo como mulher Quebradeira de Coco, participando dessa sociedade. Estamos nos apresentando sem medo e sem preocupação, mostrando o que temos e o que somos. Produzindo babaçu, descobrimos mais de 25 produtos, e temos a capacidade de dizer a verdade. Temos sabonete, carvão, mesocarpo, a palha, o cofo, a esteira, uma imensidão de coisas que se faz, e tem renda também, e que se tem também condição de viver com mais dignidade aproveitando o que tem aí na natureza. (Biografia Cledeneuza, 2017, p114).

A conservação poderá ser melhor alcançada com a real integração e participação das populações tradicionais que em grande parte foram responsáveis pela diversidade biológica que hoje se pretende resguardar (DIEGUES, 2001). De acordo com o autor, há grande necessidade de se conhecer melhor as relações entre a manutenção da diversidade biológica e a conservação da diversidade cultural, sendo necessária visão interdisciplinar.

As quebradeiras reivindicam ação mais incisiva contra os desmatamentos e devastação dos babaçuais, reivindicam também o fortalecimento da organização política, identitária e as práticas agroextrativistas. Nesse sentido, a escola deve contribuir para a valorização da identidade, dos saberes e práticas tradicionais, ou continuará contribuindo para invisibilidade das quebradeiras ao desconsiderar a realidade local, como dizem: “nossos filhos não vão saber nem quem são as quebradeiras” (PNCSA, Fascículo 5, 2014, p7). Assim:

Primeiro tem que manter a nossa tradição. Preservar a natureza e manter as nossas tradição! Esse é o forte de nós: é não deixar acabar a nossa história. Quem fomos? Quem somos? Esse é o nosso objetivo. E preservar essa natureza, porque nós, as únicas que briga – que tá brigando. Que tá pelejando pra conservação dos babaçuais, somos nós. (Biografia Cledeneuza, 2017, p109).

(...) Nós estamos lutando por essa preservação da qual a gente sabe que é muito difícil. E a gente luta pela conscientização, pela posição nessa sociedade, pela garantia do meio de vida (...). (Biografia Cledeneuza, 2017, p113).

E Cledeneuza, quebradeira de coco, clama por mais sabedoria para a população ao fazer uma metáfora com o planeta:

Vocês estão vendo, o planeta tá chorando – como disse um professor um tempo desse. Nós não sabia que o mundo era um planeta: é um planeta tá chorando, tá chorando tá aí. Em hora dessa nós estamos debaixo da telha de barro, mas, parece que nós estamos é debaixo do tempo. E, nós sabemos que não tem mais mata, que não tem mais nada, e que a roça mudou o tempo de plantar. Mas precisa de orientação: “Poxa tu tens que entender que é tua origem!”. (Biografia Cledeneuza, 2017, p108).

2.4 CAPIM E BABAÇU: QUEM PLANTA E QUEM CONSOME?

A privatização das terras públicas, incentivo da expansão de projetos agropecuários e agroindustriais excluíram famílias rurais do acesso à terra e aos babaçuais, sendo a maioria afrodescendentes e indígenas (BARBOSA, 2008). O processo de exclusão social e simbólica do trabalho humano desse quadro de representações do babaçu se consolidaria de modo marcante na segunda metade do século XX, com as políticas de “modernização” e mecanização do campo brasileiro, com suas especificidades às áreas rurais maranhenses (BARBOSA, 2013).

Quando os latifundiários começaram a chegar na segunda metade dos anos de 1960 não encontraram um vazio que necessitava ser desbravado, pois não só a vegetação estava estabelecida como também muitos povoados, pomares e áreas comuns (AYRES JÚNIOR, 2007). Entretanto, os camponeses aparecem de modo figurativo em fotos e imagens que apresentam o extrativismo, como um apêndice de um texto em que o conteúdo central é a grande riqueza natural do estado, havendo, portanto, uma obliteração da presença das quebradeiras e quebradores de coco (BARBOSA, 2013).

A região do Bico do Papagaio foi no passado porta de entrada para toda a Amazônia Legal, constituindo-se em região de intensos conflitos agrários durante as décadas de 1970 e 1980, envolvendo posseiros, grileiros e fazendeiros pelo controle da terra e dos elementos naturais, transformando-se em um dos principais focos de tensão agrária do país (ROCHA, 2011).

Nesse contexto, o campesinato amazônico apresenta ampla diversidade sociocultural em que o processo histórico de ocupação da região através do encontro de culturas resultou em heterogeneidade de meios de vida, especialmente pela relação direta de determinados grupos sociais com os recursos naturais, base de sua reprodução social e produção material, assim como pela organização social alicerçada no núcleo familiar, no parentesco e na vizinhança (MOREIRA & HÉBETTE, 2009).

Os babaçuais constituíam riqueza de todo o solo brasileiro e a referência a eles era inequívoca em que poetas, cronistas, jornalistas e representantes do governo aparecem nos registros como exaltadores de uma herança maranhense (BARBOSA, 2013). Não que atualmente não haja interesse econômico, pois há por parte de indústrias, por exemplo, seja pelo uso do coco inteiro ou pelo potencial para biodiesel.

As dinâmicas socioambientais são marcadas por disputas em torno da posse e uso dos recursos naturais (terra, recursos extrativistas e outros) entre diferentes atores sociais, como agroextrativistas, associando-se à privatização das terras, ao cercamento das áreas, à proibição

e/ou limitação de acesso ao babaçu e à substituição da biodiversidade pelos homogêneos campos de pastagem (ROCHA, 2011).

Sobre os conflitos pela posse da terra na década de 1980 no Médio Mearim, Maranhão, uma quebradeira afirma: “Era um monte de peão fazendo cerca, derrubando a mata, derrubando palmeira, fazendo cercas, plantando capim...” (BARBOSA, 2013). Ou seja, interferindo diretamente nos territórios das quebradeiras.

Em geral, a produção da quebra do coco realizada pelas mulheres visa atender demandas do consumo doméstico e também produtos de uso pessoal (LINHARES, 2016). Apesar da coordenação masculina na roça e feminina na quebra do coco babaçu, a comunidade tradicional expressa seu conhecimento na rejeição à figura do patrão e atribui à natureza o comando da força da unidade familiar de produção (PORRO, MENASCHE & SHIRAISHI NETO, 2014).

As quebradeiras de coco babaçu desenvolvem uma luta, por vezes silenciosa, contra a derrubada das palmeiras para introdução de roças de subsistência e produção de monoculturas como a soja que ameaça se instalar, alertam para os danos das queimadas, do uso de agrotóxicos e derrubadas desordenadas das palmeiras (SILVA & FERNANDES 2013).

Para as quebradeiras, as palmeiras representam a vida pois é de onde conseguem seu sustento e o de sua família, mas para os proprietários as palmeiras têm sido meros acessórios, sendo necessárias ou não dependendo do propósito de uso da terra (BARBOSA, 2013). Enquanto para o fazendeiro a terra é garantia de ganho com as rendas do trabalho ou especulação fundiária, para os trabalhadores é fonte de subsistência (AYRES JÚNIOR, 2007).

Por intuição ou observação prática, as agroextrativistas sabem definir o quanto pode ser cortado de palmeiras, até onde a queimada pode ser usada sem gerar a morte das palmeiras, afirmam ser possível, queimar, ralear e até plantar roças dentro dos palmeirais em uma lógica de consórcio, respeitando o limite possível de desbaste e tratos culturais agroecológicos para não prejudicar a produção de babaçu, nem ameaçar a reprodução da espécie (SILVA & FERNANDES 2013).

Já as atividades agropecuárias (criação de gado e monocultivos) e a produção silvícola contribuem para a produção de efeitos negativos ao ambiente natural com a diminuição da biodiversidade e a ameaça às formas de exploração agroextrativistas (ROCHA, 2011). A aplicação de venenos e herbicidas nas palmeiras é uma prática bastante utilizada por fazendeiros para disfarçar a devastação dos babaçuais em suas terras (AYRES JÚNIOR, 2007).

Souza (2014) afirma que além dos proprietários de terras não permitirem que as mulheres quebradeiras tenham acesso aos babaçuais, desmatam sem licença ambiental. Assim,

esses proprietários também estão desrespeitando um dos princípios fundamentais do Direito Ambiental que é o “Princípio da função socioambiental da propriedade”.

A partir de outras perspectivas, os agroextrativistas também concebem os babaçuais como um elemento marcante de suas identidades, culturas e histórias, e como recurso natural com forte potencial econômico, totalmente aproveitável – das palmeirais se faz desde a casa, lugar de morar, ao abano, cofo (jacás), chapéu, quibano (peneira de palha), tapete, rede, cerca para o roçado e etc (BARBOSA, 2008).

Os produtos da sociobiodiversidade são originários de relações harmônicas, sustentáveis, com justiça social e respeito, além de que esses asseguram a manutenção e a valorização dos laços sociais, práticas, saberes que geram renda, promovem a melhoria do ambiente e a vida das pessoas (ROCHA, 2011). A palmeira de babaçu quase não apresenta doenças, pois é muito resistente, a única doença é o homem que vem e corta (MITJA, 2017).

A palmeira é pensada como “mãe de leite verdadeiro”, sendo o cotidiano das mulheres que quebram o coco relacionado à nutrição, aspecto primordial da manutenção da vida, e ter ou não esse essencial para o sustento atinge de modo particular (BARBOSA, 2008). Entretanto, muitas mulheres estão abandonando a quebra do coco e as jovens não se interessam em manter a atividade, tal processo leva a uma diminuição no nível de sensibilização sobre a conservação e preservação das palmeiras (SILVA & FERNANDES, 2013).

A quebra do coco em casa sempre existiu, mas em maior quantidade é uma prática recente, pois antes era mais comum mulheres quebrarem o coco umas com as outras em áreas de babaçuais, logo, a tarefa de coleta do coco tem se tornado cada vez mais uma atividade dita “de homem” (BARBOSA, 2008). Além do mais, a compra do coco inteiro estimulou a introdução de pessoas que normalmente não catavam coco, assim, além de diminuir a quantidade de coco para as mulheres, esse estímulo tem levado as pessoas a “varrerem” os babaçuais, catando todo coco que encontram e até desenterrando os que se encontram enterrados pelos caminhos (SILVA & FERNANDES, 2013).

No Pará, foi verificado que na Vila São José e imediações, no município de São Domingos do Araguaia, um empresário compra a saca de coco o qual é triturado inteiro para fazer ração de animais em que os cocos verdes são transformados em ração e os mais secos em carvão para as siderúrgicas de Marabá, provocando a diminuição na quantidade de coco disponível para as quebradeiras (SOUZA, 2014).

A ação dos “catadores de coco” é inversa a das quebradeiras, pois os primeiros atuam cortando o cacho inteiro das palmeiras, tirando o coco ainda verde e destinando-o a indústrias de ferro-gusa, enquanto que para as quebradeiras, a coleta do babaçu é a prática de juntar o coco

que já se desprende dos cachos da palmeira ou mesmo a prática de derrubar o coco que já está maduro para ser quebrado (BARBOSA, 2007).

A venda do coco inteiro é combatida na atual luta das quebradeiras, sendo uma prática que vem se intensificando em todos os estados com ocorrência de babaçu, pois com o aumento do valor comercial do coco inteiro, intensifica-se a coleta de todo coco encontrado nos babaçuais, sem nenhuma orientação de manejo, surgindo ameaça à reprodução da espécie (SILVA & FERNANDES, 2013).

Nos conflitos narrados por quebradeiras de coco, a ameaça ao babaçual e à sobrevivência dos trabalhadores rurais quase sempre é atribuída a uma figura masculina, o fazendeiro/grileiro, o jagunço/capataz. Desse modo, pode-se dizer que conflitos pelo acesso e preservação dos babaçuais envolvendo as quebradeiras são também inscritos nas relações de gênero (BARBOSA, 2008).

Souza (2014) chama atenção em seu estudo para as duras realidades enfrentadas pelas quebradeiras de coco babaçu no sudeste do Pará em que o problema está para além de um conflito de natureza socioeconômica, evidenciando o conflito de gênero, a exemplo do seguinte trecho:

Também foi verificado que a queima do coco inteiro, para a fabricação de carvão, tem se tornado um problema para as mulheres quebradeiras. Isso ocorre porque as empresas siderúrgicas têm produzido utilizando carvão do coco babaçu que é comprado das mãos de proprietários ou diretamente da mão de trabalhadores(as) assalariados(as). Fazendeiros contratam trabalhadores(as) para o serviço de cata do coco babaçu, em sistema de semiescravidão, pagando-os(as) por coco coletado. Essa prática, além de ameaçar o próprio critério mobilizatório das quebradeiras, acaba por se tornar cada vez mais comum. Desse modo, para além de um conflito de natureza socioeconômica, essa realidade coloca em evidência também um conflito de gênero, uma vez que a maioria das pessoas envolvidas na cata do coco ser do sexo masculino. Nota-se um embate que não ocorre tão somente entre quebradeiras de coco e fazendeiros/grileiros, mas também entre as primeiras e os chamados catadores de coco. (SOUZA, 2014, p133).

Através de discussões levadas por organizações, os homens possuem conhecimento de práticas de agricultura que não devastam os babaçuais, apesar disso, continuam a derrubar palmeiras, podendo existir uma relação próxima entre devastação dos babaçuais e autoafirmação masculina ou mesmo uma preponderância do trabalho considerado masculino em relação ao que é tido como feminino (BARBOSA, 2008).

A decisão de enfrentar restrições de fazendeiros/grileiros e iniciativas para empatar a derrubada de palmeiras, confrontando-se com proprietários, tomando a frente em muitas negociações, incentivaram a emergência expressiva de um movimento organizado em que aos poucos essas mulheres foram alcançando representatividade e concretizando algumas demandas (BARBOSA, 2008).

O MIQCB se constitui em importante elemento de luta e de afirmação da identidade territorial das mulheres quebradeiras de coco babaçu (SOUZA, 2014). O movimento se estabeleceu a partir de trabalhos conjuntos envolvendo uma rede de organizações voluntárias, tais como associações, clubes, grupos de mulheres e cooperativas que apresentavam como bandeira de luta a preservação dos babaçuais, a garantia do acesso à terra, políticas governamentais voltadas para o extrativismo, o livre acesso aos babaçuais, a igualdade de gênero e étnico-racial (BARBOSA, 2007).

Atualmente, o MIQCB concentra-se em quatro estados: Maranhão, Pará, Piauí e Tocantins, existindo significação territorial/espacial nesse movimento que ultrapassa as divisões geográficas (BARBOSA, 2008). Para a autora, a identidade é pensada e vivida através de processos que não acordam necessariamente com os padrões cartográficos estatais, construindo uma territorialidade na qual a noção de território está relacionada não somente ao acesso aos babaçuais, mas também à criação de uma identidade própria.

A área de atuação engloba cerca de 300.000 famílias de trabalhadores e trabalhadoras agroextrativistas que têm o coco babaçu como eixo norteador, mas incorpora atividades terceiras que fazem parte da pauta produtiva desses trabalhadores, como a produção de mel, a criação de pequenos animais e de plantas medicamentosas, bem como culturas que foram agregadas a esse rol, como a produção de frutas desidratadas e a extração de essências vegetais aromáticas para a utilização na fabricação de sabonetes (AYRES JÚNIOR, 2007).

Para Shiraishi Neto (2005) tem ocorrido uma negação do Estado brasileiro no que se refere à existência desses grupos na medida em que as políticas públicas são pensadas de forma “universal”, levando à formação do “reino de um único direito” que mais tem servido para “apagar” as diferenças existentes do que para garantir o direito às diferenças.

De acordo com Souza (2014), o Estado em seu nível municipal, no contexto do território do MIQCB local, faz-se presente principalmente por meio de leis, em especial a Lei municipal nº 934/2004 de 30 de novembro de 2004 que dispõe sobre a preservação das palmeiras de babaçu no município de São Domingos do Araguaia, no Pará, em que o trecho de seu artigo 1º diz:

As palmeiras de coco babaçu nativas, existentes no Município de São Domingos do Araguaia, Estado do Pará, são de uso comum das quebradeiras de coco babaçu e suas famílias, em face da relevância ambiental e social, que as exploram em regime de economia familiar e comunitária, ficando garantido o acesso destas ao coco babaçu que deve ser efetivado conforme entendimento entre as quebradeiras de coco e fazendeiros. (SOUZA, 2014, p143).

Entretanto, a organização em torno do MIQCB e da Cooperativa (criada em 2010) proporciona uma conscientização maior nas quebradeiras, tornando-as mais participativas e

envolvidas nos processos da quebra e comercialização dos produtos do babaçu, além de gerar valorização de suas identidades e memórias. Como nas falas:

As quebradeiras, elas trabalham individual, cada um com sua produção, mas a gente se reúne pra discutir as condição de vida, da política, pra mulher – essa coisa toda. O trabalho é esse, dos grupos, de organizar produção, fazer com que elas reconheçam que elas são valorizadas. Que antigamente tinha vergonha de dizer que era uma Quebradeira, e hoje elas têm orgulho de dizer que são uma Quebradeira, porque participa das coisas. (Biografia de Cledeneuza, 2017, p94).

(...) a gente diz assim tudo que: “a quebradeira de coco só é do Maranhão”. Porque as nossas origens vêm de lá. Nossos pais eram maranhenses e hoje o Pará tem quebradeira de coco, mas não é reconhecida, nem valorizada. (Biografia de Cledeneuza, 2017, p119).

(...) Quando as que... já se conhece, já se entende, já participa diretamente, a gente tem menos dificuldade. De falar daquilo que a gente faz, dizer que importância tem a farinha de babaçu, que importância tem o azeite de coco. Tanto pra nos alimentar, quanto pra garantir a nossa subsistência e a subsistência dos nossos filhos, né? (Biografia de Cledeneuza, 2017, p120).

Barbosa (2007) ressalta que as quebradeiras de coco vêm desenvolvendo cursos de formação e capacitação de suas lideranças, bem como seminários, encontros, oficinas, os quais também têm contribuído para discussões sobre os problemas relacionados com a mobilização e com a economia do babaçu.

Em relação ao grupo das Encantadeiras, ao mesmo tempo em que divulgam seus cantos de trabalho, denunciam sua realidade, comercializam seus produtos, propõem políticas públicas, difundem, reivindicam e defendem a Lei do Babaçu Livre como parte de uma campanha pela criação e implantação de leis nas três esferas de governo (NOVAES & ARAÚJO, 2016).

Apesar de avanços, essas comunidades encontram ainda sérios problemas como o próprio acesso aos babaçuais. O que era comum nas ruas e seus entornos, hoje o babaçu encontra-se longe devido ao aumento de áreas de fazendas. Como na fala de Cledeneuza:

Além da ameaça, que o babaçu ficou longe. Nós não têm recurso pra trazer ele pra perto de nós. Que precisa transporte, precisa juntar. Antigamente não, a gente ia lá no mato, fazia o monte lá debaixo da palmeira. Não gastava muita coisa. Agora, hoje não. Tem que carregar na costa pra botar fora do arame, aonde, num ponto que o carro pegue. Não pode quebrar em qualquer lugar, porque os donos das terras não aceita. (Biografia Cledeneuza, 2017, p97).

E continua chamando atenção para o desmatamento e falta de terra para elas, bem como para as dificuldades que enfrentam para acessar as “terras de dono” e dificuldades em meio às outras atividades que competem pelo babaçu:

Então, eu dizia pra muita gente, quando a região que eu moro não era vista, não tinha fazendeiro a gente vivia lá tranquilo. Quando o fazendeiro chegou, e o incentivo pra criar gado, pra plantar capim, entrou um grande conflito na nossa vida, e hoje, hoje, o coco tá longe. Tá dentro da terra do dono tem que pedir

licença, tem passar por de baixo do arame. Tem que fazer um monte de coisa. E as consequências que vem? Que não tem mais mata. Acabaram as castanha. Acabaram com madeira de lei, e agora tá acabando o babaçu. E tem outra coisa, o pouco que tem, nós vamos disputar com a carvoeira, com a cerâmica, que queima coco inteiro. E o que fica pra nós? Não tem dinheiro pra pagar as sacas de coco, nem carro pra trazer de lá dentro da quinta pra trazer pro barracão. Então a gente ganha a menor fatia do que a natureza nos oferece. (Biografia Cledeneuza, 2017, p99).

Além do exposto, atualmente há o agronegócio com a plantação de eucalipto, pressionando ainda mais as comunidades tradicionais. Como na fala:

E, vem também a entrada do eucalipto que já tem ali perto dos Veados, já. Uma grande plantação que tá chegando lá na OP 1, do outro lado lá. E vários lugares. (...). Aqui também tem a entrada do eucalipto. Aí passando à agricultura o que é que acontece? O envenenamento das terras, porque joga veneno, aí não dar pra plantar mais arroz, feijão. A gente planta e não tem produção. (Biografia Cledeneuza, 2017, p122).

Bem como a ameaça por hidrelétricas e a ênfase na derrubada das palmeiras por atividades econômicas indesejadas:

Então, aqui é, São João, Brejo Grande e Palestina sofre uma grande ameaça com a questão da hidrelétrica. E, vem pra todos: a derrubada das palmeira. Vem o envenenamento das pindovas. Vem a queima do coco inteiro. Aí, aqui o arrastão com o trator, que passa assim, limpando a volta e deixa as palmeiras em pé, mas quando vem o vento – aí as palmeira tão com as raízes descoberta, pelo trator que cavou – e cai as palmeira. (Biografia Cledeneuza, 2017, p121).

E as lamentações pela perda das palmeiras de babaçu para as outras atividades são muitas:

Além do desmatamento, mais ainda tem muito babaçu, só que tá longe! Pra gente sobreviver tá difícil. (...) A máquina da ração animal pega o coco inteiro, que nós tiramos a massa, nós fazemos três produtos e ela só faz um, a ração animal. (...) A carvoeira queima também os coco mais velho, o coco verde não queima bem. Então ela, a siderúrgica não recebe o carvão do coco verde, então nós ainda tem uma oportunidade. E, a cerâmica pega tudo, bota lá no pátio pra secar e queimar. (Biografia Cledeneuza, 2017, p99).

As reivindicações das quebradeiras de coco babaçu nos encontros, a participação em movimentos e outros eventos são formas de resistência que articulam a dimensão econômica, política, cultural e ambiental (NOVAES & ARAÚJO, 2016). Sobre a luta pela terra e pelo livre acesso aos babaçuais, uma quebradeira afirma “O latifundiário não plantou as palmeiras, portanto, quem tem direito a elas é quem depende delas para a subsistência” (AYRES JÚNIOR, 2007). O que não ocorre com o capim, pois além de ser introduzido, através de desmatamento, não é para a subsistência do fazendeiro.

3 AS QUEBRADEIRAS: CONHECIMENTOS SOBRE A BIODIVERSIDADE DOS BABAÇUAIS

As quebradeiras de coco babaçu são as principais agentes responsáveis pela manutenção dos babaçuais e conseqüentemente da biodiversidade característica desse ecossistema. Atuam como protetoras das espécies, mesmo sem se dar conta, cuja proteção se faz nítida quando demonstram conhecimento sobre plantas e animais, quando lutam pela preservação das palmeiras e, conseqüentemente, por toda a biodiversidade atrelada à teia ecológica.

3.1 CUIDADORAS DOS BABAÇUAIS

O cuidado com os babaçuais é evidente quando relatam a preocupação em torno das mudanças ocorridas ao longo do tempo, desde quando iniciaram a quebra, geralmente crianças com aprendizado através das mães e avós, até os dias atuais. Esse cuidado é evidente também porque os babaçuais fazem parte da segurança alimentar dessas comunidades, além do mais, também fazem parte da reprodução simbólica e formas de autonomia para as quebradeiras. A necessidade do cuidado com o ambiente e com o social ao mesmo tempo, em uma perspectiva socioambientalista, existe já há algum tempo, com marco na CF/88 (SANTILLI, 2005), mas ainda assim povos e comunidades tradicionais não são respeitados.

No povoado São José, município de São Domingos do Araguaia, participaram da pesquisa as quebradeiras de coco babaçu: Dona Francisca (65 anos), Dona Olívia (65 anos), Dona Maria Helena (67 anos), Dona Zilda (76 anos) e Dona Cledeneuza (60 anos). Nesse povoado, as visitas aconteceram de forma individual, ou seja, fui à casa de cada uma das quebradeiras. Não foram feitas as atividades com desenho e identificação das espécies através de catálogos.

Nas palavras de Dona Zilda sobre a exuberância que havia outrora (Figura 3):

Zilda: Nessa nossa terra, ia assim pra roça, deixar uma comida ou mesmo pra coletar os coco a gente via os bichinho, as cutia, tinham uma água assim por perto, onde nós pegava água, ninguém nem mexia, naquele tempo matavam mesmo os bichinho, as caça né, mas aí a gente via e ninguém mexia assim pertinho. Tinha aqueles jabuti, vi muito, muita fartura e hoje a gente não vê mais. Não tem mais. (...) Muito bonito, a gente ia pra roça a gente via aqueles veados, coisa mais linda, bichos passando, aquelas nambu, nambu da mata do tamanho da angulista, só ficava vendo os bichinhos, mas acabou, o povo acabaram com tudo, não tem ordem (...) por isso que não tem mais ou já acabaram.



Figura 3: Dona Zilda, quebradeira de coco babaçu de São José, município de São Domingos do Araguaia-PA, em seu quintal e à direita sua horta feita dentro de um casco de geladeira e sua pimenteira bem à frente entrelaçada a um pé de cupuaçu. Foto: Tássia Barros, pesquisa de campo, 2017.

E continua com a descrição da diversidade de espécies associada aos ambientes florestados:

Zilda: Tinha assim o bananal lá aí aquele jacu, era coisa mais linda. Muito pássaro, muito bonito. Ver os canto dos bichinho, era capelão. Matas de castanha (...). A gente ficava era parado olhando aqueles bichinho, não via uma richa de sol assim no meio da mata, só de castanha do pará, agora vai lá minha fia, não vê nada, nada, botaram só os capim aquilo ali, faz dó, quem vê aquilo ali pra vê hoje, eu mesmo fico com dó porque tanta coisa boa, tanta coisa bonita (...).

Ainda na sua fala expõe da importância do babaçu na sua vida e de sua família em uma relação quase que indissociável:

Zilda: O babaçu graças a Deus que pra mim foi uma vida né. Porque eu vivi cuidando dos meus filhos eu não tinha de onde tirar um centavo que nem acabei de dizer ninguém tinha e a renda era só do babaçu. No dia que entrava uma caixa de fósforo ou um isqueiro dentro da minha casa era do babaçu. Toda vida o babaçu. Lá mesmo no Maranhão onde nós morava e aqui também depois que eu cheguei. (...) Por isso que eu nunca quis largar (...). Não, gente! Foi o ramo aquilo ali, eu gostava daquilo ali. Porque que agora hoje eu não tenho assim a mesma facilidade. Não, gente! Eu vou com cada uma das minha amigas, e vamo cada uma, aí to sempre a ajudar, num posso ajudar do jeito que eu ajudava, mas to por aqui.

Das dificuldades em meio à escassez de terra, sendo esta agora de dono, da distância ao babaçu e sua devastação:

Zilda: Muito bom, minha filha. Babaçu muito bom. Agora pra nós tá difícil. Tá mais difícil porque as terras tão tudo de dono. Minha filha, isso aí era tudo só de babaçu. Mas hoje tem essa dificuldade. Acontece que mesmo que eles deem o coco pra quebrar mas como é que vai buscar? A distância que é lá pra gente trazer o coco nas costas pra botar no pé do arame pra carregar. Aí tudo tá difícil. E é queimando direto, tanto derruba quanto queima, minha fia.

Dona Zilda referiu-se à falta de força das mulheres mais velhas e desinteresse das mulheres mais jovens em relação às atividades do coco babaçu:

Zilda: Compra coco, paga pa quebrar, tem vezes que ainda paga dinheiro pra mulher ajudar porque tem que lavar, tem que quebrar ele, tem que torrar, tem que cortar ele um pedacinho pra ficar melhor da máquina moer. Todas essas coisas é um dinheirinho caindo. É uma ramo de vida pra cada uma que vai ajudar. Mas hoje a força dessas muié mais idosas, as mais novas não quer não. Eu tenho minhas duas fias, mas eu só tenho a minha caçula que faz todas essas coisas, mas a outra não faz. Nem moer o coco ela não faz. Agora eu não posso (...), aí a minha nora bem aqui é que quando a mulher traz o coco pra moer, ela me dá uma mãozinha.

No relato informou sobre algumas facilidades, como as máquinas, mas frisa principalmente as restrições relacionadas ao acesso ao coco babaçu:

Zilda: Muita facilidade agora pra nós, fia, sobre essas máquinas. Mas o babaçu cadê? Tá tudo longe, acabou assim a força da gente, naquele tempo que tinha muito não tinha essa facilidade, tinha que ser no pilão. Além da gente não puder mesmo, a força já tá pouca, e aí o babaçu tá difícil, até que se não tivessem derrubado mais, tem o gosto de derrubar não sei como é que é, porque não param de derrubar, minha fia, não param de derruba mais.

Dona Francisca e Dona Cledeuza do povoado São José, município de São Domingos do Araguaia, conversam sobre a atividade do coco babaçu pela qual Dona Francisca demonstra uma relação indissociável, e sobre a “peleja” com o coco, ou seja, o trabalho que se tem. Além da peleja também do marido de dona Francisca, seu Francisco (Adão), o qual a ajuda com a coleta do coco pelas quintas com o seu carrinho de mão (Figura 4). Optei aqui por transcrever esse diálogo sem intervenções por entender a profundidade dos argumentos para revelar os vários planos das dificuldades e experiências das quebradeiras.

Cledeuza: Principais quebradeiras de São José: Dona Francisca, Dona Maria -já parou- e Dona Verena -já parou.

Francisca: To aposentada, mas eu não consigo ficar parada. Ali eu to tranquila. To esporecendo.

Cledeuza: Que nenhuma de nós que sono trabalhadora assim num vamo ficar parada, a gente tem que ficar mexendo com alguma coisa.

Francisca: É. Tem que tá mexendo.

Francisca: Meu marido, ele é trabalhador rural, ele trabalha com roça, colhia roça todo ano, parou de botar roça. Aí agora por aqui ninguém planta roça que nem você sabe, só é capim. Aí ele tem o aposento dele, mas ele não fica parado. Ele junta os coco, faz o carvãozinho dele, e vende, e tem o dinheirinho dele. É aposentado, mas ele não para. Eu brigo com ele. Oh, tá pelas quinta com carrinho de mão juntando coco.



Figura 4: Dona Francisca, quebradeira de coco babaçu de São José, município de São Domingos do Araguaia-PA e seu marido. Foto: Tássia Barros, pesquisa de campo, 2017.

Francisca: Mulher o povo derrubaram as palmeira tudo. Acabaram tudo. Acabaram com as palmeira tudo. Ficou raleado. Aqui acolá, que acha uma que tem cacho aí ele apanha. Vai buscar lá no Anastácio. Ali no Luiz Nocete, longe carregando...chega aqui suado, chega pingando (...) Ele é que nem eu, não consegue ficar sem trabalhar. Ele pejeja.

Francisca: Eu não consigo, não. Eu pejejo.

Cledeneuza: Enquanto tem aqui mais próximo, porque isso aqui era tudo bastante coco, hoje já tá mais longe, ele já tá indo lá longe buscar, ele pegava bem aqui na frente.

Francisca: Eu não paro de quebrar coco. O homem caça todo mês pra por o coco ali pra mim. Agora se fosse eu sozinha eu já tinha largado, porque eu não dava conta, pra carregar o coco pra casa, eu não do conta não, eu não dou conta pra pilotar aquele carro de mão.

Cledeneuza: Por que antigamente, como ela tava falando, lá no Maranhão e aqui também, nessa região aqui todinha, a gente ia lá no mato, juntava o coco e quebrava à vontade. Quando a terra passou a ser de dono dos anos 70 pra cá.

Francisca: Acabou tudo.

Cledeneuza: Aí eles começaram a entrar a ideia do pasto. Foi de 70 pra cá começou expandir o pasto.

Francisca: E dentro das quinta que tem gado eles não aceita quebrar o coco.

Cledeneuza: Aí tem a questão de não quebrar dentro da quinta por causa daquele cavaco que fica.

Francisca: É, adoece a pata do gado.

Cledeneuza: A gente pode pegar a casca mais graúda e fazer o carvão, mas sempre fica o cavaco pequeno.

Francisca: É, fica.

Cledeneuza: Aí a gente tem que cavar o buraco, botar aquilo tudo, mas mesmo assim eles não aceita porque fura os pés dos animais. Aí então começou a nossa dificuldade, aí foi a ideia de ter o barracão pa botar o coco, porque se bota lá, quebra lá. Eles não importa de panhar aí nas quinta deles, ainda não tem essa proibição. Como ela tava colocando que lá ela quebrava de meia no Maranhão. Aqui não, aqui você vai lá junta o que pode e traz pra casa. Antigamente a gente não fazia isso, ela saía de manhã pros mato, ia juntando, lá ela experimenta aqui uma palmeira, tá

largando, vou quebrar esse, aí ela ia pra outra, não tá largando, ela deixava, já ia pra outra, juntava aqueles lá, tá largando, tá, então vou quebrar esse, era assim.

Francisca: Tinha semana que nós passava a semana todinha ajuntando aquele coco de baixo do pindoal, fazia aquele montão.

Cledeneuza: Hum hum. As palmeira perto.

Francisca: Aí na outra semana, a gente já ia quebrar aqueles que já tava juntos, aí naquela semana que nós tirava pra quebrar o que tava junto já tirava um dia ou dois pra juntar pra outra semana. Tinha muita palmeira, mas era difícil porque era muito quebrador.

Cledeneuza: Aqui no Pará, nunca teve vendas assim. Quando o povo veio do Maranhão pro Pará, dos anos 70, que veio muitos maranhenses pra cá, foi a questão da terra. Aí aumentou um pouco a quebra de coco, tinha um posto de compra, depois acabou o posto de compra, só ficou assim igual ela, quebra, faz o azeite, vende o azeite, não vende a amêndoa. Aqui não tem mercado da amêndoa.

Francisca: É. Não eu só quero porque eu vendo o azeite, se fosse pra eu vender a base de coco, eu não quebrava não porque eu não tinha onde vender. Lá no Maranhão tinha, o lugar, o ponto certo de nós vender, tem o comércio lá.

Cledeneuza: Pois é, não tem. E hoje o governo fez um preço mínimo pra amêndoa. Antigamente ela vendia um quilo de amêndoa pra comprar o quê Dona Francisca?

Francisca: Pra comprar mixaria. Trocava um objeto no outro.

Cledeneuza: Quantos quilos a senhora quebrava por dia?

Francisca: Muito que eu quebrava era dois litros de coco. Esses dois litros eu mandava o menino trocar por algum objeto que tivesse faltando dentro de casa. Cansei de trocar coisa de comer pra dar pros meu filho comer quando eu comecei a quebrar coco.

Cledeneuza: E hoje não. Aí o governo fez o preço mínimo. Nós aqui no Pará não consegue entrar na PGPM. As nossas companheira fica brigando, acham que é falta de interesse nosso, mas não é, é porque não tem quebradeira pra entrar na PGPM. Agora nós vamos fazer um contrato de entregar, tem um crédito de 3000 reais. A Dona Francisca é quebradeira, mas ela não vai mais dar conta de entregar amêndoa pra fechar 3000 reais.

Francisca: Não, dou não.

Cledeneuza: Primeiro porque se tivesse as palmeira ainda aqui por perto, que ela enchia essa casa aí até no teto de coco, ela podia entrar, porque ela dava conta de quebrar 100, 200 quilos de coco, ela dava conta. Agora hoje do jeito que nós tamo nós não damo conta.

Francisca: Dão não. Nem com muita quebradeira não dá conta.

Cledeneuza: Nem com muita quebradeira porque não tem coco. Quer dizer tem coco, mas tá longe. Coco é pesado. Os cara não querem nem juntar coco pra nós porque pra jogar em cima do carro é muito peso.

Francisca: É peso demais.

Cledeneuza: Aí o que que tá acontecendo, a cerâmica tem um carro, tem dinheiro pra pagar mão de obra, ou tem um guincho pra jogar os saco em cima, a TOBASA passa por aqui comprando coco, as siderúrgicas. Aí elas compra todo coco inteiro. Aí os cara vai lá na solta, arrenda uma

solta aí, e eles dão os saco e eles vão só enchendo, e eles vem com o carro só pegando e nós num tem força e nem dinheiro pra poder juntar o coco e botar em cima do carro.

Francisca: Aí a gente fica pra trás.

Cledeneuza: Uma mulher dessa idade e eu e outras nós não consegue juntar coco pra botar em cima do carro.

Francisca: Mesmo que pague, mas os carro não quer entrar pra dentro das quinta pra pegar porque não tem quem vá pegar os sacos com coco pesado pra jogar em cima.

Cledeneuza: Hoje aqui o nosso trabalho tá ameaçado, ameaçado porque, porque nós não tamo tendo mais força pra fazer, né.

Francisca: É.

Cledeneuza: As menina nova não tão querendo fazer esse trabalho. Dona Francisca tá aí nessa situação. Eu já to mais velha. A outra que nós vamo encontrar ali, já nem dá mais conta, né.

Francisca: É. A Dona Zilda não dá mais conta dessas coisa não, além de viver com a vista ruim, agora essa doença pegou ela, a tal da chikungunia, um dia tá melhor, outro dia tá pior, toda noite diz que dá febre. Aí não tem mais jeito dela mexer com coco não, e principalmente pra torrar, porque aquela fumaça prejudica muito a vista dela.

Cledeneuza: É. E fazer o azeite, apurar, ela já não dá conta.

Francisca: Dá trabalho de mais, oh. Eu moo aqui manual no meu moinho, oh.

Cledeneuza: Pois é, não sei porque que a senhora ainda insiste nisso.

Francisca: É porque eu gosto de moer o coco meu, fica fininho, não fica um pedaço grosso, aí dá muito azeite, oh.

No povoado São Benedito, município de São Domingos do Araguaia, uma roda de conversa deu-se em meio ao mungunzá feito por Dona Edna. As quebradeiras e alguns de seus familiares falaram um pouco acerca dos babaçuais e as mudanças advindas, demonstrando conhecimento sobre a biodiversidade e preocupação com as implicações em suas vidas.

Participaram da roda de conversa as quebradeiras Edna, Rita, Iracema, Maria, Francisca, além de Cledeneuza (Figura 5). Após a roda de conversa, participaram da atividade com os desenhos e identificação das espécies através dos catálogos.



Figura 5: As quebradeiras dialogam sobre a realidade local em uma roda de conversa no povoado São Benedito, município de São Domingos do Araguaia-PA. Da esquerda para a direita: Rita, Cledeuza, Edna, Maria, Davi (neto de dona Edna), Enemísio (filho de dona Cledeuza), Iracema, Francisca (neta de dona Iracema) e Tássia (pesquisadora). Foto: Larissa Costa, aluna do Curso de Educação do Campo da UNIFESSPA), pesquisa de campo, 2017.

Dona Edna evidencia as mudanças ao longo do tempo e revela a diversidade de espécies que existia antigamente:

Edna: Eu moro aqui no São Benedito uns 25 anos mais ou menos, a gente entrou aqui era mata ainda quando a gente veio dali de Marabá, isso aqui era tudo castanhal, não tinha abertura, não tinha nada, quando a gente entrou em 270 famílias pra fazer o assentamento né. Eu já tenho muito tempo aqui dentro, mas a diferença aqui é cada dia, cada dia vai fazendo a diferença aqui, tanto no desmatamento, como nos animais, como na profissão da gente, como na lida, entendeu, na facilidade, facilitou e agora voltou dificultar novamente porque a gente antigamente entrava de a pé que não tinha carro, não tinha facilidade pra sair, pra entrar, falta de ponte, de estrada, tudo né. Então chegou um tempo que melhorou porque abriram estrada, tudo, melhorou tudo, só que agora dificultar novamente porque estrada num corta, num tem ponte, muito buraco, num tem transporte, então voltou a dificultar novamente. Então cada dia passa a dificuldade é grande. O desmatamento foi muito grande, foi muito rápido, avançou muito, nunca teve uma fiscalização, nunca teve uma proibição, nunca teve um acompanhamento do Ibama, de órgão nenhum, de meio ambiente, de nada, entendeu, e hoje a gente se acha nessa situação que não tem possibilidade mais nem de plantar e colher porque plantaram muito pasto, acabaram com as matas, não tem como você trabalhar a agricultura familiar porque hoje vai depender de trabalhar mecanizado não tem condição porque se não tem facilidade por parte de parceria de governo, sindicato...tá tudo defasado! A situação não tá fácil hoje pra quem vive na zona rural.

Sobre as dificuldades de acesso aos babaquais e a devastação devido aos desmatamentos, continua:

Edna: O acesso ao babaçu mais difícil tá porque eles vão derrubando, além de não derrubar, é propriedade própria, não é o direito de cada um, tem a sua propriedade privada e ele faz o que quer. Não tem a lei de dizer não derruba ou só derruba tantos por cento, tantos não podem ser derrubados tem que ser preservado.

Em São Domingos do Araguaia existe a lei do babaçu livre, entretanto o relato de dona Edna acerca da realidade não condiz com o que deveria ser cumprido pela lei. Isto corrobora com resultados de Souza (2014) sobre a percepção da lei do babaçu livre e sua efetividade no município de São Domingos do Araguaia-Pa pelas quebradeiras de coco babaçu.

Edna: Cada dia passa a gente tá criando os filho e tá ficando mais difícil porque enquanto eu panhava bem aqui no quintal agora eu não panho mais no quintal porque o vizinho da terra derrubou então vai ficar com 2 ou 3 quilômetros. Então pra gente coletar esse coco vai depender de carro. Nós não temos parceria, a gente poderia ter uma parceria com a prefeitura e ela não tem. E aí você vai pagar um frete num dá pra tirar, num compensa. Então tudo isso é difícil, e aí ainda tem aquele porém ele faz do babaçu o que ele quer. Aqui pra mim eu ainda consegui convencer um vizinho ali, que tem um bendito rio no meio, que aí só colhe no verão, no inverno não dá pra colher, porque eu colho e ajunto tudo e ele bota no jirico e traz pra mim de graça, sem cobrar nada, o que puder panhar todo pois pra ele é um prazer de panhar e ele ajudar a trazer e tudo pra quebrar, mas só tem ele nessa região que faz isso, já teve outro ali que oferta mas não tem condição de trazer e eu nem tenho onde buscar.

Sobre a problemática da diminuição das mulheres devido à idade e comprometimento da saúde, e a falta de participação das mais jovens, contudo a vontade de continuar na atividade, de continuar servir, nas palavras de dona Edna:

Edna: A maioria das pessoas que trabalha com o babaçu não é mais jovem, tudo já são velha, num guentam, aleijada numa perna, da coluna, não presta, é assim, mas a gente continua no ramo ainda, sem desistir ainda, porque você tem uma freguesia que muita gente já bate na tua porta “eu quero azeite de coco” então você não tem aquela de dizer “não, não tenho” a sua vontade é de servir e continuar fazendo aquilo.

O termo “servir” foi utilizado por algumas quebradeiras durante o contato que tive com elas, mas entendo o “servir” não no sentido de servidão, e sim no sentido de querer participar, querer se envolver, portanto, está ativa em uma relação de trocas.

Dona Edna fez o registro da destruição das castanheiras e o processo de transformação da floresta em floresta de babaçu. Portanto, foram mudanças na quantidade de florestas a qual se somaram outras dificuldades para a coleta e os cuidados com o babaçu:

Edna: O Pará foi muito cheio de castanha, como tinha muita castanha a maioria era cortadeira de castanha, tinha mais cortadeira de castanha de que quebradeira de coco, só que o devastamento acabou a mata, e hoje ainda resta o babaçu, pouco mas ainda resta com maior burocracia pra gente coletar ele, cuidar dele, é difícil.

Edna: Antigamente da minha casa ali da roça pro babaçual dava faixa de 500 m, hoje tá na faixa de 3000 m porque derrubaram tudo onde ainda se vê um área de babaçu é na beira do rio, então fica muito distante, muito difícil, porque não tem acesso da estrada, alagadiço na época do inverno.

Dona Rita, também do povoado São Benedito, revela sobre o seu gostar de quebrar o coco, sobre as dificuldades e sobre alguns cuidados com o babaçual:

Rita: É uma experiência muito boa porque a gente aprende né, a gente convive com as pessoas, eu não conhecia a dona Cledeneuza, hoje eu já conheço ela, ela sempre vem aqui e quando tem reunião eu venho.

Rita: Os dono de terra derruba tudo. Ali pra cima mesmo onde nós gostava de juntar o home mando derrubar as palmeiras mais velha que botavam bastante coco, carregou tudo, ficou só as palmeirinha pequena e tem deles que não deixam a gente pegar, que barram a gente de pegar o coco. Se tivesse um cocal dava mais produção.

Rita: Quando a gente entra num cocal desse por aí juntando coco a gente vai até limpando né, roçando aqueles matos, aquelas coisas, porque devido ser muito alto, aquelas pindovinhas a gente vai limpando, até limpa os cocos mesmo porque nasce né, às vezes aparece uma cutia, que é difícil também, carrega e vai nascer muito longe.

Dona Iracema, também de São Benedito, fala de quando começou a quebrar coco e da facilidade para obter o coco já que em sua terra há babaçu:

Iracema: Cheguei aqui já tá com uns 25 anos. Comecei quebrar o coco com a idade de 10 anos, no Maranhão, aí quando cheguei aqui no Pará já quebrava mesmo o coco pra me tirar o azeite pra me temperar. Aí quando surgiu pra nós quebrar o coco pra tirar o azeite pra vender, aí nós já sabia mesmo aí eu continuei, aí junto com a Cledeneuza, quebrar o coco, tirar o azeite, mandar o azeite, agora às vezes a gente manda o coco mesmo e ela tira o azeite lá, tirar a massa de coco. Só que lá na minha terra tem coco, não é difícil pra mim, pras outras é difícil porque elas não tem, mas no meu terreno tem coco, aí fica fácil pra mim.

Quando as quebradeiras de coco babaçu se queixam das dificuldades de acesso ao babaçual e a possibilidade de um cocal próprio, já que não só o acesso é dificultado mas a permanência do babaçu em pé, a noção de uso comum dos recursos torna-se ameaçada. Tal situação demonstra o quão as relações sociais tradicionais correm o risco de se fragilizar, entretanto permanecem resistindo.

Mais adiante reconhece as mudanças e a invasão do capim. Dona Iracema luta para não derrubarem as palmeiras:

Iracema: Agora tá mudado porque tem mais é capim mesmo. Só que lá no meu eu não deixo derrubar as palmeira não. Tem o capim pro gado, pros animal, mas eu não deixo derrubar as palmeira.

Dona Iracema conta que aprendeu a quebrar com sua mãe e fala da possível transmissão da atividade da quebra do coco babaçu entre gerações:

Iracema: Quebrava junto com minha mãe. Eu acho que ela iniciou mesmo com a mãe dela porque ela já quebrava e eu continuei junto com ela. Junto o coco, aí quebra, tira o azeite, a luta é a mesma, continuando pra frente aí (...).

Fala também sobre a ajuda das netas na quebra mas que não é frequente:

Iracema: Tenho duas netas, só que elas não quebram mesmo direto não porque elas estudam, às vezes dia de sábado quando não tem aula é que elas me ajudam, às vezes vão juntar, às vezes quebram. Quem me ajuda mais a quebrar mesmo é meu marido (...).

Maria, quebradeira mais jovem, relata que não quebra com tanta frequência por ter outras atividades:

Maria: Minha mãe quebrava coco lá no Maranhão, só que eu não peguei a prática dela. Eu quebro, mas não assim que nem a Edna, que nem a tia Iracema. Porque me chamam pra trabalhar eu tenho que ir né, porque não tenho ninguém que me ajude, só eu e minha filha, o esposo é eu mesmo eu tenho que correr atrás pra ela.

Quando as quebradeiras relatam que o aprendizado da quebra de coco se deu com a mãe em um processo de transmissão geracional, e as mulheres mais jovens não se interessam pela atividade – por motivos diversos, de certo essa ruptura de geração intervém negativamente na reprodução social e simbólica dessas comunidades tradicionais.

Dona Cledeneuza complementa sobre seu desejo de ser quebradeira, os aprendizados com a vizinha e a interrupção pelo casamento:

Cledeneuza: Quando eu era menina eu tinha vontade de ser quebradeira de coco né, só que minha mãe não aceitava né, mas de vez em quando ela deixava eu ir na turma porque antigamente as mulheres quebravam coco era de turma lá no São Domingo. Aí a dona Bodica, era nossa vizinha, e tinha outras mulheres, elas iam quebrar coco e eu ia com elas. Aí passou um período, eu casei, fiquei muito tempo sem quebrar coco, fui estudar também. Aí depois passou um período que eu vim pra roça, eu consegui a terra, já era dona de família, aí vim trabalhar com o movimento popular, mas eu conhecia a história da roça porque eu trabalhava na roça toda vida com meu pai, sobrocava a roça, no mês de novembro ele ia pro castanha, ele era castanheiro e ele só voltava em março pra colher o arroz e quem ficava nesse período eu na faixa de 10 anos até os 14 anos tomava conta da roça mais o meu irmão, capinava os mato e o homem plantava e quando meu pai chegava o arroz já tava pra colher né.

Cledeneuza: Então eu conheço que nós tinha uma terra, entrava nas mata pra caçar as caça, essas caça pequena, os homens também matavam veado, catitu, capivara, nós vivia lá no mato dessas coisa, era pra nossa alimentação. Pescar, nós morava na beira do igarapé, meu pai pescava muito.

Nas palavras de dona Cledeneuza encontra-se a força da identidade como quebradeira de coco babaçu e a inserção no movimento. Identidade e politização constituem uma unidade de ação:

Cledeneuza: Mas eu me considero (quebradeira) porque hoje eu sei tirar o azeite, sei quebrar o coco, sei falar da história do babaçu, das matas onde existe babaçu, o que existe nas mata, eu já sabia antes de tudo isso porque nós morava nas matas de babaçuais, nós tinha uma terra que ela tinha muito babaçu, meu pai deixou tudo pra lá porque naqueles ano nós não fazia conta da terra, morava aqui uns tempo, daqui a gente saia ia morar em outro lugar, mas lá tinha muito coco, minha mãe temperava era com leite de coco, fazia o azeite, e a gente vivia assim, minha tia, minha mãe e eu cresci vendo isso.

No povoado 21 de Abril, município de São João do Araguaia, ocorreu também uma roda de conversa onde participaram algumas quebradeiras e alguns de seus familiares, entre eles, a maioria homem, algo não muito comum nas reuniões das quebradeiras, mas que é muito importante, conforme Cledeneuza. Foram discutidas as mudanças ocorridas nos territórios das quebradeiras, a diminuição dos babaçuais devido ao desmatamento, as mudanças no clima, bem como as dificuldades para a atividade do coco babaçu. Além de terem participado da atividade de identificação de espécies através de catálogos e da atividade com desenhos.

Um aspecto diferencial em relação às outras localidades é que em 21 de Abril há floresta primária onde o babaçal encontra-se imerso às espécies em avançado estágio de sucessão, portanto, a diversidade de espécies é maior nessa localidade. Participaram as quebradeiras Luzia, Carmelita, Josiane e Cledeneuza, além de Raimundo (marido de Carmelita), Paulo (filho de Luzia), Gildan (filho de uma quebradeira que não estava presente) e outros rapazes (Figura 6).



Figura 6: Roda de conversa com as quebradeiras de coco babaçu e familiares m 21 de Abril, município de São João do Araguaia-PA. Da esquerda para a direita: na fotografia da esquerda estão Raimundo, Luzia, Paulo e Josiane e na fotografia da direita estão Gildan, Cledeneuza (costas), Raimundo, amigos de Paulo, Carmelita, Paulo e Luzia. Nesta última, estavam realizando a atividade de identificação de espécies através de catálogos. Foto: Tássia Barros, pesquisa de campo, 2017.

Um dos problemas discutidos pelas quebradeiras relaciona-se à falta de interesse das mulheres mais jovens pela atividade do babaçu. Em 21 de Abril não é diferente, mas neste local há um diferencial, pois há uma quebradeira jovem, sendo isto visto como algo esperançoso para a continuidade da atividade. Assim, em seguida estão alguns relatos de Luzia e Josiane, sendo esta jovem e aquela mais velha, dois polos de resistência do babaçu em 21 de Abril/São João do Araguaia.

Luzia: Minha origem é mesmo quebradeira mesmo porque desde quando minha mãe era quebradeira de coco eu aprendi quebrar, aí cheguei aqui pro Pará, a minha irmã morreu, e aí fui obrigada eu criar uma irmã minha, aí fui obrigada a quebrar o coco, pra vender pra comprar o leite pra ela.

Luzia: Eu sempre me dediquei o grupo. O que eu posso fazer eu faço, o que eu não posso eu não faço porque a gente já tá velho mesmo e gente velho não tem mais aquele alento de quando era novo, mas nós tamo indo aí devagar.

Josiane: Tenho 25 anos, nasci no Brejo Grande e vim pra cá e to aqui até agora. Agora eu to aqui só quebrando o coco mais essas mulher aí, indo pro mato aprendendo aí mais elas aí, quebro pouco mas quebro.

Josiane fala sobre a falta de interesse da juventude, sobre sua origem e da origem da atividade da quebra do coco:

Josiane: O mundo agora tá moderno e o povo não se interessa mais. Na casa da mãe mesmo meus irmãos nenhum num se interessa, os outros não os mais velhos sempre ia, agora os mais novos não se interessa mais não, só querem saber da modernidade do mundo aí.

Josiane: A mãe é de Paraná e o pai é do Maranhão (...). Quando ela (mãe) morava pra lá mais a vó aí foi vivendo disso, aí quando veio pra cá continuou (A mãe iniciou a quebra com a mãe dela).

Luzia e Carmelita relatam as dificuldades e alegrias da atividade da quebra do coco em 21 de Abril destacando a organização da cooperativa:

Luzia: Eu quebrei muito coco assim quando eu era menina, mas era assim mesmo galantearia, nem imaginava que aquilo ali um dia ia cair pra mim.

Carmelita: E que tinha muita serventia, né.

Luzia: É, e que tinha muita serventia porque minha mãe quebrava o coco, tirava o azeite, fazia o sabão, e era rápido. E eu ficava pensando “meu Deus, como é que a mãe faz essas coisas assim” e hoje em dia não, nós tem uma facilidade, só é difícil a colheita porque nós não tem assim muita força de arrastar de lá do mato pra casa. Mas foi uma coisa que facilitou muito porque nós tem uma forrageira, nós tem nossas “tralha” de tirar, nós torra, nós vamo pra forrageira mói, e aí coisa o azeite, entrega pra cooperativa porque nós somo cooperada, entrega pra cooperativa e a cooperativa compra, não fica aqui empaiado com o azeite muitos tempo engarrafado pra poder vender, não. Eu pra mim foi uma coisa que caiu assim muito bom porque de primeiro era dificultoso demais pra gente fazer essas coisas e hoje em dia tem muita facilidade e o povo não tão nem aí.

Luzia: Nós somo aqui um grupo, se nós tivesse um transporte pra nós arrastar o coco era bom demais. Aí tem grupo aí pra fora, digo aí mesmo no Itamerim, tem grupo aí que o prefeito dá o transporte pra ir carregar e nós aqui não, nós vamo e luta, não tem como, a dificuldade que eu acho é só essa porque se tivesse o transporte, menina, as casa aqui era tudo cheia de coco e nós só vivia era no mato. Mas como não tem o transporte a gente acha essa dificuldade porque nós já tamo velha e não pode com meio saco pra botar nas costa pra carregar. E aí a dificuldade que eu acho é essa aqui porque se aparecesse um transporte pra gente carregar, ajuntar o coco e o transporte fosse buscar, menina, era outros dez porque aqui a gente fazia o almoço, já sabia mesmo que ia quebrar, só fazia o almoço aqui então fazia o almoço lá na casa, lascava o pau aí quebrando o coco aí contando lorota e onde fosse de tarde tava com duas, três latas de coco cada uma (...) mas aqui é uma dificuldade, minha irmã.

O mundo e espaço de trabalho na quebra do coco procede de um recorte de gênero. Um grupo de mulheres organiza a saída para a coleta e quebra de coco. Os relatos sobre cooperação,

solidariedade, descontração e lazer nas atividades de quebra do coco babaçu expõem os processos de socialização e as formas de reciprocidade e contentamento:

Luzia: Cada uma diz uma coisa lá no mato, cada uma tá dizendo uma história pra gente, a gente tá aprendendo com aquela outra, a gente tá dizendo pra aquela outra. Pra mim é passando uma mensagem pra outra né. Eu acho interessante isso. Quando a gente vai pra dentro do mato aí não dá nem vontade de vir pra casa. Quando é dia de verão assim quando tá tudo enxuto, não dá nem vontade de vir pra casa porque é bom demais.

Carmelita: É bom demais.

Luzia: É bom demais, eu acho.

No município de Palestina do Pará, a quebradeira de coco babaçu Maria, conhecida como Maria do Jaó, fala sobre a sua origem na quebra do coco, a importância do coco babaçu para a sua vida, as implicações devido à idade e à saúde debilitada das quebradeiras, principalmente das mais velhas. Dona Maria do Jaó demonstra grande conhecimento sobre plantas, possui em sua casa inúmeras espécies além de uma palmeira de babaçu bem antiga em seu quintal que resiste à derrubada do marido (Figura 7).



Figura 7: Dona Maria do Jaó, quebradeira de coco babaçu de Palestina, em seu exuberante quintal com inúmeras espécies de plantas, como frutíferas, hortaliças, ornamentais e medicinais, além de uma enorme palmeira de babaçu. Município de Palestina do Pará-PA. Foto: Tássia Barros, pesquisa de campo, 2017.

Maria: Com 8 anos eu já comecei a quebrar coco. A minha vó me levava pro mato eu não dava conta de partir o coco, mas ela partia tudinho e eu ia tirando as baginha. Tinha vez que eu passava o dia todinho quebrando o coco. Não fui quebradeira assim mas todo dia eu quebrava, todo santo dia eu quebrava o coco e ali eu me vestia, eu comprava o que eu comer porque o único apelo que nós tinha era aquele. E aí a gente foi indo, foi vencendo essa tarefa, a gente já foi amadurecendo mesmo aqui, aí quando chegou o ponto das facilidade pra gente, aí cadê as mulher,

agora as mulher já ficaram tudo velha, as nova também daqui a gente pelejou demais, que eu entrei na coordenação, no começo foi bom demais, mas depois as muiezinha mais nova ficava com vergonha, tinha delas que ficava com vergonha de se apresentar que era quebradeira de coco. Aí a gente foi indo, foi enfraquecendo, aí ficou só as mais velha mesmo que já eram acostumada a quebrar o coco, as mais velhinhas já foram caindo porque não davam mais conta, tem uma amiga mesmo, que tá em Marabá, a Romana, da nossa coordenação véa, mas ela, coitadinha, aquela mesma que já não dá mais conta, eu que sou mais nova que ela já não dou mais conta, imagina ela que já tá abatida.

No município de Palestina do Pará, foi iniciada a luta pela decretação de uma Reserva Extrativista (Resex) e é dona Cledeneuza quem comenta dessa luta pela Reserva conduzida por cinquenta mulheres e, entre elas, Dona Romana.

Cledeneuza: Quando se iniciou o movimento, aquelas 50 mulheres que a Dona Maria falou elas tinham uma proposta. Do lado de lá do rio, tinha um senhor que queria se dispor da terra, então elas tinha uma proposta que essa terra ela servia tanto pra trabalhar de roça quanto pra conservar o babaçu pra elas. Nunca deu certo. Levemo essa proposta pro Governo várias vezes, fizemo pedido, todo ano se renova dentro do nosso orçamento. Mas era um lote já marcado pelo INCRA, a última resposta, fomo pro INCRA e tudo, e o INCRA disse que não podia desapropriar o que já era deles, que eles já tinham demarcado, eles não podiam desapropriar né. Aí elas perderam a esperança de ter essa área que queria que se tornasse uma reserva. A área era pequena de cento e poucos hectares né, nós chama é de alqueiro, cento e poucos alqueiro. Eles disseram que era pequena e que ela já era titulada e que não podia fazer nada. Ela era na beira do rio, tem uma serra grande, aí tem a parte que tem babaçu e tem a parte que é de mata que é pra se fazer roça e era o sonho delas era ter um local que trabalhasse de roça e quebrasse o coco, em Palestina.

Após esse relato sobre a possibilidade da Resex e a perda do sonho dessas mulheres (mais de 50) de não conseguirem a criação da Resex, de fato o socioambientalismo tão necessário para a sociobiodiversidade, evidenciado na CF/88, na ECO-92, na CDB, na Convenção 169, etc, torna-se mais um texto bonito que infelizmente sua prática é muito difícil.

Dona Maria do Jaó fala sobre o significado da palmeira de babaçu:

Maria: Pra mim representa uma mãe. A palmeira de babaçu pra mim representa igual uma mãe. Porque dali eu tirei o sustento até um tempão desse e ainda tiro que às vezes as menina quebra o coco aí e pede pra mim tirar o azeite de meia, eu tiro. Então representa uma mãe pra mim, ela uma mãe. E eu tiro um leite, eu quero comer um frango com leite de coco, a vez tem aí no meu pé ou eu vou caçar pra ali longe, meu véio vai e traz um tiquizinho, aí faço aquele leitinho e boto na panela, então ela é uma mãe, pra mim ela representa igual uma mãe.

No povoado Itamerim, município de Brejo Grande do Araguaia, várias quebradeiras de coco participaram de uma roda de conversa, contudo a atividade se deu com elas quebrando o coco. Assim, pôde ser observado a grande habilidade delas na quebra do coco babaçu, algumas, inclusive, quase não olhavam para o coco entre o macete e o machado enquanto batiam e falavam.

Nesse povoado, foram discutidas as mudanças ocorridas nos territórios dos babaçuais, na biodiversidade, nos rios, no clima, além das dificuldades e principais problemas relacionados ao acesso ao babaçu. As quebradeiras de coco babaçu que participaram foram Filomena, Raimunda (Nega), Francisca Rita, Jucilene (Branca), Maria Cleude, Francisca Silva e Cledeneuza, além de alguns familiares (Figura 8).

Dona Filomena fala de sua origem na quebra do coco em que o aprendizado deu-se com a sua mãe e fala também das dificuldades para se conseguir o coco:

Filomena: Eu quebro coco desde novinha que eu comecei a quebrar o coco e até hoje to aqui nessa peleja. Tenho 71 anos e toda vida nessa labuta do coco, quebrando coco direto. (...) Desde pequenininha comecei quebrar coco, aprendi com a minha mãe, ela que me ensinou, ela partia o coco, botava as bandinha ali e eu tirava os bago até eu dá conta de quebrar o coco.

Filomena: (...) É uma dificuldade grande. Nós faz é pagar po povo ajuntar o coco pra nós, aí paga pra carregar. Eu num do conta mais de juntar, eu num do mais conta de arribar o saco de coco, nós paga é po povo ajuntar a 3 real o saco que nós paga pra ajuntar e depois paga pra carregar, aí bota lá no lugar aí depois vamo quebrar.



Figura 8: Quebradeiras de coco babaçu em plena atividade no povoado Itamerim, município de Brejo Grande do Araguaia-PA. À frente, da esquerda para a direita: Maria Cleude, Francisca Silva, Raimunda, Francisca Rita, Filomena e Jucilene. Ao fundo, um senhor parente de quebradeira, Cledeneuza e uma senhora parente de quebradeira. Foto: Tássia Barros, pesquisa de campo, 2017.

Raimunda, 40 anos, maranhense, também fala desde quando quebra o coco e sobre o acesso ao babaçu:

Raimunda: Desde pequena que eu quebro coco, vi minha mãe quebrando, fui e aprendi quebrar, quando dá certo a gente tá quebrando.

Raimunda: Tem vez que tem muita dificuldade, é muita sujeira pra gente tá catando, tem que tá roçando pra pegar eles, tem vez que é perto, tem vez que é longe, às vezes a gente se machuca também pra poder coletar ele.

Francisca Rita, 44 anos, fala também de sua origem no coco e que aprendeu a quebrar o coco com a avó:

Francisca Rita: Minha profissão é quebradeira de coco desde os 10 anos, aprendi com a minha vó, mãe eu não conheci, conheci vó, comecei a trabalhar junto com minha avó.

Jucilene também fala da origem na atividade, do aprendizado com a mãe, da importância do coco babaçu para a subsistência de sua família:

Jucilene: Tenho 33 ano, nasci aqui e me criei aqui, fui embora pro Maranhão mas voltei de novo. Sou filha de quebradeira de coco, sou quebradeira de coco, comecei quebrar coco com 11 anos de idade até hoje quebro coco. Minha mãe rachava as bandinha de coco pra mim e eu ia quebrar, aí quando nós fomos embora pro Maranhão, aí eu quebrava o coco pra sustentar a casa porque o meu pai se acidentou, não podia trabalhar e ela trabalhava na roça e eu ia quebrar o coco pra poder comprar o que comer.

Maria Cleude fala da necessidade do coco babaçu antes e hoje, relata que aprendeu a quebrar com sua mãe e do gostar de ser quebradeira:

Maria Cleude: Eu não lembro não que idade era que eu tinha não. Não era assim igual nós quebra agora não, era alguma vez que você ia no mato, quebrava o coco e tirava o azeite pra comer, quando acabava e desse vontade de novo, quebrava de novo. (...) Foi, aprendi com a minha mãe.

Maria Cleude: Gosto de ser quebradeira, gosto de quebrar o coco. Gosto de quebrar e ter minhas necessidade porque é dele que que eu tiro um dinheirinho pra comprar as coisas porque se você ficar parada você só faz gastar o que já tem e não ganha nenhum centavo.

Maria Cleude fala da quebra de coco como forma de lazer:

Maria Cleude: É uma forma de lazer, chega a gente sai de casa triste aí chega aqui se alegra tudo com as mulher, uma conta uma coisa, outra conta outra, nós sorri, aí vai se divertindo né, vai passando o tempo.

E Raimunda completa ao falar encantada sobre a exuberância que se vê na floresta, evidenciando a importância da vegetação para o bem-estar:

Raimunda: Tem muita árvore, essas coisa linda, na natureza, a gente no mato a gente vê muita coisa bonita, a vegetação é linda né, e é mais gostoso, o ambiente é melhor.

As quebradeiras têm domínios de conhecimentos diferenciados: fazer crochês, tecer esteiras e abanos, fabricar óleo, preparar molhos, fazer remédios, como também cobrir casas.

Com orgulho elas citaram suas habilidades:

Jucilene: Aquela ali faz crochê (Maria Cleude), eu faço crochê, eu faço molho de pimenta, vou pra roça, faço canteiro, aquela dali também faz canteiro (Maria Cleude), aquela ali também (Francisca Rita).

E as mulheres dizem o que se faz do babaçu:

Juilene: Faz tudo.

Raimunda: Faz muita coisa.

Francisca Rita: Faz tudo. Cobre casa.

Raimunda: Faz coco, faz esteira, faz abano.

Francisca Rita: Faz abano, faz esteira, faz um bocado de coisa.

Raimunda: Faz um bocado de coisa.

Jucilene: (...) Faz azeite, óleo.

Francisca Rita: (...) Faz sabão do azeite.

Jucilene: Quando o coco ta de vez a gente tira a massa, que é o mesocarpo, faz um monte de coisa, faz remédio, faz bolo, faz biscoito da massa, faz mingau.

Francisca Rita: É gostoso demais.

Jucilene: Quando a palmeira ta podre serve pra botar nos canteiro.

Francisca Rita: Faz muita coisa ó.

Jucilene: Da casca faz o carvão.

Atentas à destreza no manejo dos instrumentos de trabalho perguntei sobre pequenos acidentes no movimento de cortar o coco e cada uma comentou essas situações:

Raimunda: Não, já acostumou.

Francisca Rita: Não, a gente já se acostumou, já tem a prática de fazer né.

Filomena: Não, já acostumou com a idade.

Sobre se alguém já se machucou:

Raimunda: Já.

Francisca Rita: Muito, muito.

Filomena: Vish, já. Se machuca demais.

Jucilene: Falta arrancar as cabeça do dedo.

Contudo, a maior dificuldade, restrições para o acesso ao coco babaçu, foi dita invariavelmente por todas:

Maria Cleude: Hoje você vai pra dentro dos pasto e não é nem todo mundo que lhe dá os coco, mesmo esses coco nós paga pra juntar, outro nós compra os coco pra poder quebrar, entendeu nós damo três reais no saco de coco, ainda paga pra carregar pra cá. Pedir permissão se quiser caçar os coquinho, aí tem deles que lhe dá, outros junta pra nós comprar na mão deles.

Jucilene: Tem deles que nem vende, nem dá.

Maria Cleude: É, outros nem vende nem dá. Também tá ficando muito escasso né porque o povo vai matando as palmeira tudo, nem todo lugar tem coco mais, aí tem aquelas pessoa que preferem matar os pé de coco mas não dá pra você pegar pra quebrar.

A vida da palmeira é objeto de observações que iniciam por comparar com a vida de uma pessoa, pois sua vida é “que nem de uma pessoa”:

Senhor (parente das quebradeiras): A palmeira não brolha de jeito nenhum, se derrubar ela não brolha, se ela cair mesmo com o vento ela não brolha mesmo, se você cortar e derrubar ela, ela não brolha mais não, é igualmente a vida de uma pessoa.

Francisca Rita: É. Morrer, morrer pronto, acabou.

Senhor: É, acabou.

Ao longo desse convívio intenso com as palmeiras, as quebradeiras adquirem familiaridade sobre a espécie, de tal maneira, que sabem dizer a idade para a palmeira dar cacho e os relatos de devastação das palmeiras de babaçu voltam pela intensidade da devastação que representa a condenação e morte das palmeiras em fase produtiva ou de início de crescimento de vida:

Cledeneuza: (...) Quinze anos pra uma pindova se tornar uma palmeira. Quinze anos pra uma pindova já meia grossinha se tornar uma palmeira.

Senhor: É pra dar o cacho né.

Francisca Rita: Daqui uns dias não tem coco não.

Jucilene: As palmeira que já botam os povo tão matando.

Maria Cleude: E as pindova também.

Jucilene: E as pindova também.

Cledeneuza: Na raleação, bem aí você presta atenção, eles derrubam as palmeira produtiva tudinho e deixam aquelas que ainda não tão produzindo. Com cinco anos elas começam a produzir, aí eles derrubam de novo pra deixar aquelas outra que cresceram.

Maria Cleude: Agora eles derribam as grande, eles tão matando...

Cledeneuza: É, agora é.

Jucilene: Porque você vai ver quando você for aqui, chega dá dó, tudo seco.

Senhora (parente das quebradeiras): Matam mesmo bem muito numas fazenda lá, acabou (...).

Jucilene: Aqui os que não mata elas grande, botando cacho, matam elas pequena, derrubam as grande e matam as pequena.

Francisca Rita: Daqui uns dias não tem coco nem pra fazer remédio.

Jucilene: Daqui uns dias a gente vai tá chorando caçando um coco pra quebrar, pra comer (...).

Senhor: Tá de um jeito, minha gente, que eles furam aquelas palmeirona que botam cacho e jogam veneno e ela morre, em poucos dias elas morre.

Senhora: É, elas morrem.

Maria Cleude: Os outros fazem o que quer, né Branca (Jucilene).

Jucilene: É, aí nós não pode fazer nada. Aqui a gente tem até medo de falar alguma coisa e amanhecer com a boca cheia de formiga.

Maria Cleude: Verdade.

Jucilene: É. Aí é deixar.

Maria Cleude: É. Aí não tem uma lei né que impeça deles fazer isso.

Jucilene: Se tivesse (...) eu acho difícil.

No povoado Itamerim, as mulheres quebradeiras reivindicam uma área protegida com livre acesso, trabalho e usufruto:

Jucilene: Se tivesse era muito bom. Era o que nós queria. O que nós queria era ter o local da gente mesmo pra gente poder entrar e sair a hora que quisesse né. Mas o negócio que aqui é difícil. Tudo tem dono.

Francisca Rita: E os que ainda tem ainda é querendo mais.

Jucilene: É, e os que ainda tem é querendo mais.

No Povoado Santa Rita, município de Brejo Grande do Araguaia, participaram da pesquisa as quebradeiras de coco babaçu Cileide, Cleudene, Áuria, Maria, Jucilene e Cledeneuza (Figura 9). Nessa localidade, as quebradeiras participaram da atividade de identificação de espécies através de catálogos de identificação e da atividade com desenhos. Ademais relataram sobre as mudanças ocorridas nos territórios das quebradeiras, incluindo a dificuldade de acesso ao coco, devastação dos babaçuais, diminuição das espécies de plantas e animais, mudanças no clima devido ao desmatamento, entre outros.



Figura 9: Quebradeiras de coco babaçu de Santa Rita, município de Brejo Grande do Araguaia-PA, em atividade de identificação das espécies através de catálogos. Da esquerda para a direita: Cledeneuza, Áuria, Cileide, Maria, Cleudene, Jucilene e Larissa ao fundo (estudante do curso de Educação do Campo da UNIFESSPA). Foto: Tássia Barros, pesquisa de campo, 2017.

A quebradeira de coco babaçu Cileide relata brevemente sua história de vida, a origem na quebra de coco ainda criança, o aprendizado com sua mãe, a importância do coco babaçu para a sua vida, pois foi através dele que ela criou todos os seus filhos, além das mudanças ao longo do tempo e das dificuldades:

Cileide: Sou quebradeira de coco babaçu, morava na Palestina, minha mãe é de lá também, nasci lá na Palestina do Pará. (...) Minha mãe quebrava muito coco, foi como eu aprendi né a mesma cultura dela quebrar o babaçu, foi através dela que eu agora sou também uma quebradeira de coco. Há tempos atrás o povo era obrigado a quebrar o babaçu porque o babaçu eles tinham que quebrar pra poder comer, eles vendia o babaçu e daí eles trazia o óleo, trazia o açúcar, um litro de arroz, o peixe, tudo era do coco babaçu. Então, aquele tempo não é mais o de hoje porque o de hoje só quebra quando a pessoa tem interesse de quebrar mesmo porque tem o bolsa escola né, já ajuda muito pouco o povo, as mulheres, mas a metade das mulheres de primeira só vivia quebrando o coco, agora não, elas não são muito obrigada por conta do bolsa escola. Eu sou uma quebradeira, moro aqui na Santa Rita há 21 de anos, criei meus filhos tudinho quebrando coco, carregando pra roça, chegava lá armava uma rede, colocava dentro da rede, juntava o coco e ia quebrar, vivia realmente só do coco.

Cileide: Nove anos de idade eu já quebrava o babaçu. Aquela época que nós morava na Palestina, tinha um cocal que ficava perto assim de uma serra, mas ficava bem pertinho de casa, o coco era muito pertinho, aí nós se ajuntava com as colega tudinho, se ajuntava aquele montão de jovem, ia juntar, coletar o coco, não era coletado com o jumento não, era nas nossas costa, nós carregava nas costa mesmo, fazia aqueles montão de coco, pra nós era uma diversão, não é como agora, agora é diferente, se a pessoa não tem o jumento, a pessoa não quer ir quebrar, se não tem carrinho de mão, não quer carregar, aí eu achei muita diferença.

Cileide: Agora tá muito difícil porque o babaçu ficou longe e às vezes a gente não tem condição de carregar, não tem carro pra carregar o coco, nós junta às vezes, ó, como eu juntei os coco lá deu gongo, às vezes eu não tenho transporte pra carregar o babaçu, aí fica muito difícil porque ficou longe, né, aí não tem como a gente trazer às vezes dá gongo lá. (...) Gongo é um tipo dum coisa que dá dentro do coco mesmo, aí ele nasce, ele fica ali dentro, ele vai comendo, comendo, comendo o coco, ele vai saindo um pozinho, aí ele vai só engordando, aí fica um gongo pra gente comer com farinha.

Cleudene, quebradeira de coco nascida e criada em Brejo Grande do Araguaia, conta um pouco sobre sua história com a quebra do coco babaçu, fala sobre sua mãe, quebradeira atuante e relacionada à origem do movimento das quebradeiras de coco:

Cleudene: Tenho 50 anos, convivia com minha mãe aqui que ela mexia nas quebradeira de coco né, toda vida eu acompanhava ela, toda vida nesse caminho de quebração de coco. Nós se separamo por que Jesus, ela partiu né, e eu fiquei (...) Nós quer continuar a associação, mas a associação foi só caindo, ela não continuou mais pra frente. Aí a gente tem vontade dela crescer, mas aqui não tem união, quando ajunta uma, duas, já cinco não vai, aí fica aquela coisa, toda vida aquela pendenga, mas eu tinha vontade que ela crescesse, que era sonho da minha mãe, pra crescer, ela lutou muito, ela foi, mas eu fiquei, mas o negócio não vai fia, é só caindo, quando acorda com uma a outra já não vai. E aí a pendenga é essa aqui, toda vida, quando você faz um plano, já outra bota pro lado, aí já todo mundo fica com medo. (...) Conhecer mais, trazer pra dentro, explicar pras outra, era assim que nós queria né, fazer assim uma associação que fosse pra frente, a gente queria assim que botasse assim uma coisa pra gente movimentar, trabaiar né,

umas que não sabia elas iam aprender e as outra iam ensinar, era assim que nós queria, mas o negócio não vai, mia fia, só chega até no meio, vamo, vamo e depois todo mundo para, aí não continua. Eu fiquei no seco porque minha mãe dizia assim “eu quero que continue mais pra frente” mas cadê fia, não foi mais.

Cleudene: Há 40 anos to aqui dentro com a minha mãe. Minha família foi aqui, fui nascida no Brejão, fui criada aqui na Santa Rita, tive meus filho tudinho aqui dentro da Santa Rita e moro na Santa Rita, minha mãe se foi, mas eu ainda moro aqui. Quebro desde criança, desde 10 anos, a minha mãe quebrava e ela é que me levava pro mato, ela quebrava aquele coquinho pra nós sobreviver a vida, aí a nossa vida a gente não pode contar porque foi sofrida.

Cleudene fala da “grande serventia do coco babaçu” pois as vendas feitas permitiam adquirir alimentos, roupa, caderno:

Cleudene: Nós vivia era só do babaçu né, aí foi indo, minha mãe foi aquietando mais, aquela coisinha já foi mais avançadinha mais um pouquinho pra cima, a gente foi esquecendo um pouco assim do babaçu, a gente quebrava assim pra despesa, pra fazer um sabão né, pra comer mesmo o azeite, mas quando não, fia, era do coco mesmo, era da roupa, era do calçado, era dum caderno pra menino, era de tudo, de tudo nós convivia com o coco.

Na roda de conversa cruzam-se conhecimentos diversos sobre as técnicas de beneficiamento do coco, como a feitura de sabão, de azeite:

Cleudene: A gente quebra ele, aí a gente corta ele, a gente vai e torra ele, aí vai passa na máquina, quando termina dali de passar a gente coloca lá no fogo, coloca um pouco d’água vai mexendo ele e o azeite vai subindo, aí quando seca aquela água que fica só o azeite, aí a gente vai e panha, coloca numa vasilha, a gente coloca nas vasilha.

Áuria, quebradeira de coco de Santa Rita, também conta um pouco do seu histórico, afirma que gosta de ser quebradeira e de participar do movimento:

Áuria: Vou completar 48 anos agora, aí eu to no meio da associação das quebradeira de coco. Faz uns 30 anos que moro aqui, minha família todinha é de Minas. (...) Gosto de quebrar, não dou conta de quebrar muito não, mas quebro um pouquinho.

Áuria: (Você gosta de ser quebradeira?) Gosto. No meio do movimento a gente faz muita amizade também, conhece mais coisa que a gente não conhece. (Você gosta de estar junto com as mulheres?) Gosto. A gente troca ideia uma com a outra. A gente tá no meio delas conversando esquece até muitas coisas pra trás que a gente fica triste que já aconteceu com a gente né.

A maioria das mulheres compartilha a experiência de participar do movimento social das quebradeiras de coco e em outras situações de atuação no sindicato dos trabalhadores rurais. Essa organização política também revela dificuldades, Cledeuza e Cileide, lideranças das quebradeiras de coco babaçu, relatam:

Cledeneuza: Eu cresci conhecendo, conhecendo o coco. Período que meu pai ia pras castanha, minha mãe ia quebrar coco e eu ia cuidar dos menino. Aí quando eu cresci, casei muito cedo né, passei esse período duns 15 anos, fui participar do sindicato dos trabalhadores rurais lidar de

novo, aí abriu o Cuxiú aqui eu entrei lá consegui um lote, vim pra terra, mas vim pra dar aula. Mas eu era militante do movimento e eu tinha que ir pras reunião.

Cledeneuza: Aí quando surgiu o movimento de quebradeira de coco, a Dona Maria da Metade me entregou a missão, ele tá na minha mão como uma missão. Então eu recebi a missão de acompanhar porque o movimento só era aquele período de formação. Arranjaram um projeto pra fazer isso que nós faz hoje, que vocês estão fazendo, é vim nas comunidades, ver os grupos, ver as mulheres, descobrir os trabalho que elas fazem, que as mulheres naqueles tempo elas diziam que não faziam nada, sendo que elas faziam tudo. Aí foi despertando esse lado que hoje nós temos esses grupo.

Cledeneuza: Aí foi aonde eu fui aprender, como é que eu vou falar de quebrar coco, eu sei falar da roça, da mata, das coisa, tudo, mas não sabia falar do processamento do babaçu. Aí eu fui e aprendi. Quebrar coco, sou uma boa quebradeira. Quebro três litros começando de manhã cedo, se o coco tiver bom pra largar e eu começar cedo eu quebro cinco litros.

Cileide: Fui coordenadora 6 anos, coordenadora daqui do Pará, graças a Deus nesse tempo eu consegui ainda findar dois grupos, um no Itamerim e um no São Raimundo. O São Raimundo desistiu, mas o Itamerim né, ali tá conseguindo levar, aquele grupo ali foi através de mim, eu ir lá fazer palestra com elas, e graças a Deus elas tá com aquele grupo formado, tá melhor de que nós. Porque nós tomo formado mas não tamo formada assim pra tá todo mundo junto, quebrando coco, não, é poucas as mulheres que tão quebrando. Porque aqui é uma comunidade que quase todo mundo é empregado, aí aqueles que não tão empregado é aquelas mulher que ainda vai quebrar coco, mas não quer se unir pra trabalhar tudo num grupo só. Como a casa ali das quebradeira, tá realmente quase largada, vai chamar uma, duas, três pra juntar coco, ninguém quer ir.

Cileide: (...) Nós tem se batido pra levantar esse grupo, nós tem se batido, dum lado, do outro, a dona Cledeneuza sempre está aqui do nosso lado, está sempre ajudando nós, depois que eu sair né, está sempre do nosso lado tentando levantar esse grupo.

No trabalho de pesquisa, algumas mulheres informaram sua inserção no movimento das quebradeiras muito recentemente, o que envolve um trabalho de aproximação, informação, comunicação para apresentar os resultados de ações coletivas construídas até o presente:

Maria dos Santos: Tenho 39 anos, eu sou filha de São Domingos, tem poucos tempos que eu to morando em Santa Rita, meu esposo é daqui, é filho de Santa Rita. Eu to entrando no movimento praticamente agora, tem uns 6 meses que eu entrei no movimento. Cheguei aqui, achei as meninas né, aí me convidaram pra participar (...) agora que eu to começando andar. Pelos dias que eu to envolvida é um projeto muito bom, agora o que tá faltando é as mulheres se reunir e seguir o movimento né, o movimento é muito bom (...).

A organização do movimento opera em grupos de mulheres em cada povoado. Elas passam a ser convidadas para participar de reuniões nas quais são repassadas informações. A música cantada pelas quebradeiras de coco do povoado São Benedito, município de São Domingos do Araguaia, com ênfase dada pela Encantadeira Iracema, sobre o MIQCB (Figura 10) situa esse processo de formação:

“Somos grupo novo, somos grupo novo

Do MIQCB
 Vamos quebrar coco, vamos quebrar coco
 Para nós crescer
 Tira o mesocarpo, tira o mesocarpo
 Pra se alimentar
 E tira o azeite, tira o azeite
 Pra negociar
 A Iracema tira o mesocarpo
 Dona Maria tira o azeite
 A Edna faz o sabão
 A Cledeneuza o sabonete
 Siamo grupo novo, siamo grupo
 Do MIQCB
 Vamos quebrar coco, vamos quebrar coco
 Para nós crescer
 Tira o mesocarpo, tira o mesocarpo
 Pra se alimentar
 E tira o azeite, tira o azeite
 Pra negociar”



Figura 10: Quebradeiras de coco de São Benedito, município de São Domingos do Araguaia-PA, cantam uma música, com a participação especial da encantadeira Iracema. Da esquerda para a direita: Rita, Edna, Iracema, Cledeneuza, Maria e Francisca. Foto: Tássia Barros, pesquisa de campo, 2017.

Nos eventos diversos - do trabalho, articulação para atividades associativas e nas músicas são comunicados os significados de ser quebradeira como tive a oportunidade de ouvir de Cileide, que utiliza a noção de cultura para traduzir seu pensamento de uma “cultura que eu gosto”:

Cileide: Pra mim ser quebradeira é uma coisa muito importante, eu acho né, nem todas acham importante né o trabalho, é um trabalho pesado é, mas é um trabalho muito importante porque é uma cultura que vem de há muito tempo, é uma cultura que se todas as mulheres que pensasse não deixasse acabar aquela cultura, é uma cultura que passou da avó pra minha mãe, da minha mãe pra mim e aí é uma cultura que eu gosto de fazer, gosto de quebrar o babaçu.

E canta um trecho do xote das quebradeiras:

“Ei, não derruba essas palmeira
 Ei, não derruba os palmeirais
 Tu já sabe que não pode derrubar
 Precisamo reservar a riqueza natural
 O coco pra nós é uma grande riqueza
 É obra da natureza e você não vai dizer que não
 Porque da palha se faz casa pra morar
 É o meio de reservar a maior população”

O cuidado com o babaçual evidencia-se de várias formas: pelo conhecimento da biodiversidade, pela preservação da palmeira como em trecho da música “Ei, não derruba essa palmeira”, pela necessidade para a subsistência como no trecho “Tira o mesocarpo pra se alimentar”, pela organização através do MIQCB como no trecho “Somos grupo novo do MIQCB, vamos quebrar coco para nós crescer”, pelo significado da palmeira de babaçu para as quebradeiras em que a concebem como mãe, um ser responsável pela alimentação dos seus filhos. Portanto, a conexão encontrada entre as quebradeiras de coco e o babaçual, compondo a sociobiodiversidade, ratifica a importância dessas comunidades e de seus territórios, principalmente no âmbito do etnodesenvolvimento para o alcance da autogestão dos povos e comunidades tradicionais.

3.2 CONHECEDORAS DA BIODIVERSIDADE

Em todos os relatos, as quebradeiras de coco babaçu frisam a mudança brusca ocorrida na riqueza e diversidade das espécies de plantas e animais, associando sempre ao desmatamento, em que o resultado influencia também no desaparecimento de rios e alterações no clima. Em suas casas, a variedade de plantas é notável juntamente com a criação de alguns animais de pequeno porte. As plantas consistem em frutíferas, hortaliças, medicinais e ornamentais, basicamente, demonstrando forte conhecimento das espécies, especialmente das medicinais, em que geralmente sugerem umas às outras ou realizam a troca de mudas.

As quebradeiras de coco babaçu Francisca e Cledeneuza do povoado São José, município de São Domingos do Araguaia, conversam sobre a fauna e a flora, pontuando as mudanças ocorridas na biodiversidade ao longo do tempo. Em seguida, Francisca em seu quintal (Figura 11):

Francisca: Eu não vou pras quinta mais. O homem que carrega. Alguma cobrinha ele vê...mas outros bicho não tem não. Aqui é mansinho, cheio de gado nessas quinta que ele vai.



Figura 11: Dona Francisca em seu quintal. À esquerda, suas hortas, pimenta-do-reino, bananeiras ao fundo, e à direita, segurando laranjas apanhadas na hora de sua laranjeira, ao fundo, babaçus secando para posteriormente serem quebrados. Povoado São José, município de São Domingos do Araguaia-PA. Foto: Tássia Barros, pesquisa de campo, 2017.

Cledeneuza: Os animais eles andam à noite e a gente anda de dia e não vê um tatu, não vê a paca, vê os coco roído, o tatu vê os buraco. Até nessas soltas aí assim tem tatu ainda. De noite quando eles vão porongar de noite, acham tatu. Lá na minha terra mesmo tem bastante, o meu marido planta mandioca, elas vão comer as mandioca, ele disse que não vai dar mais conta de plantar mandioca não porque os bicho vai comer tudo.

Francisca: O peba.

Cledeneuza: O peba que é uma espécie de tatu. Come tudo. Até esse mandiocão bem aí deles, se eles se decuidarem, eles come.

Francisca: Eles tavam aqui ontem à noite.

Cledeneuza: Aí tem os camaleão. A menina ali na frente ela disse que não pode plantar canteiro porque os camaleão come tudo, eles ficam nessas árvores assim, na mangueira eles ficam. Aí vem a mucura comer o pinto de noite. Paca, cutia, de dia não vê não, só vê de noite. Muito difícil né pegar paca de dia. Macaco não se vê mais por aqui não, só vê onde tem uma matinha, como dona Francisca falou, eles foram tudo pras mata os bicho os que ainda tem.

Francisca: Veado por aqui é mais difícil, anta, andam por onde tem muita água, por aqui a gente não tem essas coisa, não tem água assim não.

As quebradeiras Olívia, Maria Helena e Cledeneuza, do povoado São José, também relatam a existência de algumas espécies e as mudanças as quais ocasionam a perda de espécies:

Olívia: Às vezes a gente via cobra, algum bichinho assim, mas só que é difícil, a gente vê mais é planta, bichinho do mato mesmo. Muitas plantinhas, às vezes a gente ia pro mato e trazia aquelas plantinhas né, cansei de trazer aquelas plantinhas de palmeira, plantar em casa. Orquídea, tem umas orquídeas muito bonitas nas palmeiras.

No quintal de Dona Olívia, há uma variedade muito grande de plantas, incluindo todos os tipos possíveis, como frutíferas, hortaliças, medicinais e ornamentais (Figura 12):



Figura 12: Dona Olívia em seu quintal onde são encontradas inúmeras espécies de plantas. Povoado São José, município de São Domingos do Araguaia-PA. Foto: Tássia Barros, pesquisa de campo, 2017.

Olívia: Aqui, antigamente a gente via muito isso (paca, cutia...), acabou a mata né, aí fica difícil. Lagarto, esses bichinhos que andam no mato, calango, carambolo no Maranhão.

Maria Helena: (Na roça) nós só tirava mesmo o arroz, o milho, o feijão, a abóbora, só isso, porque terreno dos outro. Porque nós nunca possuimo terra. A gente não podia plantar um pé de mandioca pra dizer assim amanhã depois fazer um bolo, porque coisa dos outro, ali é provisório né. (...) E aí a condição nossa nunca deu pra gente comprar um pedaço. Agora ninguém fala mais em roça. Porque quem tirou terreno aí pra dentro tem que comer lá comprando no São Domingos. Aí é assim, a gente tem que levar a vida do jeito que Deus permitir no é. Mas uma coisa que eu tinha vontade de possuir uma terra, morar dentro, criar um pinto, plantar uma batata. As coisas tá difícil. Quem era que falava em comprar farinha, hoje compra no peso.

Dona Maria Helena possui plantas em seu quintal também e é o local onde trabalha com a produção de cremes e óleos a partir de vários tipos de plantas (Figura 13):



Figura 13: Dona Maria Helena em seu quintal onde se tem uma casinha, na qual se quebra o coco, comum nos quintais das quebradeiras. Ela também extrai várias substâncias de plantas, caroços, sementes e produz cremes e óleos alimentícios e medicinais. À direita, um pé de mamona, planta medicinal de onde Maria Helena extrai um óleo. Povoado São José, município de São Domingos do Araguaia-PA. Foto: Tássia Barros, pesquisa de campo, 2017.

Maria Helena: Ave Maria, minha irmã. Bem ali quando nós morava, as cutia vinha comer no terreiro junto com as galinha. Paca, meu genro matou uma bem ali debaixo do pé de jaca. Tatu vinha friviando que nesse tempo ainda tinha uma pedacinho de capoeirão.

Olívia: Ainda tinha mato, né.

Maria Helena: Uns mato, eles vinham pro terreiro. Galinha d'água. Naquele pé de buriti ali as inhuma tinha era os ninho.

Cledeneuza: Ninguém não viu mais elas.

Olívia: Não, só lá pra baixo, dali do outro lado.

Maria Helena: Ela é uma franguinha assim, cinzentinha, os olhos dela é vermelhim.

Olívia: Chamam de Siricora.

Maria Helena: É, chamam de siricora.

Cledeneuza: é um pássaro. Gosta do baixo, de água.

Maria Helena: É.

Olívia: É samambaia também é planta do mato, que a gente sempre traz. Tem a samambaia dos mato. Samambaias bonita. Samambaia das foiona. Samambaia de espinho, fica bem grande. Me lembro que eu trouxe um pé ali do baixo do Rangel, samambaia de espinho, fica grandona assim, plantei bem na porta, uma vez a gente vendeu a casa, fiquei com pena do meu pé de planta lá.

Conforme Dona Zilda, o povoado São José foi conhecido pela abundância de cobras e aranhas:

Zilda: Tinha cobra, tinha, minha filha. (...)Aranha quase me mata uma vez e aquela que tem veneno, minha filha, eu fui coletar um coco, aí eu tava coletando o coco quando peguei assim o coco pra jogar dentro da vasilha ela agarrou bem aqui, ficou as duas pintas de sangue (...). Aí tem todas essas dificuldades pra gente trabalhar (...).

Zilda: Lagarto, essas coisinha a gente sempre vê, aqui mermo uma hora por outra os menino tão brincando. Os pássaros tinha muito.

No quintal de Dona Zilda, apreciadora de plantas como praticamente todas as quebradeiras, é possível ver além de muitas plantas, galinhas, presentes em quase todos os quintais das quebradeiras, já que possuem também animais de pequeno porte para o consumo (Figura 14):



Figura 14: Quintal de Dona Zilda evidenciando, à esquerda, a casinha onde são armazenados os cocos, sacas com casca para carvão e outros materiais como carrinho de mão geralmente utilizados para a quebra do coco, além de plantas ao fundo, uma grande mangueira e galinhas, e à direita, sua horta em meio a outras plantas no fundo do quintal. Povoado São José, município de São Domingos do Araguaia-PA. Foto: Tássia Barros, pesquisa de campo, 2017.

No povoado São Benedito, município de São Domingos do Araguaia, as quebradeiras de coco Edna, Rita, Maria, Cledeneuza e Iracema relatam sobre a biodiversidade:

Edna: (...) Tinha demais. Era muito fácil pra você ver uma anta, pra você ver um veado, pra você ver um jabuti, e hoje não existe mais não, é difícil, não encontra muito fácil não, é muito perseguido, macacos...os bicho você via sentado na porta de casa, dentro da roça e eles sentado nos pau cantando, fazendo aquela zuada.

Rita: Só mesmo passarinho pequeno, curió, esses passarinhos assim pequeno mesmo. De primeira a gente via né, até mesmo em açaiçal, é jacu, tucano, arara, papagaio, essas coisas a gente não vê mais.

Rita: Sempre tem né um pé de planta, o que mais tem é goiaba por essas terras.

Edna: Eles põem veneno nos pastos, não tem como.

Rita: Os passarinhos come aí sai semeando, agora outros tipos de fruta não tem, até mesmo o açai tá difícil. Tinha muito açai, mas agora não vê mais, açai, bacaba, agora a gente não vê mais. Povo derruba tudo, aí enche de capim.

Maria: Eu passei um mês fora, quando eu fui daqui pra lá, de Xingura pra Ouro Branco, eu achei triste porque uma fazenda, sem mentira nenhuma, tava uma quinta só de coqueiro morto, tudo morto, e os passarinho tudo assim no meio dos fios, tudo no sol quente, fiquei triste, oh, naquela volta de Xingura pra Ouro Branco, passei um mês lá trabalhando, na vinda a mesma coisa também. Tem um monte de destruição, eles tão pegando mesmo pesado com os pé de coco né. Tudo seco com aqueles cacho tudo pro lado de fora, fiquei triste, oh, me deu dó no coração.

Maria: Eu achei triste, eu vim de lá pra cá as palmeira tudo caída, os passarinho tudo pro lado de fora, triste, triste mesmo.

Maria: Quando eu tava no lugar onde eu fiquei tinha aqueles “gorra”.

Cledeneuza: Macaco. Capelão.

Maria: Macaco né.

Maria: Cobra pra lá onde eu tava não tem não. Só mesmo cutia, aqui acolá via uma capivara, anta, essas coisas assim. Lá eu fiquei triste mesmo só com os pé de coco mesmo, fiquei triste, se acabando de lá pra cá.

Iracema: Às vezes aparece né, matam tatu, o Toinho disse que ainda vê cutia, mais outras coisas, tem os pássaros também (...).

Cledeneuza: Nas matas de babaçuais ainda tem animais? Ainda tem. Aonde tem matas mesmo que tem babaçuais tem todos os animais silvestres, tem de tudo, e onde tem igarapé, tem animais, tem peixes, tem tudo. E planta. Tem gameleira, tem perto dos brejos andiroba, outras plantas rasteiras, muita samambaia, mato que prejudica a gente, como cipó de fogo, tiririca. Nós fazia remédio com muitas plantas, plantas que faz remédio, casca de pau-de-leite, Moreira (...). Tudo tem nas matas que tem babaçu.

Edna: Jatobá.

Cledeneuza: Jatobá. Todas essas plantas eu conhecia, hoje eu não conheço mais porque faz muitos anos que eu não vejo. Eu ainda era muito nova ainda e quando a gente é muito nova a gente não se atenta muito pras coisas, mas quando a gente vai ficando velha a gente vai vendo a diferença.

Rita: Uma planta bonita que dá no mato é sapucaia.

Cledeneuza: Sapucaia que ela tá falando. Sapucaia dá uma castanha que a gente comia, se alimentava né.

Edna: Umhum

Cledeneuza: Ingá da mata. Bastante ingá.

Edna: Cajá.

Cledeneuza: Cajá-do-mato. Mamuí.

Edna: Umhum.

Rita: Mamuí, comi muito mamuí.

Cledeneuza: Tudo era planta que tinha nas mata antigamente e hoje a gente não vê mais. Lá perto de nós, ali no São Domingos, tinha umas plantas, ainda tem não sei aonde na Vila São José, uxí.

Rita: Oxí.

Cledeneuza: O oxí na época nós apanhava bastante oxí, comia. Comia mamuí, comia uxí, então era tudo planta das matas dos babaçuais.

No caminho, voltando de São Benedito, entramos em um babaçal em um capoeirão, floresta secundária em estágio intermediário de sucessão, com a palmeira de babaçu em vários estágios de crescimento, vimos muitas pindovas e cocos de baixo das palmeiras, algumas bastante grandes. Esse babaçal localiza-se em solo montanhoso, típico dessa região, com parte do terreno bastante acidentado, com aspecto seco, mas com a presença de muitas plantas, desde herbáceas a plantas lenhosas adultas, e pássaros pequenos. Próximo a esse babaçal há um rio pequeno de tonalidade marrom que corta o babaçal onde vimos um calango em cima do rochedo ao lado do rio (Figura 15).



Figura 15: Cledeneuza nos leva a um babaçual em capoeirão localizado em São Domingos do Araguaia-PA. Foto: Tássia Barros, pesquisa de campo, 2017.

Já em 21 de Abril, município de São João do Araguaia, as quebradeiras de coco e alguns de seus familiares relataram mudanças na biodiversidade, embora ainda seja encontrada uma grande variedade de espécies, visto que na localidade existe floresta primária. No relato de Carmelita:

Carmelita: Tenho 49 anos, desde criança que eu quebro coco, faço parte do movimento, sou da cooperativa, sou quebradeira e sou coordenadora do grupo. E a respeito da pergunta se tem algum bicho no mato...sim. Tem cobra, tem aranha, tem escorpião, mas aí a gente vai coletar o coco prestando muito cuidado.

Gildar, quebrador de coco e filho de quebradeira, relata:

Gildar: Meus pai é maranhense (...) nasci mesmo em São Domingos do Araguaia. (...) To dizendo, meus dedos aqui ói foi de aprender quebrar o coco, os dedos todo rachado. (...) Existe muito obstáculo ainda pra elas ainda vencer porque eu vejo elas aí numa luta aí que só elas mesmo sabem o tempo que elas passam perdendo aí dentro (...) encontra aí só dificuldade no momento que eu to vendo. Minha mãe é quebradeira de coco, a mãe chega ali senta de baixo do coqueiro ali, ela quebra uma lata de manhã até meio dia ela quebra uma lata de coco, faz o sabãozinho dela, leva pra rua, o resto ela gasta aí mesmo em casa.

Gildar: Eu coletava direto o coco aí pra fazer carvão (...). Rapaz, vê cobra, o que você falar, até jabuti dentro da mata a gente ainda acha de baixo das palha, a gente vai juntar os coco a gente encontrava eles lá. Pássaros, tudo, vê juruti, vê lambu, agora não vê pé de aço, é a tona, bico de brasa, a gente quase não vê porque tem juquirá demais, outras coisas, tucano a gente vê esses outros aí. (...) Agora tem prantas de todo jeito aí que eu num sei nem especificar qual é o tipo de pranta que tem ali, eu vejo tantas ali no pé dela, em cima nela mesma atracada (...).

Gildar: Nunca gostei de caçada. Meu pai, nunca vi meu pai com arma dentro de casa, meu pai tá com sessenta e poucos anos. Nunca vi ele com arma dentro de casa. Ninguém lá em casa. O que eu vi muito foi facão e foice, agora foice tinha bastante nos canto da parede e machado.

Raimundo, Gildar, Cledeneuza e Luzia continuam a relatar sobre a biodiversidade:

Raimundo: Muitos ainda tem (animais), ainda tem muitos, mas muitos não existem mais. Quando nós chegemo aqui tinha porcão, catitu, tinha anta, tinha mutum, tinha tona, e hoje não existe mais. Esses tipo de animal desapareceu. Tinha jacamim, hoje não existe, só na lembrança. Então teve uma mudança muito grande. Hoje que ainda tem em alguns lotes, em alguns lotes, macaco ainda existe, quati ainda existe, capelão em alguns lote, ainda tem o bandim, nesse meu ainda tem, ainda parece veado muito bem escondido, na hora que tem pessoa que tem cachorro, na hora que sabe onde tá, tá botando o cachorro pra matar o bichinho ma ainda parece muito pouco.

Gildar: Onça ainda tem.

Raimundo: Onça ainda tem. É, onça ainda tem, ainda aparece.

Gildar: Tem da preta, da pintada.

Raimundo: Tem das três, tem da pintada, da preta e da maçaroca, aquela vermelha. Gato ainda tem também. É, jaguatirica. Gato, aquele pintado ainda tem.

Gildar: Cachorro do mato que é a raposa.

Raimundo: É ainda tem ainda.

Gildar: Guaxinim. Paca tem.

Raimundo: Ah, paca, tatu, cutia ainda tem. Jabuti ainda se encontra por aí, com muita dificuldade mas acha ainda.

Raimundo: Aonde tem mata virgem ainda tem muitas tipo de pranta ainda, muitos ainda. Não sei nome de todas, mas tem muitas ainda. Aonde tem uma pontinha de mata virgem ainda tem ainda, agora onde não tem, acabou.

Cledeneuza: Tem mamuí.

Raimundo: Tem. Mamuí ainda tem.

Gildar: Tem mamuí ainda.

Raimundo: Aonde tem mata virgem ainda tem mamuí. Aonde tem mata virgem ainda tem cupu. Aonde tem mata virgem ainda tem bacaba, açai, caju-de-janeiro, esse tipo de árvore aonde tem mata virgem ainda tem, copaíba, castanha, aonde tem uma matinha virgem ainda se encontra ainda esses tipo de árvore lá.

Luzia: Eu tava coletando umas cajá, porque tem um pé de cajá lá em casa que dá muito, aí eu vinha vindo, primeira cara que eu vi foi um veado.

Gildar: Tem uma fuboca bem ali, ela passava quase todo dia.

Luzia: Nunca mais eu tinha enxergado. Aí eu tava mostrando lá pro homem, e o homem nem. Aí ela entrou no mato.

Cledeneuza: Foi bom pra não matar.

Luzia: Não, esse não mata não. É o cumpadre Chico bem ali. Ele disse “ah, cumadre, ainda tem aqui...”, eu disse “tem”.

Gildar: Um dia desse ela tava com um filhotzinho. A mãe disse “eu já vi ela”.

Luzia: Pois é acho que de vez em quando ela passa por aí.

Luzia, Paulo, Gildar e Raimundo continuam:

Luzia: Aranha, cobra, caranguejo, tem lacraia aqui de baixo dos coco, dos pé de coco nesse tempo, tem. É obrigado a gente coletar o coco com muito cuidado por causa das lacraia.

Luzia: Outra pranta é aquele “João-burandir” que passava em venta de cachorro pra sentir as caça. Essa eu não vi mais (...).

Gildar: Tem não. Acabou. Ela parece pimenta de macaco, e não é pimenta de macaco, ela dá um espigão assim, só uma varinha e um monte de folhinha.

Paulo: Os que não tem é o que entrou em extinção (sobre animais). E árvores, o que eu vejo que falta muito aqui, que aqui tinha muita castanheira né, copaíba não tem mais, angelim a gente não vê também mais, esses tipo de planta assim, que são mais rara aqui.

Gildar: Amarelão, tatajuba, sapucaia, gameleira, se falar nome...

Raimundo: Jatobá.

Gildar: Almesção que é o mesmo barrote. Barriguda, tem axixá.

Raimundo: Tem planta medicinal, ornamental, de lei...banana-braba, abelha italiana, açai, bacaba, macaco, mucuíba - corta e apara o leite, serve para o estômago, guarumã, pé de manga desde 1987 - o macaco come, capelão, paca, jabuti.

Em 21 de Abril, entramos no babaçal de floresta primária onde a riqueza e diversidade de espécies são altas, as palmeiras de babaçu são gigantescas, muitas possuindo mais de 30 anos, conforme seu Raimundo. Esse babaçal apresenta em sua topografia solos menos montanhosos que São Benedito, mas com terreno acidentado em vários trechos, estava bastante úmido, já que a época foi abril (fim do período chuvoso), e com trechos alagados, além de rios muito bonitos de tonalidades marrom escuro cortando a floresta. Essa umidade maior que o babaçal de São Benedito deve-se possivelmente a maior quantidade de vegetação e consequentemente maior retenção de água em 21 de Abril, mas pode ser também por diferença de precipitação pluviométrica entre as localidades (Figura 16).



Figura 16: Raimundo e Carmelita nos levam para conhecer a diversidade da floresta, da esquerda para a direita, Raimundo, Cledeneuza e Carmelita em babaçal de floresta primária, à esquerda nota-se o cipó conhecido como escada-de-jabuti e à direita uma grande palmeira de babaçu entrelaçada a uma árvore. Em 21 de Abril, São João do Araguaia-PA. Foto: Tássia Barros, pesquisa de campo, 2017.

Nesse babaçal foi possível ver a palmeira de babaçu nos diversos estágios de crescimento e muitos cocos pelo caminho, além de palmeiras antigas caídas no solo em processo de decomposição. Vimos diversas plantas, de herbáceas à lenhosas, muitas lianas (cipós), árvores gigantescas, como a samaumeira, entre outras. Ouvimos o som de macacos pulando nas árvores, vimos e ouvimos o som assustador de um enxame de abelhas, vimos calango d'água, fungos diversos, como orelha-de-pau, pássaros, entre outros.

No município de Palestina do Pará, a quebradeira de coco babaçu Maria do Jaó relata sobre as mudanças que possivelmente ocasionaram a perda da biodiversidade, como o desmatamento.

Sobre os animais:

Maria: Quando tinha mata aqui tinha muito tatu, muita cutia, muito mateiro, fuboca que é um tipo de veado pequeno. Tinha muito. Ainda tem ainda pras mata aí, as pessoas ainda encontra, só que agora é mais difícil. Mas ainda existe. Ainda existe tatu, paca, cutia, esses bichinhos, pássaros, ainda existe só que é pras matas pra lá.

Sobre as plantas:

Maria: Eu via mais era castanha, quina, aquele outro angico, jatobá, aroeira (...).

Sobre uma palmeira de babaçu antiga em seu quintal e outras plantas:

Maria: Ele tá com um cachão lá em cima (palmeira de babaçu), ele ainda não caiu. Tá bonito esse pé de coco.

Sobre gostar de plantas:

Maria: Ave Maria, gosto muito.

Maria: Eu gosto de prantar minhas coisas. Ali tem pé de limão, tem pé de laranja, jabuticaba, banana, cuchá, pezinho de goiaba. Meu quintal aqui quase todinho é nativo, isso tudo aqui eu que prantei. Esse pezão de pitomba aqui é uma maravilha, isso aqui no verão a gente vem escapar aqui na sombra, faz uma sombra que é uma beleza.

Sobre seu canteiro:

Maria: Porque eu adoeci, o meu canteiro era pra tá uma beleza.

Sobre um pilão enorme em seu quintal:

Maria: Aí eu piso corante, leite de coco quando não tem liquidificador. Agora não, ninguém mais tem esse negócio de pilar arroz, mas de primeiro (...).

E outras plantas:

Maria: Aqui em cima tem maracujá, olhe lá como tem um madura. (...) Aqui é no inverno e verão (frutas). (...) Ali tem pimenta malagueta.

Maria: É carnaúba (palmeira). Faz chapéu, vassoura, tira o líquido que faz a cera.

Quintal da quebradeira de coco babaçu Maria do Jaó (Figura 17):



Figura 17: Quintal da quebradeira de coco babaçu Maria do Jaó onde se pode ver a variedade de plantas, à esquerda um mamoeiro, à direita a carnaúba e ao fundo uma grande horta suspensa. Município de Palestina do Pará-PA. Foto: Tássia Barros, pesquisa de campo, 2017.

Maria e Cledeneuza estabelecem um diálogo sobre as plantas do quintal da primeira:

Cledeneuza: Isso aí é copa de leite? Né aquele que dá uma flor branca?

Maria: Eu chamo é véu de noiva.

Cledeneuza: Pode ser. Mas é de copa de leite que eu também chamo.

Maria: Isso aqui é tudo cuchá. No dia que to danada eu faço uma panelada de cuchá e arrocho.

Cledeneuza: (...) Tá vendo a reclamação do veneno? Nós não temos mais plantas por causa do veneno.

Maria: O povo aqui não gosta de capinar os quintal dele, aí joga veneno aí bate nas minha planta.

Cledeneuza: As frutas igual o mamoeiro ele já não presta, cria aquela broca nele, aquela sujeira, por causa que o veneno, aí dá aquela mosca véia nele.

Maria: Aí dá aquele mofo véio branco. Aí não presta mais.

Cledeneuza: Daqui uns tempos nem as laranjeiras...

Maria: Esse mamão era tão bom. Mas agora não presta mais não.

Sobre a produção de quiabo e outros:

Maria: É quiabo.

Cledeneuza: Eles fizeram foi bastante quiabo. Pelo meno pro cafezinho da manhã deles eles arrumavam uns trocadinhos, só aqui nesse quintal aqui.

Maria: Milho, quiabo, um monte de coisinha, coentro...

Maria: Essa é a carnaúba. E esse é fígado-de-galinha.

Cledeneuza: A senhora diga pro Jaó pra ele arranjar a bananeira pra mim, aí a senhora leva segunda-feira.

Maria: Pezinho dele é esse aqui (...).

A natureza como um grande palco e um recôndito dela se torna uma sala de aula para falar da biodiversidade e são as quebradeiras as professoras, com estas palavras resumo a roda de conversa no povoado Itamerim, município de Brejo Grande do Araguaia, onde estavam reunidas Filomena, Francisca Silva, Raimunda, Jucilene e Maria Cleude, as quais relatam sobre a variedade ainda encontrada de espécies de plantas e animais, mas se queixam da diminuição da biodiversidade devido à diminuição das matas:

Filomena: (...) Tinha macaco, tinha essas caças do mato tinha um bocado, hoje num tem quase porque as mata já acabou né, algumas que ainda tem. Ainda tem pássaros, aquelas rolinha ainda tem aí, é pouca viu, porque a floresta já tá pouca né aí os bicho se afasta também.

Francisca da Silva: (...) Encontra um bocado de plantinha de palmeira, samambaia, essas plantinha aí, lá no mato tem um bocado de coisa, um bocado de pau né.

Raimunda: Tem aranha caranguejera, escorpião, cobra, a gente vai sempre com cuidado porque sempre aparece, a gente tem que tá atento, piolho de cobra. (...) Anta nós nunca viu mas tem por aqui (...), (veado) mais difícil, mais escasso.

Francisca Rita: Pra época que tá hoje, tinha muito bicho, muito animal, agora hoje é mais pouco a quantidade de animal, pranta acho que é a mesma coisa, (...) é ipê, um bocado de pranta, pau aí.

Jucilene: Formiga, cobra, piolho de cobra. Formiga tem umas formigonas da cabeça que morde a gente que arranca o “tanco”, a gente tem que ir calçado de bota por causa das formiga, aranha, cobra, piolho de cobra de baixo das “sunca”. (Gafanhoto, lagarto) Tem.

Filomena: Maribondo.

Jucilene: É. Mas que a gente vê assim é piolho de cobra, é a cobra, é aranha caranguejeira, é o que mais a gente vê nos mato.

Jucilene: Tem aquela trepadeira que enrola nas palmeira, aquela samambaia, é o que mais a gente vê dentro dos mato por aí, tem os ipê, camafim que é o pau que a gente faz macete, miroró.

Maria Cleude: Há muita mudança porque antigamente você não ia juntar coco se quebrasse, você quebrava no meio da mata, tinha mata lá, você juntava lá e quebrava, aí tinha muito pássaro, tinha muita caça, inseto também tinha muito.

A conversa entre as quebradeiras foi aprofundando as diferenças na vegetação e nos animais a partir do desmatamento e o aumento de áreas com capim:

Maria Cleude: Diferença tem bastante né, vão derrubando as palmeira e os pau também, não vai ficando nada, vai ficando só o capim, só as terra e o capim mesmo, não vão deixando nada mais. Antigamente não, você via muita planta, tinha muita água, tinha muito bicho, mas agora, tá

escasso, tinha até onça, mas agora não tem mais nada. (...) O que eu vejo mais é cajá, é ipê, esses pé de manga que tem aí, ninguém mais tem esses pau não, ninguém não deixa não. (...) Tem a manga, tem o cajá, tem a goiaba, o caju, tem muita coisa aí.

Maria Cleude: (...) Animal é muito difícil, ainda vê algum passarozinho, agora animal aqui não se vê, não vê mais não, só os gado mesmo dentro das quinta, é porque não tem mais mata onde os animal possa se esconder, os bicho possa se esconder, nem os tatu que era mais fácil que a gente via, agora não vê é mais nada. (...) Cobra a gente ainda vê, é aranha, piolho de cobra, essas coisa a gente ainda vê, agora outros animal.

Jucilene: escorpião, lambu.

Maria Cleude: Até a lambu é difícil de ver.

Jucilene: Galinha d'água.

Maria Cleude: Hoje tá muito difícil as coisa (...) mas agora acabou tudo.

No quintal da Jucilene e Milton encontra-se uma variedade enorme de plantas além de animais de pequeno porte:

Jucilene: É feijão e midobim e bem acolá uns pé de pimenta, mas não tem gosto nenhum esses pé de pimenta (...), coentro (...) Aí eu tenho que vim aqui mais o Milton pra mudar as cebola.

Cledeneuza: Cadê a lima, Milton?

Jucilene: Vocês querem coco?

Cledeneuza: Leva lima pra tua mãe comer pelo amor de Deus. Diz que ela tá ruim.

Jucilene: É bom né.

Jucilene: Ó, aí o tanto de laranja que tá nos pé de laranja (...).

Em seguida o quintal de Jucilene e Milton (Figura 18):



Figura 18: Quintal de Jucilene onde se pode ver variedade de plantas, à esquerda ela colhendo uma parte de cebolinha para Cledeneuza vender na feira para ela e à direita um monte de coco debaixo de seu pomar e animais de pequeno porte como galinhas. No povoado Itamerim, município de Brejo Grande do Araguaia-PA. Foto: Tássia Barros, pesquisa de campo, 2017.

No povoado Santa Rita, município de Brejo Grande do Araguaia, as quebradeiras de coco babaçu Cileide, Cleudene e Áuria, relatam sobre os animais e plantas:

Cileide: Eu já encontrei escorpião, a caranguejeira, o gangugi, eu tenho muito medo do gangugi. (...) o gangugi ele é um tipo de bicho que tem um monte de perninha, aí eu tenho muito medo dele, tem a lacraia, tem escorpião também, tem vários tipo de bicho, cobra tem muito, tem muito pássaro bonito ainda. (...) de caça tem o tatu, tem o peba, tem o porcão, tem o catitu, tem a anta, não a anta não tá aqui mais perto não, tá mais longe, tem capivara, tem muito capivara.

Cileide: Tem a castanha ainda, tem vez que a gente vê pé de castanha, tem aroeira, tem o jatobá, tem vários tipo ainda. Tem a mucuíba, que é de fazer, usa a mucuíba e usa a aroeira pra fazer remédio, ele é anti-inflamatório, é muito bom ele, tem vários tipo de planta. Tem a bananeira-braba, que a gente passa por dentro né, tem o bredo, tem vários tipo de planta ainda que existe ainda, tem aquela birijela que tem muito espinho que fura a gente, tem vários tipo de plantas ainda.

Cleudene: (...) Tinha o formigão, que chama de tantuguira que existe no mato, aquele gangugi, aquela lacraia, maribondi, tudo a gente encontra no mato, pássaros, cobra.

Áuria: Lagartixinha, tem aqueles piolho-de-cobra que tem de baixo ali também, tem que pegar o coco com muito cuidado porque se não morde a gente, tem o gangugi também, tem aranha, onde tem muito coco também é certo pra ter aquelas cobrinha pequena de baixo ali, tem que ter muito cuidado pra pegar eles.

Áuria: Tem (plantas). Tem pau-preto, palmeirinha também a gente vê. (Plantas ornamentais) é difícil ter, de primeiro tinha muito, mas agora depois desses veneno matou quase tudo. (Plantas medicinais), encontra, não lembro o nome delas.

Em seguida, alguns utensílios feitos de espécies de plantas usados pelas quebradeiras de coco babaçu e suas famílias, a exemplos do cofo e do macete (Figura 19), da estrutura para guardar o coco e do pilão (Figura 20), do cipó para amarrar estruturas e palhas para cobrir telhados (Figura 21):



Figura 19: À esquerda, o cofo de carregar os cocos, feito de palha da folha do babaçu. À direita, o macete de quebrar o coco feito de uma espécie vegetal chamada camafim. Foto: Tássia Barros, pesquisa de campo, 2017.



Figura 20: À esquerda, a estrutura para guardar o coco feito de uma espécie vegetal, bem como o pilão com o socador (dentro está a casca do bacuri). Foto: Tássia Barros, pesquisa de campo, 2017.



Figura 21: Dona Luzia segura um cipó utilizado para amarrar estruturas, como a da direita onde se observa também as palhas oriundas das folhas da palmeira de babaçu. Foto: Tássia Barros, pesquisa de campo, 2017.

Da parte interna do coco babaçu se tira a amêndoa através da qual se faz o azeite (Figura 22), sendo bastante nutritivo, da parte intermediária do coco se tira o mesocarpo para elaboração de vários produtos alimentícios, como mingaus e biscoitos, e da parte externa do coco (casca) se faz o carvão, utilizado pelas quebradeiras para cozinhar, usando o gás de cozinha só para o básico (Figura 23):



Figura 22: Amêndoas tiradas através da quebra do coco babaçu para a elaboração do azeite em que a demonstração se faz por Dona Cledeuza a qual separa o azeite que estava decantando. Foto: Tássia Barros, pesquisa de campo, 2017.



Figura 23: Carmelita segura um punhado de mesocarpo, parte intermediária do coco babaçu, usado para diversos produtos alimentícios, e ao lado, o carvão produzido a partir da casca do coco. Foto: Tássia Barros, pesquisa de campo, 2017.

Nota-se, portanto, que as quebradeiras de coco babaçu e seus familiares compõem a sociobiodiversidade da Amazônia, pois não só conhecem a biodiversidade, como estabelecem uma relação de trocas simultâneas com o ambiente, principalmente através dos recursos naturais. Essa integração não quer dizer que sejam pessoas naturalizadas pelo ambiente, mas que o modicam através de suas necessidades. Neves (2000), em estudo sobre a Amazônia, afirma que a natureza é parcialmente um produto da ação humana e não uma variável externa totalmente independente.

3.3 CONHECEDORAS DA FLORA: PLANTAS MEDICINAIS

As quebradeiras de coco babaçu são exímias conhecedoras de plantas medicinais. Além de possuírem muitas plantas em suas casas, nos seus quintais, fazem trocas de mudas e sugerem umas às outras as plantas com as suas funções medicamentosas. Esse conhecimento confere a

concepção de que são comunidades integradoras da sociobiodiversidade amazônica sob dinâmicas socioambientais profundas cujo conhecimento de plantas medicinais se dá de diversas formas, como em uma simples conversa entre elas.

No povoado São José, município de São Domingos do Araguaia, Cledeneuza, Olívia e Maria Helena conversam sobre plantas medicinais, garrafadas e suas funções (Figura 24):



Figura 24: Em frente à casa de Dona Olívia, as mulheres quebradeiras de coco babaçu conversam sobre seus conhecimentos em plantas medicinais. Da esquerda para a direita, Cledeneuza, Olívia e Maria Helena. No povoado São José, município de São Domingos do Araguaia-PA. Foto: Tássia Barros, pesquisa de campo, 2017.

Cledeneuza: Tem uma planta que é bom pra tosse, que tem muito assim quando a gente ia quebrar coco, às vezes os pés estava perto, é Moreira.

Olívia: Moreira. É Moreira tem ainda.

Maria Helena: Aquilo é muito bom.

Olívia: É difícil mas ainda tem.

Maria Helena: Tem ali no terreno do Claudenor e ali no terreno da Cândida.

Olívia: Tem. Tem mesmo pé de Moreira. É um pau de espinho ele.

Cledeneuza: Ele é muito bom pra quando tá gripado.

Maria Helena: Tirar o leite, né.

Cledeneuza: Tirar o leite, tirar a casca.

Olívia: A casca também, a gente faz o lambedor, bota pra cozinhar né e faz o lambedor.

Cledeneuza: E tem muito em terra de babaçu.

Olívia: No mato tem muita, assim, agora é difícil, mas antigamente tinha muita planta assim de fazer remédio, assim a Janaúba, um outro pau, acho que é mucuíba.

Maria Helena: É, ali embaixo tem.

Cledeneuza: Nos brejo.

Olívia: planta medicinal né.

Cledeneuza: Janaúba é um pau-de-leite. A gente dá um corte nele, ele derrama o leite. Não é aquele que tem nas mata que dá bastante leite, ele não dá bastante leite como amapá, mas dá leite, o janaúba. Diz que é muito bom pro sangue, pra inflamação.

Olívia: O pessoal procura muito esse pau aí, que tá plantada aí.

Cledeneuza: Como é que chamam é dedo-de-cristo?

Olívia: Não sei como é o nome dessa planta, só sei que plantei aí (...). O homem diz que cura câncer. Parece que é três pingos num litro de água.

Cledeneuza: Um litro de Coca-Cola é quatro pingo, se a senhora botar mais, arde a sua garganta.

Olívia: Aqui tem demais. Quando eu corta um galinho, aí eu fico com pena de jogar fora, aí enfio o galinho no chão. Planta medicinal eu gosto de plantar.

Dona Maria Helena em sua casa mostrando sua produção de pastas e óleos medicinais (Figura 25):



Figura 25: O trabalho extrativista de Maria Helena produzido em casa através de variadas plantas e suas partes como caroços e sementes. À esquerda, Maria Helena mostra à Cledeneuza a pasta produzida através de caroços de cupuaçu e à direita, os óleos de andiroba e mamona. No povoado São José, município de São Domingos do Araguaia-PA. Foto: Tássia Barros, pesquisa de campo, 2017.

Sobre remédios medicinais e garrafadas:

Cledeneuza: (...) Bom pra fazer pra ela: casca de aroeira, com dez meracilina e uma garrafa de vinho branco. Para cuidado feminino.

Olívia: Tem lá pra menina, diz que eles fazem.

Maria Helena: Naquele tempo que eu vendia pra aquele cara (...). Ele falou diz que é um pau.

Olívia: É um pau que tem lá. Eu até comprei uma garrafinha. Tá ali, vou até mandar pela Toinha.

Maria Helena: Ele me disse pra mim “Dona Maria você não sabe como esse remédio é bom”.

Olívia: É bom mesmo.

Cledeneuza: (...) A minha sobrinha chegou pra morrer, disse que quando menstruava não parava mais, era muita cólica, a mulher ficava lá deitada. Eu dei pra ela só a casca de aroeira com a meracilina no vinho branco. Ela só tomou uma garrafada depois não tomou mais.

Maria Helena: Oia, se tu soubesse o tanto eu já gastei comprando coisa pra aquela (...).

Olívia: Não toma?

Maria Helena: (...) Bebe uma vez. Chumbinho que ele faz o efeito na mesma horinha.

Olívia: É. Remédio ruim não quer.

Cledeneuza: Igual eu com a Clenilda.

Olívia: A Sandra também não toma, ela diz que esses remédios velho do mato não toma isso não.

Dona Zilda e Cledeneuza do povoado São José continuam:

Zilda: Naquele tempo, as crianças não tomavam remédio de farmácia. Minha vó parece que quase com cinquenta e tantos anos tomou a primeira injeção e as crianças quase a hora que nasce tem que tá na injeção, e é todo mundo doente, as crianças tão tudo doente. (...) Ali tem aquele mastruz, malva do reino, muita, muita planta, tem uns que ainda tem, tem outras que ainda tamo conhecendo agora, que nem minha nora disse que bem ali tem um pé de misulida. Já ouviu falar da misulida já?

Cledeneuza: Já.

Zilda: Comadre Rosa disse que deram um pé pra ela ali diz que é misulida. Hoje também tem muita planta medicinal que nós não conhece. (...) Se via algodão, mastruz, gergelim, urucum, essas plantas assim. Já hoje tem muitas que esse povo mais velho já não conhece e às vezes acontece dos mais novos já não conhecem aquelas do meu tempo. Essa manga a gente tira a casca da manga e cozinha bem cozinhadinha e faz um melzinho pra gripe, essa gripe pesada. Olha a raiz desse açai diz que é remédio.

Cledeneuza: Quando eu era menina era o remédio que minha mãe fazia.

Zilda: Ainda tem uma planta medicinal daquela tempo que é a imbaúba. Eu conheci meu tio tirando a água daquela árvore ali prum filho dele que tava inchado. Menino adoeceu, tava inchado, eu era menina nesse tempo, mas eu lembro. Ele cavou um buraco no chão, assim na beira assim dum baixo, e colocou uma vasilha e cortou assim uma raiz pro menino beber, foi que o menino bebeu pra desinchar, e pra inflamação de rim não tem outra coisa melhor mesmo, o chá do oio dessa imbaúba. Pois é, tem muita planta, quase todas essas plantas (...) até admira, né, tem que aparecer um remédio. Olha esse cupu, isso aqui o óleo, o povo fala tanta coisa boa disso aqui, muita coisa mesmo, pois é serve pra tudo.

Dona Zilda, assim como dona Maria Helena e outras quebradeiras, conhecem plantas e os cuidados para extrair substâncias medicinais ou alimentícias de várias plantas. Em seguida, conversa de Cledeneuza e Zilda sobre o que se faz com o caroço do cupuaçu (Figura 26):

Cledeneuza: A senhora já tem uma lata de caroço?

Zilda: Só tem um pouco. Eles estão bonzinho é porque eu não botei no sol, senão fica difícil de tirar a casca, aí eu vou tirando aqui devagazinho. Eu tirei dela sem ser descascada porque eu quero levar ao menos três litros ali pra minha menina passar ali, tirar lá.

Cledeneuza: Pois é aí eu tava pensando a senhora levar lá pra nós moer lá na máquina.

Zilda: E aí tira assim é? É sequinho né?

Cledeneuza: Bota pra secar e torra. Do jeito que a senhora faz no pilão.

Zilda: Eu vi a irmã Olívia passando no moinho assim crua.

Cledeneuza: A Maria Helena disse que passa é cru mesmo, mas ela deixa bem sequinho.



Figura 26: Dona Zilda e sua produção de variados produtos a partir do caroço do cupuaçu, na vasilha do chão estão os caroços a secar e a que está na sua mão estão os mais frescos. Cledeneuza e Zilda conversam sobre a produção. No povoado São José, município de São Domingos do Araguaia-PA. Foto: Tássia Barros, 2017.

No município de Palestina do Pará, Maria do Jaó fala dos seus conhecimentos sobre as plantas medicinais:

Maria: (...) Caju-de-janeiro que é bom pra diabete, casca do jatobá pra muié quando os tempo dela não tá vindo e pra não ter bucho pode pegar assim três dedos e pinicar na água, outro dia tá vermelhinho, você bebe aquela água, mas menino, na mesma hora desce (...), e aroeira é pra inflamação, é pra um bocado de coisa (...).

Maria: Aqui tem babosa, malva do reino, manjericão, cuchá, pimenta-do-reino.

Maria: Aqui tudo eu que pranto. Acho bom prantar, eu gosto demais.

Conversa entre Maria do Jaó e Cledeneuza sobre plantas medicinais:

Maria: Ei, deixa eu te mostrar. É esse pau que tu tava caçando aquele dia era?

Maria: Ali é arruda.

Cledeneuza: Ali e aqui. Não, eu tava caçando era albumina.

Maria: Ah, era albumina.

Cledeneuza: Oh aí, tanta malva, faz um suco de malva pros menino da Nega.

Maria: Oh, aqui Cledeneuza.

Cledeneuza: Eu sei, a Dona Olívia tem dessa. Oh, o tanto de babosa porque não bate com mel pra esses menino beber.

Maria: No liquidificador sabe o que eu vou fazer, eu vou pegar um pouquinho de babosa, uma surra disso aqui e fazer um suco e vou beber.

Cledeneuza: Uma folhinha dessa aqui dá pra uma semana, todo dia a senhora tira um pedacinho tamaninho assim, a senhora bate no liquidificador e bebe. Todo dia de manhã.

Maria: Só ela?

Cledeneuza: Só ela.

Maria: Essa aqui é a macaúba. Lá é a carnaúba. É cheia de espinho.

Cledeneuza: Dona Maria, puxa essa sementinha seca aí do manjericão.

Maria: É seca?

Cledeneuza: É só quero seca. Quando eu chegar lá eu joga. Eu pra mim que eu tinha levado uma alfavacona, que não tinha da alfavaca grande?

Maria: Eu acho que tu levou.

Maria: Cuidado que isso aí é (...).

Cledeneuza: Esse aí é o hortelanzinho?

Maria: Esse aí é o vick.

Cledeneuza: Pois deixe ele crescer pra me levar um pezinho. O meu hortelã morreu todinho, aquela moitona bonita que eu tinha lá.

Algumas plantas medicinais presentes no quintal de Maria do Jaó (Figura 27):



Figura 27: Quintal de Maria do Jaó com suas inúmeras plantas medicinais plantadas em hortas suspensas, em vasos ou vasilhas e plantadas no chão. Em Palestina do Pará-PA. Foto: Tássia Barros, pesquisa de campo, 2017.

No Povoado Itamerim, município de Brejo Grande do Araguaia, as quebradeiras de coco babaçu Francisca Rita e Jucilene, relatam seus conhecimentos sobre plantas medicinais.

Francisca: (...) Tem a mangabeira que é bom pra remédio, aroeira que é muito bom pra remédio, angico, vários tipos de pranta que é bom pra remédio, tem jatobá.

Francisca Rita: Hoje, a época que nós tamo, o povo desmata muito, desmata muito, aí pras coisa que tinha hoje tem muito pouco. (Desmatamento interferiu) transferiu muitas partes.

Jucilene: Pra remédio é jatobá, aroeira, angico.

E no povoado Santa Rita, município de Brejo Grande do Araguaia, as quebradeiras Cileide e Cleudene também contam sobre algumas plantas medicinais:

Cileide: Alfavaca grande serve pra gripe, fazer banho. Quando a gente tá muito gripado a gente bota pra cozinhar com folha de manga, faz a mistura e faz o chá. Porque tem alfavaca grande e as nanica. Aquele bem ali ó, tá vendo aquele greco meu aqui ó, é esse mesminho aqui, só que ele fica grandão, aqui tá grandão.

Cleudene: Mía fia, mamãe plantava muita, mamãe tinha tudo, eu esqueci de tudo né, ninguém vai mentir, ela tinha tudo. Tudo que doía uma barriga, doía uma cabeça, tava com febre, corria onde minha mãe, era tudo cheio só da planta, mas as pessoa vai indo, vai se descuidando, mas eu também eu gosto. Ali em casa mesmo tem só o capim-de-cheiro, a cidreira, hortelã, sabe, a folha da laranja pra fazer um chá, não tem mais como eu tinha. Mas eu gostava, eu tinha tudo quanto era tipo de planta, mas é aí aquela coisa, vai decaindo.

Os quintais de algumas quebradeiras de coco babaçu evidenciando algumas das inúmeras plantas medicinais, como o quintal de dona Francisca de São José, município de São Domingos do Araguaia (Figura 28):



Figura 28: Dona Francisca em seu quintal mostrando sua malva-do-reino bastante viçosa em um canteiro. Povoado São José, município de São Domingos do Araguaia-PA. Foto: Tássia Barros, pesquisa de campo, 2017.

Algumas plantas medicinais no quintal de dona Olívia do povoado São José, município de São Domingos do Araguaia (Figura 29), e quintal de dona Cledeuza no centro de São Domingos do Araguaia com variadas plantas também, incluindo frutíferas, hortaliças, medicinais e algumas ornamentais (Figura 30):



Figura 29: Quintal de dona Olívia evidenciando-se à esquerda a planta sete-dor em um canteiro suspenso, e à direita, um arbusto de canarana, além de uma sementeira com mudinhas em uma bacia atrás. Povoado São José, São Domingos do Araguaia-PA. Foto: Tássia Barros, 2017.



Figura 30: À esquerda, dona Cledeuza em seu quintal colhendo uma substância medicinal no pião branco para sua vizinha, e à direita, evidenciando a planta dedo-de-cristo. Na casa de Cledeuza que fica no centro de São Domingos do Araguaia-PA. Foto: Tássia Barros, 2017.

E os quintais de Luzia e Carmelita em São João do Araguaia com variadas plantas também, entre elas as medicinais, frutíferas e ornamentais (Figura 31)



Figura 31: À esquerda, dona Luzia ao lado de algumas plantas de seu quintal, entre elas, medicinais e ornamentais. À direita, Carmelita em seu quintal, evidenciando suas plantas medicinais e frutíferas. Em 21 de Abril, município de São João do Araguaia-PA. Foto: Tássia Barros, 2017.

Em frente à casa de dona Maria Helena em que ganham destaque suas plantas ornamentais plantadas em vasos no chão, suspensas ou diretamente no chão (Figura 32):



Figura 32: Plantas ornamentais de Dona Maria Helena plantadas em frente à sua casa. Povoado São José, município de São Domingos do Araguaia-PA. Foto: Tássia Barros, pesquisa de campo, 2017.

Muitas quebradeiras são extrativistas, extraindo cuidadosamente substâncias de diversas espécies vegetais, seja para a alimentação ou para o uso medicinal. Esse conhecimento é muito importante para a sociobiodiversidade, sendo também importante ressaltar que muitas mulheres dependem dessa produção para complementar a renda familiar, entretanto, os produtos da extração geralmente não são valorizados, recebendo em troca valores ínfimos pelos produtos “orgânicos” cujo trabalho para tal processo é grande.

4 SITUAÇÃO DOS BABAÇUAIS NOS MUNICÍPIOS DE ESTUDO

Os relatos das quebradeiras de coco babaçu no sudeste do Pará são unânimes quando se referem ao distanciamento da área do babaçu. O que antes era feito próximo de casa, no quintal, até mesmo na rua ou na esquina, hoje a coleta do coco se faz em uma distância muito grande. Apesar do levantamento de dados sobre a região ecológica do babaçu apontar crescimento dessa área, as palmeiras de babaçu têm crescido nas áreas de fazendas já que estas também vêm aumentando.

Assim, a quantidade de terra com toda a sua diversidade diminui, pois são vendidas ou griladas e então desmatadas para pastagem, e os agroextrativistas então tornam-se cada vez mais pressionados socioeconomicamente perdendo as terras produtivas, o que conseqüentemente interfere em sua subsistência. No caso das quebradeiras, especificamente, a interferência dá-se não só na subsistência mas também no âmbito simbólico.

Para aferir a situação dos territórios das quebradeiras de coco babaçu nos municípios de estudo, foi realizada com as quebradeiras a atividade dos desenhos em que demonstram como percebem a mudança nas áreas de babaçuais através do antes (memória mais antiga) e agora (situação atual), outras desenharam apenas a situação atual. Participaram da atividade quebradeiras dos municípios de São Domingos do Araguaia, São João do Araguaia e Brejo Grande do Araguaia. Em Palestina foi realizada apenas a entrevista, portanto, a referência da situação de Palestina foi feita através de narrativa.

Nessa atividade, pude perceber alguns aspectos importantes, como a relativização da fronteira, pois mesmo sendo povoados diferentes, com suas peculiaridades físicas e naturais, pelos relatos as informações coincidem, os problemas são parecidos ou, quando não, são os mesmos. Nesse sentido, torna-se de grande valia questionar o ordenamento territorial governamental, pautado sob a lógica das generalizações, invisibilizando muitas comunidades tradicionais cujos territórios integram subsistência, trabalho e produção.

4.1 SÃO DOMINGOS, SÃO JOÃO, BREJO GRANDE E PALESTINA

Nos desenhos de Cledeneuza, quebradeira de coco do povoado São José, São Domingos do Araguaia, nos quais representa o antes e o agora de seu território, as seguintes configurações de paisagem foram encontradas:

Antes, havia uma diversidade maior de espécies no entorno de sua casa, com vários tipos de vegetação, com babaçus próximos à casa, rio com abundância de peixes, animais diversos, como macaco, galinha-d'água, pintos e porco, indicando um espaço em harmonia e diverso (Figura 33).



Figura 33: Desenho de Cledeneuza mostrando como era antigamente a área onde morava indicando um ambiente em harmonia, com as palmeiras de babaçu perto de sua casa. São Domingos do Araguaia-PA. Atividade de pesquisa de campo, 2017.

O que não acontece nos dias atuais, pois em seu desenho é apresentado pouca diversidade de espécies. A casa não está mais presente demonstrando a distância do espaço em que considera sua área de trabalho e lazer, o babaçal, que agora está inserido em grande parte em fazendas, como mostra o desenho. Nota-se que a paisagem agora configura-se em pastagem com o gado, a cerca e o verde do capim. Não há rios ou diversidade de espécies, apenas a mandioca indicando a roça, uma ave que se vê nesses espaços e o babaçu. O clima é mais quente e com chuvas irregulares, conforme a explicação do desenho por Cledeneuza (Figura 34).



Figura 34: Desenho de Cledeuza mostrando a situação atual do território das quebradeiras onde o pasto agora é predominante e o babaçu agora está preso dentro da fazenda o que antes era livre, pois era comum em vários lugares. São Domingos do Araguaia-PA. Atividade de pesquisa de campo, 2017.

No desenho de Rita, quebradeira de coco do povoado São Benedito, São Domingos do Araguaia, nota-se que antes havia diversidade de espécies tanto de animais quanto de plantas, nota-se também a palmeira de babaçu com muitos cocos nas proximidades de sua casa e a própria Rita inserida, indicando que o seu território é lugar onde reside, é um ambiente voltado para a subsistência, para o trabalho e também para a produção (Figura 35).



Figura 35: Desenho de Rita mostrando como era o território do babaçu antigamente, indicando um ambiente em harmonia onde ela própria está inserida, a palmeira carregada de coco em frente à sua casa. São Domingos do Araguaia-PA. Atividade de pesquisa de campo, 2017.

No desenho posterior, no qual tenta-se transmitir as informações de seus territórios nos dias atuais, nota-se que não há diversidade de espécies e a paisagem é predominada pela área aberta com o capim evidente indicando a pastagem onde estão inseridas palmeiras de babaçu. Não há plantas e animais, não há casa, nem a própria Rita não está mais presente, é um desenho que se assemelha ao da Cledeneuza para a situação atual (Figura 36).



Figura 36: Desenho de Rita indicando a área do babaçu atualmente, sendo evidente a ausência de diversidade de espécies, inclusive de pessoas, sendo uma paisagem bastante homogênea. São Domingos do Araguaia-PA. Atividade de pesquisa de campo, 2017.

No desenho de Francisca, o qual remete ao que era antigamente, nota-se a palmeira de babaçu perto da casa, um monte de coco ao lado com uma pessoa indicando ser uma quebradeira, o ambiente parece em harmonia com pássaros, com a chuva e com o sol. O espaço demonstra ser tanto o espaço de viver quanto o espaço de trabalhar, portanto um território como ambiente de subsistência, trabalho e produção (Figura 37).



Figura 37: Desenho de Francisca mostrando como era o espaço do território do babaçu antigamente, indicando um espaço em harmonia onde se misturam o espaço de viver com o espaço de trabalhar. São Domingos do Araguaia-PA. Atividade de pesquisa de campo, 2017.

Já o desenho de Francisca que remete aos dias atuais, apesar de haver mais de uma palmeira de babaçu, nota-se que os elementos de moradia, do viver, estão ausentes, pois não há casa, nem pessoa, mas há gado e capim, demonstrando o distanciamento das áreas de babaçuais e indicando uma paisagem homogênea, portanto, com baixa diversidade (Figura 38).



Figura 38: Desenho de Francisca mostrando como está atualmente o espaço do babaçu, indicando uma paisagem homogênea com gado e capim onde o espaço do viver não se mistura mais com o espaço de trabalhar. São Domingos do Araguaia-PA. Atividade de pesquisa de campo, 2017.

No desenho de Edna, nota-se uma espécie de croqui evidenciando desde a cidade de Marabá até o povoado de São Benedito, o caminho interligado por estradas e ramais onde se pode ver as palmeiras na beira da estrada em diversas fases de crescimento, limitando-se a uma área de fazenda em que o capim se faz presente. Pelo desenho, as palmeiras de babaçu estão distantes do povoado e perto de fazenda o que tem dificultado o acesso ao coco babaçu, interferindo nos modos de criar, de fazer e de viver (Figura 39).



Figura 39: No desenho de Dona Edna é mostrado o espaço do babaçu, indicando um distanciamento dessa área do espaço de viver, em que a paisagem apresenta-se de forma a separar a área do babaçu da área de moradia. São Domingos do Araguaia-PA. Atividade de pesquisa de campo, 2017.

No desenho seguinte, de Enemísio (filho de Cledeneuza), um conjunto de elementos são apresentados, fazendo-se presentes a estrada, a pastagem e o curral, elementos muito frequentes atualmente, mas com certa diversidade de plantas e animais, como o coqueiro, a laranjeira, o babaçu, aves como “lambur” e curió, além da vaca no pasto. A casa está presente indicando que os elementos citados estão próximos do espaço de moradia, sugerindo espaços onde os modos de fazer, criar e viver estão presentes (Figura 40).

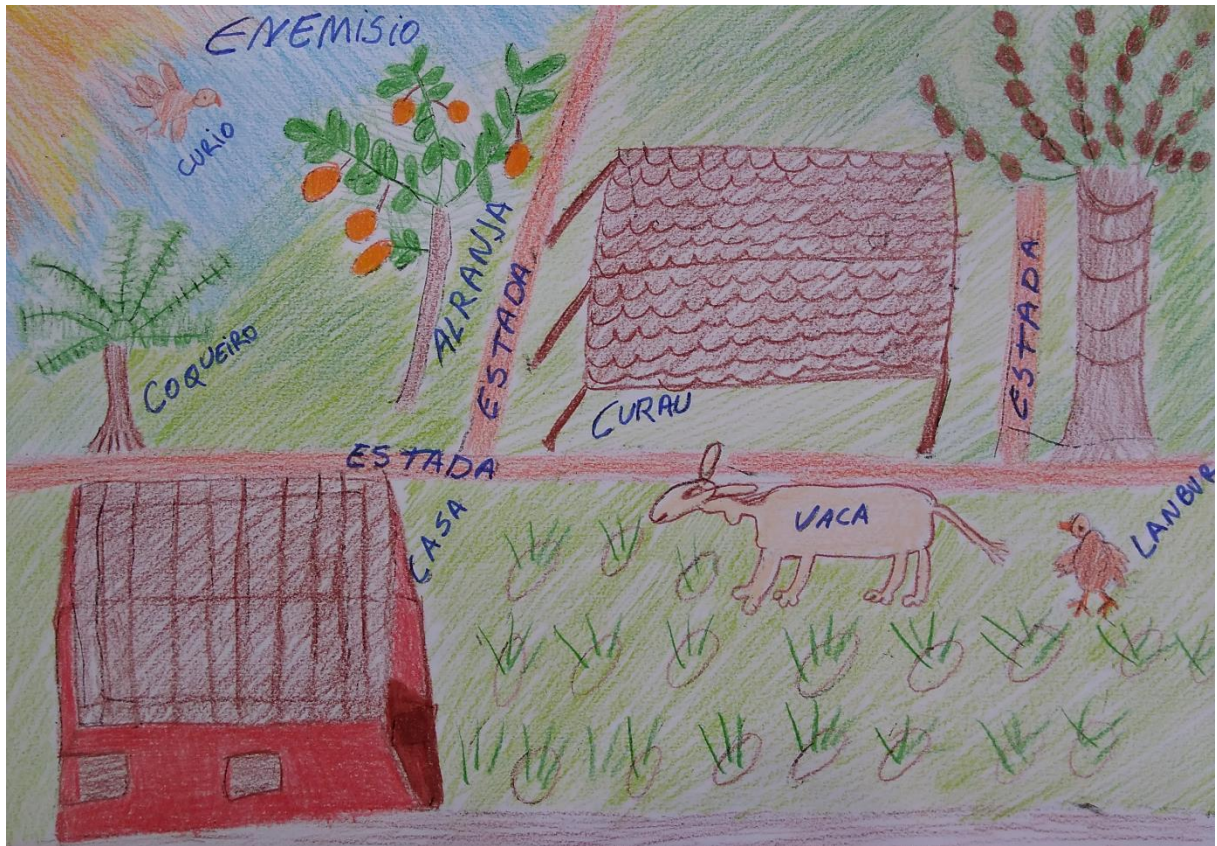


Figura 40: Desenho de Enemísio, filho da quebradeira de coco Cledeuza, indicando uma certa diversidade através de uma paisagem não homogênea. São Domingos do Araguaia-PA. Atividade de pesquisa de campo, 2017.

No desenho de Maria do Carmo (conhecida como Carmelita), quebradeira de coco babaçu de 21 de Abril, município de São João do Araguaia, apesar de poucos elementos, notam-se as palmeiras de babaçu ao lado de outra árvore, indicando certa diversidade embora com uma baixa quantidade, sugerindo uma diminuição da riqueza de espécies, havendo também a presença de um rio (Figura 41). Sua localidade apesar de sentir pressões pelo desmatamento ainda possui uma área de floresta primária, garantindo um bem-estar maior em relação às outras localidades.



Figura 41: Desenho de Carmelita mostrando o espaço do babaçu, que apesar de poucos elementos, nota-se a presença da palmeira babaçu com outra árvore, indicando uma certa harmonia. São João do Araguaia-PA. Atividade de pesquisa de campo, 2017.

O desenho seguinte é de Paulo, filho de Luzia do 21 de Abril, São João do Araguaia. No desenho, nota-se uma paisagem em harmonia, com os elementos da natureza, como rios, sol, nuvem, plantas e animais. Essa paisagem diferencia-se das outras principalmente por ter em sua área a floresta primária, permitindo diversidade maior de espécies e harmonia entre os elementos. A palmeira de babaçu está bem ao lado da casa indicando a proximidade das palmeiras de babaçu no espaço de moradia, misturando-se aos modos de criar, fazer e viver (Figura 42).



Figura 42: Desenho de Paulo, filho da quebradeira de coco Luzia, sugerindo harmonia entre os elementos da natureza, a palmeira de babaçu está ao lado da casa indicando a proximidade da área do babaçu. São João do Araguaia-PA. Atividade de pesquisa de campo, 2017.

O desenho seguinte é de Maria, do povoado Santa Rita, Brejo Grande do Araguaia. Nele, nota-se um tipo de croqui no qual são apresentados os elementos de moradia e de trabalho, como a sua casa, as casas da vizinhança, as ruas, a igreja, a casa das quebradeiras, as palmeiras de babaçu, outras espécies de plantas, como mangueira, além da estrada de Brejo Grande e da localização do povoado de Itamerim. Esse desenho demonstra uma visão ampla do seu espaço de moradia no qual o babaçu se faz presente, embora em determinados locais, apresentando-se de maneira delimitado (Figura 43).



Figura 43: Desenho de Maria no qual evidencia-se o espaço de moradia e de trabalho com os seus elementos como as casas, a igreja, a casa das quebradeiras e a área dos pés de coco babaçu, apresentando-se de modo delimitado. Brejo Grande do Araguaia-PA. Atividade de pesquisa de campo, 2017.

No desenho de Cideide, do povoado Santa Rita, Brejo Grande do Araguaia, nota-se um tipo de croqui também, no qual tem-se a localização da sua casa, o MIQCB, as ruas, a estrada do Brejo, a localização do povoado de Itamerim, a torre próxima à sua casa, palmeiras de babaçu nas proximidades, a presença de castanheira, além de um homem em um cavalo carregando um monte de coco babaçu e uma mulher com um cofo na cabeça acompanhando-o juntamente com um cachorro. Apesar da palmeira de babaçu se fazer presente em vários locais do croqui, de modo geral apresenta-se também delimitada em alguns espaços, sendo que quase não se vê a palmeira de babaçu nas outras partes do desenho (Figura 44).



Figura 44: Desenho de Cileide no qual evidencia-se o espaço de moradia e de trabalho através das casas, do MIQCB e do homem com a mulher carregando coco. Brejo Grande do Araguaia-PA. Atividade de pesquisa de campo, 2017.

Em Palestina do Pará, como não foi realizada a atividade do desenho e sim somente a entrevista, seguem alguns trechos sobre as mudanças ocorridas nas áreas de babaçuais, territórios das quebradeiras de coco babaçu, enfatizando a dificuldade de acesso ao coco devido ao distanciamento, por Maria do Jaó, quebradeira de coco babaçu veterana:

Maria: Hoje nós não temo quase nada por causa que quando eu mudei pra essa casa aqui nosso cocal era bem aqui, eu fazia um monte de coco aqui no meu quintal e aqui mesmo eu quebrava. Eu cheguei aqui pra Palestina eu era mulherzinha, novinha ainda, e eu acabei minhas forças aqui quebrando o coco, trabalhando de roça, trabalhando nas fazenda e assim. Mas toda a vida eu quebrei o coco, viu.

Maria: Hoje o que acontece, nós não tem mais coco aqui perto, a gente não tem como carregar o coco, a gente bota pra um e pra outro pra ver se junta o coco pra botar aqui pra nós quebrar (...).

E canta um pedacinho do xote das quebradeiras:

Maria: Ê, não derruba essa palmeira/Ê, não derruba a palmeira/Tu já sabe que não pode derrubar/
Pra ... a riqueza em nosso lar.

Cileide, quebradeira de coco babaçu de Itamerim, mas que nasceu em Palestina, ao lembrar do tempo em que era jovem, evidencia as mudanças ocorridas:

Cileide: Aquela época que nós morava na Palestina, tinha um cocal que ficava perto assim de uma serra, mas ficava bem pertinho de casa, o coco era muito pertinho (...). Agora tá muito difícil porque o babaçu ficou longe e às vezes a gente não tem condição de carregar, (...) às vezes eu não tenho transporte pra carregar o babaçu, aí fica muito difícil porque ficou longe, né, aí não tem como a gente trazer.

Quem planta o capim é o fazendeiro e quem consome é o gado. Ninguém planta o babaçu, portanto é de uso comum, servindo como fonte de vida para muitos agricultores familiares há muito tempo, como constam registros históricos levantados por Barbosa (2013). Quem consome o babaçu são as quebradeiras e suas famílias, principalmente através dos vários produtos elaborados, além de outras espécies, como cutias, através da cadeia alimentar em um processo de retroalimentação altamente sustentável. Logo, nota-se a importância dos babaçuais para a teia ecológica e de seus principais agentes responsáveis por sua manutenção.

Entretanto, percebe-se, através dos relatos e dos desenhos, o distanciamento do babaçu em relação aos espaços de moradia das quebradeiras, afetando diretamente os modos de vida dessas comunidades cujo território imbrica ambientes de subsistência, trabalho e produção. Nesse sentido, nota-se cada vez mais o avanço de áreas de pastagens através de desmatamento, interferindo na biodiversidade local, no clima, nos rios e também na produção, com isso a paisagem se torna menos diversa, afetando em contrapartida a sociobiodiversidade desses territórios.

4.2 AINDA HÁ BIODIVERSIDADE?

Através dos relatos das quebradeiras de coco babaçu e de alguns de seus familiares, a quantidade de espécies mudou ao longo do tempo, diminuindo consideravelmente, juntamente com a variedade. Supõe-se, portanto, pelos relatos, uma diminuição de diversidade e riqueza de espécies, embora ainda haja certa diversidade, havendo diminuição maior na quantidade, ou seja, na riqueza de espécies.

As quebradeiras associam a perda de espécies à diminuição de floresta ocasionada pelo desmatamento e devastação dos babaçuais, afetando o clima, os rios e a biodiversidade. Como disse Maria Cleude do Itamerim:

“Diferença tem bastante né, vão derrubando as palmeira e os pau também, não vai ficando nada, vai ficando só o capim, só as terra e o capim mesmo, não vão deixando nada mais. Antigamente não, você via muita planta, tinha muita água, tinha muito bicho, mas agora, tá escasso, tinha até onça, mas agora não tem mais nada.” (Relato de Maria Cleude, povoado Itamerim, Brejo Grande do Araguaia-Pa. Pesquisa de campo, 2017).

Além das informações em relação à biodiversidade coletadas através dos relatos, foi realizada uma atividade de identificação de espécies através de catálogos. Assim, pôde-se

perceber a variação em cada localidade, embora esta atividade não tenha sido aplicada em todas, tendo uma localidade representante por município, como São Benedito (São Domingos do Araguaia), 21 de Abril (São João do Araguaia) e Itamerim (Brejo Grande do Araguaia), ficando de fora somente o município de Palestina do Pará.

A partir do levantamento final das espécies, agrupei por povoado as espécies de flora e de fauna em tabelas (Tabela 2 e Tabela 3, respectivamente). Para as espécies da flora, a localidade que apresentou maior variedade de espécies foi 21 de Abril, o que já era esperado por possuir floresta primária, e a localidade que apresentou menor variedade foi Palestina seguida por São Benedito e Itamerim. O mesmo resultado foi encontrado para a fauna e isso faz sentido já que a flora e a fauna estão relacionadas diretamente, uma dependendo da outra. Assim, a localidade 21 de Abril apresentou variedade maior de fauna e Palestina apresentou variedade menor, seguida por Itamerim e São Benedito.

É necessário ressaltar que o levantamento de espécies através de guia e catálogos foi realizado de forma não tão profunda, já que não foram utilizados catálogos específicos para a área de estudo, nem houve tempo hábil para uma melhor aferição. Assim, a biodiversidade nos povoados poderá ser melhor aferida a partir de estudos futuros.

Tabela 2: Espécies botânicas encontradas nos povoados de estudo⁸.

São José	São Benedito	21 de Abril	Itamerim	Santa Rita	Palestina
Malva-do-reino* <i>Plectranthus</i> L'Hér	Goiabeira* <i>Psidium guajava</i> L.	Castanheira* <i>Bertholletia excelsa</i> Bonpl.	Mangabeira* <i>Hancornia speciosa</i> Gomes	Camaru* <i>Dipteryx odorata</i> (Aubl.) Willd.	Castanheira* <i>Bertholletia excelsa</i> Bonpl.
Mucuíba* <i>Virola sebifera</i> Aubl.	Moreira* <i>Maclura tinctoria</i> (L.) D.Don ex Steud.	Mangueira-nativa* <i>Mangifera indica</i> L.	Aroeira* <i>Schinus terebinthifolius</i> var. <i>acutifolius</i> Engl.	Aroeira* <i>Schinus terebinthifolius</i> var. <i>acutifolius</i> Engl.	Angico* <i>Anadenanthera macrocarpa</i> (Benth.) Brenan
Sangra-d'água* <i>Croton urucurana</i> Baill.	Andirobeira* <i>Carapa guianensis</i> Aubl.	Chumbinho* <i>Lantana camara</i> L.	Angico* <i>Anadenanthera macrocarpa</i> (Benth.) Brenan	Jatobá* <i>Hymenaea courbaril</i> L.	Aroeira* <i>Schinus terebinthifolius</i> var. <i>acutifolius</i> Engl.
Moreira* <i>Maclura tinctoria</i> (L.) D.Don ex Steud.	Casca-de-pau-de-leite* <i>Himatanthus obovatus</i> (Müll. Arg.) Woodson	Ipê* <i>Handroanthus</i> Mattos	Jatobá* <i>Hymenaea courbaril</i> L.	Arruda* <i>Ruta graveolens</i> L.	Caju-de-janeiro*
Dedo-de-cristo* <i>Tithonia diversifolia</i> (Hemsl.) A.Gray	Ipê* <i>Handroanthus</i> Mattos	Mogno* <i>Swietenia macrophylla</i> King	Samambaia* Pteridophyta	Bredo* <i>Amaranthus viridis</i> L.	Babaçu** <i>Attalea speciosa</i> Mart. ex Spreng.
Embaúba* <i>Cecropia</i> Loefl.	Castanheira* <i>Bertholletia excelsa</i> Bonpl.	Macaúba* <i>Acrocomia aculeata</i> (Jacq.) Lodd. ex Mart.	Ipê* <i>Handroanthus</i> Mattos	Pau-preto* <i>Cenostigma tocantinum</i> Ducke	Laranjeira** <i>Citrus x sinensis</i> (L.) Osbeck
Orquídea* Orchidaceae A.Juss.	Gameleira* <i>Ficus</i> L.	Cajá* <i>Spondias mombin</i> L.	Camafim* <i>Balfourodendron riedelianum</i> (Engl.) Engl.	Jaqueira* <i>Artocarpus heterophyllus</i> Lam.	Cupu** <i>Theobroma grandiflorum</i> (Willd. ex Spreng.) K.Schum.
Samambaia* Pteridophyta	Samambaia* Pteridophyta	Jenipapo* <i>Genipa americana</i> L.	Miroró* <i>Bauhinia</i> L.	Ata* <i>Annona squamosa</i> L.	Limoeiro** <i>Citrus x limon</i> (L.) Osbeck
Samambaia-da-folhona* Pteridophyta	Cipó-de-fogo* <i>Doliocarpus dentatus</i> (Aubl.) Standl.	Cajueiro* <i>Anacardium occidentale</i> L.	Cajá* <i>Spondias mombin</i> L.	Limoeiro* <i>Citrus x limon</i> (L.) Osbeck	Jabuticaba** <i>Plinia cauliflora</i> (Mart.) Kausel
Cuchá/Vinagreira* <i>Hibiscus</i> L.	Tiririca* <i>Cyperus rotundus</i> L.	Jaqueira*	Mangueira* <i>Mangifera indica</i> L.	Mata-fome* <i>Acacia obliquifolia</i> M. Martens & Galeotti	Bananeira** <i>Musa</i> L.

⁸ Os catálogos de identificação foram aplicados somente em São Benedito, 21 de Abril e Santa Rita. Em Palestina, somente uma quebradeira participou da atividade.

		<i>Artocarpus heterophyllus</i> Lam.			
Cupu* <i>Theobroma grandiflorum</i> (Willd. ex Spreng.) K.Schum.	Laranjeira** <i>Citrus x sinensis</i> (L.) Osbeck	Laranjeira* <i>Citrus x sinensis</i> (L.) Osbeck	Goiabeira* <i>Psidium guajava</i> L.	Trepadeira* Liana sp	Cuchá/vinagreira** <i>Hibiscus</i> L.
Janaúba* <i>Himatanthus drasticus</i> (Mart.) Plumel	Mangueira** <i>Mangifera indica</i> L.	Cupu* <i>Theobroma grandiflorum</i> (Willd. ex Spreng.) K.Schum.	Cajueiro* <i>Anacardium occidentale</i> L.	Palmeirinha* Arecaceae Schultz Sch.	Pitomba** <i>Talisia esculenta</i> (Cambess.) Radlk.
Amapá* <i>Parahancornia fasciculata</i> (Poir.) Benoist	Coco-babaçu** <i>Attalea speciosa</i> Mart. ex Spreng.	Muruci* <i>Byrsonima crassifolia</i> (L.) Kunth	Cuchá/Vinagreira* <i>Hibiscus</i> L.	Açaí* <i>Euterpe oleracea</i> Mart.	Pimenta-do-reino** <i>Piper nigrum</i> L.
Pau-de-leite* <i>Himatanthus obovatus</i> (Müll. Arg.) Woodson	Bananeira** <i>Musa</i> L.	Mamona* <i>Ricinus communis</i> L.	Midubim/Amendoim** <i>Arachis hypogaea</i> L.	Bacaba* <i>Oenocarpus bacaba</i> Mart.	Cebolinha** <i>Allium</i> L.
Mamona** <i>Ricinus communis</i> L.	Cupu** <i>Theobroma grandiflorum</i> (Willd. ex Spreng.) K.Schum.	Taturuba* <i>Pouteria macrophylla</i> (Lam.) Eyma	Coentro** <i>Coriandrum sativum</i> L.	Najá* <i>Maximiliana maripa</i> (Aubl.) Drude	Coentro** <i>Coriandrum sativum</i> L.
Mastruz** <i>Dysphania ambrosioides</i> (L.) Mosyakin & Clemants	Mandioca** <i>Manihot esculenta</i> Crantz	Goiabeira* <i>Psidium guajava</i> L.	Cebolinha** <i>Allium</i> L.	Coco-da-praia* <i>Cocos nucifera</i> L.	Quiabo** <i>Abelmoschus esculentus</i> (L.) Moench
Anador** <i>Justicia pectoralis</i> Jacq.	Milho** <i>Zea mays</i> L.	Jacarandá* <i>Jacaranda</i> Juss.	Pimenteira** <i>Capsicum</i> L.	Maria-mole* <i>Senecio brasiliensis</i> (Spreng.) Less.	Babosa** <i>Aloe vera</i>
Boldo** <i>Plectranthus barbatus</i> Andr.	Abacaxi*** <i>Ananas comosus</i> (L.) Merr.	Barriguda* <i>Ceiba glaziovii</i> (Kuntze) K.Schum.	Laranjeira** <i>Citrus x sinensis</i> (L.) Osbeck	Algodão* <i>Gossypium</i> L.	Malva-do-reino** <i>Plectranthus</i> L'Hér
Penicilina** <i>Alternanthera brasiliana</i> (L.) Kuntze	Açaí*** <i>Euterpe oleracea</i> Mart.	Coco-babaçu* <i>Attalea speciosa</i> Mart. ex Spreng.	Lima** <i>Citrus</i> L.	Barriguda* <i>Ceiba glaziovii</i> (Kuntze) K.Schum.	Manjericão** <i>Ocimum basilicum</i> L.
Sete-dor** <i>Plectranthus</i> L'Hér	Alcachofra*** <i>Vermonia condensata</i> Baker	Algodão* <i>Gossypium</i> L.	Coco-da-praia** <i>Cocos nucifera</i> L.	Capim-de-cheiro** <i>Cymbopogon citratus</i> (DC.) Stapf	Arruda** <i>Ruta graveolens</i> L.
Babosa** <i>Aloe vera</i>	Alecrim-de-angola*** <i>Vitex agnus-castus</i> L.	Limoeiro* <i>Citrus x limon</i> (L.) Osbeck	Cupu** <i>Theobroma grandiflorum</i> (Willd. ex Spreng.) K.Schum.	Erva-cidreira** <i>Melissa officinalis</i> L.	Hortelã** <i>Mentha</i> L.

Canarana** <i>Costus spicatus</i> (Jacq.) Sw.	Alfavaca*** <i>Ocimum campechianum</i> Mill.	Mangueira* <i>Mangifera indica</i> L.	Mamona** <i>Ricinus communis</i> L.	Cupu** <i>Theobroma grandiflorum</i> (Willd. ex Spreng.) K.Schum.	Vick <i>Mentha arvensis</i> L.
Jambeiro** <i>Syzygium jambos</i> (L.) Alston	Alfavacão*** <i>Ocimum gratissimum</i> L.	Acerola* <i>Malpighia emarginata</i> DC.	Babaçu** <i>Attalea speciosa</i> Mart. ex Spreng.	Coco-babaçu** <i>Attalea speciosa</i> Mart. ex Spreng.	Maracujá** <i>Passiflora edulis</i> Sims
Laranjeira** <i>Citrus x sinensis</i> (L.) Osbeck	Anajá*** <i>Maximiliana maripa</i> (Aubl.) Drude	Chicória* <i>Cichorium intybus</i> L.		Mangueira** <i>Mangifera indica</i> L.	Carnaúba** <i>Copernicia prunifera</i> (Mill.) H.E.Moore
Bananeira** <i>Musa</i> L.	Adrequicé*** <i>Leersia hexandra</i> Sw	Limão-caieno* <i>Averrhoa bilimbi</i> L.		Mangueira-beira-do-lago** <i>Mangifera indica</i> L.	Véu-de-noiva** <i>Gibasis pellucida</i> (M. Martens & Galeotti) D.R. Hunt
Maracujá** <i>Passiflora edulis</i> Sims	Bacaba*** <i>Oenocarpus bacaba</i> Mart.	Cacau* <i>Theobroma cacao</i> L.		Oriza** <i>Oryza</i> L.	Macaúba** <i>Acrocomia aculeata</i> (Jacq.) Lodd. ex Mart.
Pimenteira** <i>Capsicum</i> L.	Bucha*** <i>Luffa cylindrica</i> M. Roem.	Bananeira* <i>Musa</i> L.		Abacaxi*** <i>Ananas comosus</i> (L.) Merr.	Mamoeiro** <i>Carica papaya</i> L.
Pimenta-do-reino** <i>Piper nigrum</i> L.	Buriti*** <i>Mauritia flexuosa</i> L.f.	Angelim* <i>Dinizia excelsa</i> Ducke		Abacaxi-roxo*** <i>Tradescantia spathacea</i> Sw.	Albumina**
Coentro** <i>Coriandrum sativum</i> L.	Caapeba*** <i>Pothomorphe peltata</i> (L.) Miq.	Escorrega-macaco* <i>Vochysia haenkeana</i> Mart.		Abóbora*** Cucurbitaceae Juss.	Fígado-de-galinha**
Cebolinha** <i>Allium</i> L.	Canarana*** <i>Costus spicatus</i> (Jacq.) Sw.	Escada-de-jabuti* <i>Bauhinia rutilans</i> Spruce ex Benth.		Alcachofra*** <i>Vermonia condensata</i> Baker	
Laço-de-amor** <i>Episcia cupreata</i> (Hook.) Hanst.	Canela*** <i>Cinnamomum zeylanicum</i> Blume	Guarumã* <i>Ischnosiphon aromum</i> Koern.		Alface-d'água*** <i>Pistia stratiotes</i> L.	
Cacto** Cactaceae Juss.	Capim-bolota*** <i>Cyperus luzulae</i> (L.) Rottb. Ex Retz.	Tamarindo* <i>Tamarindus indica</i> L.		Alfavaca-grande*** <i>Ocimum gratissimum</i> L.	
Bacuri** <i>Platonia insignis</i> Mart.	Capim-uamá*** <i>Luziola spruceana</i> Benth. Ex Doell.	Embaúba* <i>Cecropia</i> Loefl.		Alfavaca-nanica*** <i>Ocimum campechianum</i> Mill.	

Misulida**	Cidreira*** <i>Melissa officinalis</i> L.	Moreira* <i>Maclura tinctoria</i> (L.) D.Don ex Steud.	Ananás-de-raposa*** <i>Ananas ananassoides</i> (Baker) L.B.Sm.
	Cipó-tracuá*** <i>Philodendron imbe</i> Schott.	Amarelão* <i>Apuleia leiocarpa</i> (Vogel) J.F.Macbr.	Araticum-bravo “Futrão-da-mata”*** <i>Ammona glabra</i> L.
	Copaíba*** <i>Copaifera martii</i> Hayne	Malva* <i>Plectranthus</i> L'Hér	Bacuri*** <i>Platonia insignis</i> Mart.
	Cuieira*** <i>Crescentia cujete</i> L.	Banana-brava* <i>Canna indica</i> L.	Bananeirinha “Banana-braba”*** <i>Canna indica</i> L.
	Damiana*** <i>Turnera ulmifolia</i> L.	Mucuíba* <i>Virola sebifera</i> Aubl.	Bananeira*** <i>Musa</i> L.
	Bruto*** <i>Annona sericea</i> Dunal	Babosa* <i>Aloe vera</i>	Batata-de-purga*** <i>Ipomoea purga</i> (Wender.) Hayne
	Gergelim*** <i>Sesamum indicum</i> L.	Brutão* <i>Annona sericea</i> Dunal	Berinjela*** <i>Solanum melongena</i> L.
	Graviola*** <i>Annona muricata</i> L.	Tatajuba* <i>Bagassa guianensis</i> Aubl.	Borboleta “Borboleta-branca”*** <i>Hedychium coronarium</i> J. Konig
	Guarumã*** <i>Ischnosiphon arouma</i> Koern.	Pau-preto* <i>Cenostigma tocaninum</i> Ducke	Bucha*** <i>Luffa cylindrica</i> M. Roem.
	Helicônia “Bananinha”*** <i>Heliconia psittacorum</i> L.f.	Caju-de-janeiro* <i>Hedychium coronarium</i> J. Konig	Buriti*** <i>Mauritia flexuosa</i> L.f.
	Jucá*** <i>Caesalpinia férrea</i> Mart.	Borboleta*** <i>Hedychium coronarium</i> J. Konig	Café*** <i>Coffea</i> L.
	Jurubeba*** <i>Solanum stramonifolium</i> Jacq.	Bucha*** <i>Luffa cylindrica</i> M. Roem.	Cajueiro*** <i>Anacardium occidentale</i> L.
	Jurubebão*** <i>Solanum crinitum</i> Lam.	Buriti*** <i>Mauritia flexuosa</i> L.f.	Cambará “Chumbim”*** <i>Lantana camara</i> L.
	Malvarisco “Anador”***	Caapeba***	Carambola***

<i>Plectanthus amboinicus</i> (Lour.) Spreng.	<i>Pothomorphe peltata</i> (L.) Miq.	<i>Averrhoa carambola</i> L.
Rabo-de-raposa “Crânio- de-urubu”*** <i>Conyza bonariensis</i> (L.) Cronquist	Damiana “Chanana”*** <i>Turnera ulmifolia</i> L.	Castanheira*** <i>Bertholletia excelsa</i> Bonpl.
Taperebá “Cajá”*** <i>Spondias mombin</i> L.	Desempata “Girassol”*** <i>Wedelia paludosa</i> DC.	Copaíba*** <i>Copaifera martii</i> Hayne
Tucumã “Tucon”*** <i>Astrocaryum vulgare</i> Mart.	Envira-cheirosa “Birimba”*** <i>Annona paludosa</i> Aubl.	Croton “Metraste”*** <i>Croton hirtus</i> L. Hér.
Urucum*** <i>Bixa orellana</i> L.	Envira-do-igapó*** <i>Anaxagorea dolichocarpa</i> Sprague et Sandwith	Cujuba*** <i>Crescentia cujete</i> L.
Vinagreira “Vinagreira/Cuchá”*** <i>Hibiscus</i> L.	Taboa*** <i>Cyperus giganteus</i> Vahl.	Damiana “Chanana”*** <i>Turnera ulmifolia</i> L.
	Bamburral “Chumbim”*** <i>Marsypianthes chamaedrys</i> (Vahl) Kunthze	Desempata “Gota-do- zeca”*** <i>Wedelia paludosa</i> DC.
	Bananeirinha “Banana braba”*** <i>Canna indica</i> L.	Envira “Brutão”*** <i>Annona sericea</i> Dunal
	Geniparana “Maracujá-do- mato”*** <i>Gustavia augusta</i> L.	Envira-cheirosa*** <i>Annona paludosa</i> Aubl.
	Bacuri*** <i>Platonia insignis</i> Mart.	Estrelítzia*** <i>Strelitzia reginae</i> Banks
		Eucalipto*** <i>Eucalyptus</i> sp
		Flor-de-maracujá***

	<i>Passiflora edulis</i> Sims
Guarumã***	
	<i>Ischnosiphon arouma</i> Koern.
Helicônia “Banana-braba”***	
	<i>Canna indica</i> L.
Jucá***	
	<i>Caesalpinea férrea</i> Mart.
Jurubeba***	
	<i>Solanum stramonifolium</i> Jacq.
Jurubebão***	
	<i>Solanum crinitum</i> Lam.
Cipó-tracuá “Trepadeira”***	
	<i>Philodendron imbe</i> Schott.
Língua-de-vaca***	
	<i>Elephantopus mollis</i> Kunth
Macaúba***	
	<i>Acrocomia aculeata</i> (Jacq.) Lodd. ex Mart.
Malvarisco “Malva-do-reino”***	
	<i>Plectanthus amboinicus</i> (Lour.) Spreng.
Mandioca***	
	<i>Manihot esculenta</i> Crantz
Parií***	
	<i>Arrabidaea chica</i> (Humb.&Bonpl.) B. Verl
Piã-branco***	
	<i>Jatropha curcas</i> L.
Piã-roxo***	
	<i>Jatropha gossypifolia</i> L.
Pimenta-de-macaco***	
	<i>Piper aduncum</i> L.

Pirarucu “Folha-santa”*** <i>Bryophyllum pinnatum</i> (Lam.) Oken
Salsa “Salsa-de-planta”*** <i>Ipomea asarifolia</i> (Desr.) Roem.&Schultz
Taboa*** <i>Cyperus giganteus</i> Vahl.
Tajá “Pinica-pau”*** <i>Caladium bicolor</i> (Aiton) Vent.
Tamarindo*** <i>Tamarindus indica</i> L.
Tucumã “Tucom”*** <i>Astrocaryum vulgare</i> Mart.
Urucum “Urucubrabo”*** <i>Bixa orellana</i> L.
Vassoura-de-botão*** <i>Spermacoce verticillata</i> L.
Vassourinha*** <i>Scoparia dulcis</i> L.
Vinagreira*** <i>Hibiscus</i> L.

*Espécies que ainda são vistas pelas quebradeiras.

**Espécies que existem nos quintais das quebradeiras (nem todas as espécies foram aferidas, pois existem muitas).

***Espécies que foram reconhecidas pelas quebradeiras através dos catálogos de identificação (nem todas as espécies são encontradas). Nomes pelos quais elas conhecem determinada espécie estão entre aspas.

Tabela 3: Espécies de fauna encontradas nos povoados de estudo.

São José	São Benedito	21 de Abril	Itamerim	Santa Rita	Palestina
Iuma <i>Anhima cornuta</i> (Spix, 1825)	Galinha-d'água <i>Gallinula chloropus</i> (Linnaeus, 1758)	Lambu <i>Crypturellus parvirostris</i> (Linnaeus, 1758)	Gongo <i>Pachymerus nucleorum</i> (Fabricius, 1792)	Jacamim <i>Psophia viridis</i> (Gmelin, 1789)	Cutia <i>Dasyprocta</i> Illiger, 1811
Galinha-d'água <i>Gallinula chloropus</i> (Linnaeus, 1758)	Lambu <i>Crypturellus parvirostris</i> (Linnaeus, 1758)	Lambu-pé-vermelho <i>Crypturellus parvirostris</i> (Linnaeus, 1758)	Lambu <i>Crypturellus parvirostris</i> (Linnaeus, 1758)	Aracuã <i>Ortalis guttata</i> (Gmelin, 1788)	Paca <i>Cuniculus paca</i> (Linnaeus, 1766)
Lambu <i>Crypturellus parvirostris</i> (Linnaeus, 1758)	Curica <i>Gypopsitta caica</i> (Latham, 1790)	Bico-roxo <i>Oxyura dominica</i> (Lineu, 1766)	Galinha-d'água <i>Gallinula chloropus</i> (Linnaeus, 1758)	Jacu <i>Penelope</i> Schlegel, 1863	Tatu Dasypodidae Gray, 1821
Jacu <i>Penelope</i> Schlegel, 1863	Passarinho Procellariiformes Reichenbach, 1850	Aracuã <i>Ortalis guttata</i> (Gmelin, 1788)	Pássaro Procellariiformes Reichenbach, 1850	Mutum-papo vermelho Cracidae Kaup, 1848	Fuboca/Veado-fuboca <i>Mazama nemorivaga</i> (Cuvier, 1817)
Curica <i>Gypopsitta caica</i> (Latham, 1790)	Curió <i>Oryzoborus angolensis</i> (Linnaeus, 1766)	Jacu <i>Penelope</i> Schlegel, 1863	Escorpião Scorpiones Koch, 1851	Lambu <i>Crypturellus parvirostris</i> (Linnaeus, 1758)	Mateiro/Veado-mateiro <i>Mazama americana</i> Erxleben, 1777
Cutia <i>Dasyprocta</i> Illiger, 1811	Cutia <i>Dasyprocta</i> Illiger, 1811	Jacamim <i>Psophia viridis</i> (Gmelin, 1789)	Aranha Araneae Clerck, 1757	Juriti <i>Leptotila</i> Swainson, 1837	
Paca <i>Cuniculus paca</i> (Linnaeus, 1766)	Paca <i>Cuniculus paca</i> (Linnaeus, 1766)	Anu-braco <i>Nystalus striolatus</i> (Gmelin, 1788)	Caranguejeira Theraphosidae Thorell, 1869	Pássaros Procellariiformes Reichenbach, 1850	
Mucura <i>Didelphis marsupialis</i> (Linnaeus, 1758)	Porco/Caititu <i>Pecari tajacu</i> (Linnaeus, 1758)	Anu-preto <i>Crotophaga ani</i> (Ord, 1815)	Cobra Serpentes Linnaeus, 1758	Cutia <i>Dasyprocta</i> Illiger, 1811	
Tatu-peba <i>Euphractus sexcinctus</i> (Linnaeus, 1758)	Tatu Dasypodidae Gray, 1821	Anu-azulão/Anu-coroca <i>Crotophaga major</i> Lichtenstein, 1823	Formiga Formicidae Latreille, 1809	Paca <i>Cuniculus paca</i> (Linnaeus, 1766)	
Macaco Primates Linnaeus, 1758	Tatu-peba <i>Euphractus sexcinctus</i> (Linnaeus, 1758)	Cutia <i>Dasyprocta</i> Illiger, 1811	Marimbondo/Vespa Vespidae Laicharting, 1781	Tatu-asa-branca Dasypodidae Gray, 1821	
Capelão <i>Alouatta</i> Lacépède, 1799	Tatu-rabo-de-couro <i>Cabassous tatouay</i> (Desmarest, 1804)	Paca <i>Cuniculus paca</i> (Linnaeus, 1766)	Gafanhoto Orthoptera Olivier, 1789	Tatu-peba/zumbi <i>Euphractus sexcinctus</i> (Linnaeus, 1758)	

Lagarto Squamata Oppel, 1811	Jacaré Alligatoridae Cuvier, 1807	Quati <i>Nasua nasua</i> (Linnaeus, 1766)	Piolho-de-cobra Diplopoda Blainville, 1844	Canastra/Tatu-canastra <i>Priodontes maximus</i> (Kerr, 1792)
Calango Squamata Oppel, 1811	Onça <i>Panthera onca</i> (Linnaeus, 1758)	Queixada <i>Tayassu pecari</i> (Link, 1795)		Porcão-do-mato brabo/Queixada <i>Tayassu pecari</i> (Link, 1795)
Camaleão Squamata Oppel, 1811	Peixe Chordata Haeckel, 1874	Tatu Dasypodidae Gray, 1821		Caititu <i>Pecari tajacu</i> (Linnaeus, 1758)
Cobra Serpentes Linnaeus, 1758		Peludo/Tatu-peba <i>Euphractus sexcinctus</i> (Linnaeus, 1758)		Mateiro/Veado-mateiro <i>Mazama americana</i> (Erxleben, 1777)
Aranha Araneae Clerck, 1757		Tatu-asa-branca Dasypodidae Gray, 1821		Anta <i>Tapirus terrestres</i> (Linnaeus, 1758)
Gafanhoto Orthoptera Olivier, 1789		Tatu-costa-preta Dasypodidae Gray, 1821		Capivara <i>Hydrochoerus hydrochaeris</i> (Linnaeus, 1766)
Piaba Chordata Haeckel, 1874		Macaco-mão-de-ouro <i>Saimiri sciureus</i> (Linnaeus, 1758)		Capelão Alouatta Lacépède, 1799
Traíra Chordata Haeckel, 1874		Macaco prego <i>Sapajus</i> Kerr, 1792		Macaco-de-cheiro <i>Saimiri sciureus</i> (Linnaeus, 1758)
Cará Chordata Haeckel, 1874		Capelão/Macaco-guariba Alouatta Lacépède, 1799		Maracajá <i>Leopardus wiedii</i> (Schinz, 1821)
Surubim Chordata Haeckel, 1874		Mateiro/Veado-mateiro <i>Mazama americana</i> (Erxleben, 1777)		Onça-preta <i>Panthera onca</i> (Linnaeus, 1758)
		Fuboquinha/Veado-fuboca <i>Mazama nemorivaga</i> (Cuvier, 1817)		Onça-pintada <i>Panthera onca</i> (Linnaeus, 1758)
		Anta <i>Tapirus terrestres</i> (Linnaeus, 1758)		Cobra Serpentes Linnaeus, 1758

Capivara <i>Hydrochoerus hydrochaeris</i> (Linnaeus, 1766)	Escorpião Scorpiones Koch, 1851
Cachorro-do- mato/Raposa <i>Cerdocyon thous</i> (Linnaeus, 1766)	Lacraia Scolopendra Linnaeus, 1758
Gato-do-mato <i>Leopardus tigrinus</i> (Schreber, 1775)	Formigão/Tantugira Formicidae Latreille, 1809
Gato-preto <i>Panthera onca</i> (Linnaeus, 1758)	Marimbondo/Vespa Vespidae Laicharting, 1781
Maracajá <i>Leopardus wiedii</i> (Schinz, 1821)	Ganguji-preto Diplopoda Blainville, 1844
Jagatirica <i>Leopardus pardalis</i> (Linnaeus, 1758)	Ganguji-vermelho Diplopoda Blainville, 1844
Onça-pintada <i>Panthera onca</i> (Linnaeus, 1758)	
Onça-parda <i>Puma concolor</i> (Linnaeus, 1771)	
Calango-d'água <i>Basiliscus basiliscus</i> (Linnaeus, 1758)	
Abelha Apidae Latreille, 1802	
Guaxinim <i>Procyon lotor</i> Linnaeus, 1758	

4.3 MUDANÇAS CLIMÁTICAS

As quebradeiras de coco babaçu e alguns de seus familiares foram perguntados acerca do clima, do período de chuva, de verão, se houve alguma mudança desde o tempo em que iniciaram a quebra do coco aos dias atuais, entre outras. As respostas foram unânimes em todos os povoados pesquisados, sempre atribuindo ao desmatamento a causa das mudanças no clima, o que gera para eles grandes transtornos nas roças já que todos são agricultores, ocasionando a perda das espécies e desaparecimento de rios.

Em geral, pelos relatos, o ambiente está mais quente e as chuvas ficaram irregulares, prejudicando a produção agrícola. Ao desmatamento atribui-se a causa dessas mudanças no clima, o que conseqüentemente afeta a sociobiodiversidade. Portanto, nota-se que clima e produção estão relacionados, assim, caso esse processo de devastação florestal não seja revertido, a tendência é o clima alterar-se ainda mais, o que afetará mais ainda a produção nas roças e a produção dos recursos do babaçual - o qual ficará em uma paisagem cada vez mais homogênea, já que todos esses elementos estão interligados.

No povoado São José, município de São Domingos do Araguaia, Francisca e Cledeneuza falam sobre o clima, as mudanças ao longo do tempo e a interferência nas roças:

Francisca: Tá chovendo é muito. Não sei se vai ser pra esse mês, aí vai entrar o mês de maio e a gente não sabe se vai ser chuvoso que nem os outros, porque esse mês tem chovido muito, graças a Deus, Deus tá lembrando pelo menos com chuva. Porque se não chover essa quentura não tem quem quente não.

Francisca: O clima (...) tinha mais sombra.

Cledeneuza: Quando tinha mais árvores aqui por perto era mais fresco, o vento era mais, tinha mais sombra.

Cledeneuza: As casas também mudaram, as casas era coberta de palha era tudo mais fresquinha e hoje é de telha, esquenta mais. E a chuva que ela começava aqui era no mês de outubro. Começava as primeira chuva. Terminava de queimar as roças em agosto, setembro, aí em outubro começa a chuva pra plantar, aí hoje já não dá mais certo, porque como a gente tava falando não tem mais roça porque não tem mais período de plantar.

Francisca: Tem não.

Cledeneuza: Então mês de outubro já não chove mais, já vai chover já no fim de novembro, umas chuvas variada, a mais forte é de janeiro pra cá.

Francisca: E em muitas vezes em janeiro nem chove.

Cledeneuza: É tem ano que nem janeiro chove. Esse ano não. O inverno esse ano tá muito bom. Tem muita chuva. De novembro pra cá vem chovendo bastante.

Cledeneuza: Nem todo mundo mais faz roça mas ainda tem gente que tem terra e dá roça, mas só que não acerta mais. Planta e morre tudo naquele período do inverno.

Francisca: Só tem trabalho de plantar.

Cledeneuza: Quando vai chover, a terra já tá ematada de novo, aí não presta mais pra plantar. Aí quando planta, hoje um planta uma roça, os bichos vem e come tudinho, as curica, os rato, os macaco, come, porque num tem quase roça, onde tem uma então...

Francisca: Se planta um milho, as curica come tudo morrendo de fome. Aí não tem jeito.

Olívia e Maria Helena, também de São José, falam do clima e de suas mudanças:

Maria Helena: O clima aqui quando tá chovendo é muito bom, choveu bastante. Mas quando o sol esquenta, você não pode botar o fucinho fora nem de jeito nenhum, parece que vai rachar o sol.

Olívia: Ontem formou um pedaço de chuva muito bom, não foi? Ontem de tarde.

Maria Helena: Foi. Choveu muito.

Olívia: Mas lá no São Domingos, na hora que eu passei lá tava ventando já pra chover, aí eu vim quando chegou no açaiçal, aí começou a chover lá naquela entrada de lá, aí chegemo aqui perto da vaquejada né, ali nós entramo, choveu muito mermo. Mas dali do Santana não choveu. Tudo seco! Foi só pra nós se moiar. Chegemo todo moiado. Mas foi muita água, mas foi só naquele meinho.

Maria Helena: Pois é e aqui nem pingou.

Olívia: E aqui tá com três dias né que nem chove.

Maria Helena: É.

Sobre a mudança no clima e a possível causa:

Maria Helena: Antes era melhor porque chovia mais, o calor era menos.

Olívia: Mas também eu acho que é por causa da mata né. Naquele tempo tinha muita mata.

Maria Helena: Tinha muita mata e agora não tem mais.

Olívia: Agora não tem mais mata.

Falam sobre os rios e alguns peixes:

Olívia: Rio só no São João né.

Cledeneuza: Rio grande é.

Olívia: Rio grande é.

Cledeneuza: Grota, lagoa tinha aqui próximo, mas já tá tudo seco.

Olívia: É, bem aqui mesmo, que passa bem ali, Ubá, é um córrego que quando chove ele enche que toma tudo. Mas aí o dono da terra aqui, na terra dele né, ele foi e mandou cortar tudo, o açaiçal que tinha ele derrubou tudo pra dentro.

Cledeneuza: Aterrou.

Olívia: Tem lugar que aterrou, tem lugar que entupiu, tem poção de água mas tá entupido. E aí não tem como. É algum lugar que o pessoal ainda pesca naquelas poçazinha, mas tá tudo

entupido. Tinha um açaizal tão bonito, começa bem daí assim e vinha até...a gente tirava açai, dava muito açai. Acabou tudo.

Olívia: Peixe, piaba, essas piabinha que tem, traíra, cará, esses são o peixe que aparece por aqui por esses corregozinho. Agora que tem um rio aqui pra dentro no rumo do Cuxiú, passa o totorizinho né, pra lá já tem outros peixe diferente, pra lá eles pegam até surubim diz que eles pegam pra lá.

No povoado São Benedito, município de São Domingos do Araguaia, Cledeneuza, Edna e Rita também relatam sobre as mudanças ocorridas no clima ao longo do tempo, demarcando o tempo conforme o período de florescimento e frutificação das plantas, bem como as causas dessas mudanças atribuídas ao desmatamento:

Cledeneuza: Antes a chuva era controlada. Chovia seis meses e seis meses não chovia. Aí era o período onde a gente fazia a roça, brocava, derrubava. Primeiro colhia a roça que tava feito do outro ano. Colhia a roça de março até maio, era o último período de colheita, nera.

Edna: Umhum

Cledeneuza: Aí de maio passava junho, julho, aí em julho, agosto fazia outra roça, a nova roça. Aí nesse período aqui de maio até agosto não chovia assim não. Chovia uma chuvinha que a gente chamava a chuva das flores.

Rita: Chuva das mangas.

Cledeneuza: Chuva das mangas que era pra dá flor pro caju, pra manga, pras plantas. Aí dava essas chuvinhas assim, um sereno mais forte, não era chuva, como é que a gente chamava, era garoa, uma chuvinha só mais forte. Aí daí era controlado, quando dava novembro aí sim ia começar a chover mais intenso, porque era a época de plantar, plantava em outubro, as primeiras chuva de fim de setembro e outubro, plantava, aí elas iam dando chuva parcelada, novembro, dezembro até janeiro, fevereiro, aí março suspendia, e o arroz tava maduro e o milho tava seco e a gente ia colher de novo já no período. Era controlado. Depois que tirou as mata ficou diferente, pra mim eu entendi bastante, que agora a chuva não tem controle. Tem vez que a gente faz a roça no período que planta, morre as planta tudinho porque não vem a chuva. Quando a chuva vem é fora do tempo de planta. E assim descontrolou. Os garapé que a gente tinha onde pescar, foram fazendo as derrubada e eles foram secando. Garapé que tu passava de nado, hoje tu passa de pé enxuto.

Edna: É verdade.

Cledeneuza: Aí a diferença, o clima mudou, ficou muito mais seco, ficou mais calor, que nós não tinha esse calor. De agora pra frente todo mundo vai viver assim, morrendo sufocado de calor até o dia que cair uma chuva, e a chuva que cai hoje não é mais como era antes, elas cai um dia passa um mês, passa 15 dia e não é da forma que caia antes. Aí as matas foram se afastando de nós, a chuva também foi mudando, o clima também foi mudando nessa parte aí.

Em 21 de Abril, município de São João do Araguaia, Carmelita, Cledeneuza e Luzia também falam sobre o clima e sua interferência nas atividades do coco:

Carmelita: Pra ajuntar o coco é dependioso é, as forças da gente também é pouca, no inverno assim é ruim pra ajuntar, muito ruim. Como a Cledeneuza falou se botarem de baixo de um barraco ele tá largando, mas depende também do esforço da gente de trazer lá de dentro do mato

pra casa. O que eu quero dizer também que nosso lote, eu mais ele aí, tem bastante coco, falta é ajuntar, por arredor aqui também os morador dá pra gente ajuntar, agora mesmo quando passar a função dessa festa bem aí, nós vamo ver se ajunta uns coco, vamo lá falar com o home, porque lá é quinta, mais arejado, aí a gente vai ajuntar.

Cledeneuza: Nas mata é mais difícil nesse tempo.

Luzia: É. Atola que só.

Gildar e Raimundo também do 21 de Abril falam sobre as mudanças no clima e a causa atribuída à devastação das florestas:

Gildar: O clima mudou! Acho que uns dez anos atrás chovia mais, hoje chove menos, porque de primeiro você andava aqui, nem andava, hoje você anda pra qualquer lado aqui.

Gildar: Hoje a destruição começou mais por causa do motosserra.

Raimundo: Motosserra acaba com tudo.

Gildar: E trator de esteira porque o trator de esteira chega aí acaba 10, 15 alqueiro dentro duma semana, enquanto braçal você fazia 1 mês pra tirar 1 alqueiro, hoje só 1 dia você faz 1 alqueiro no trator, derribando tudo, acabando as vegetação.

Todos acham que o clima mudou:

Raimundo: Mudou muito (o clima). Aqui, quando nós chegamo pra cá em 87, nas primera roça que nós fizemo aqui, nós começava a plantar 28, 29 de setembro. Pronto, aí não morria mais. 28, 29, 30 de setembro chovia, aí a roça já tava queimada, aí se fazia o primeiro plantio. Aí dali pra frente o que se plantava ali não morria, nascia e não morria, ficava constantemente chovendo. Hoje aqui a gente bota a roça, queima, só vamos começar a prantar, só vai começar a chover de outubro, novembro em diante que vai começar a chover, que dá condição de prantar. Então teve uma mudança muito grande sobre o inverno e verão. Por esse tempo (abril), o pessoal, todo mundo já tava terminando de fazer suas colheitas de arroz, já tava no finalzinho, quem plantou arroz ta começando a colher e quando nós chegamo tava terminando e agora tá começando a colher. Então teve uma mudança muito grande.

Raimundo: (Essa mudança) prejudicou muito.

Raimundo: (E no bem estar) também mudou muito.

Em Palestina do Pará, Maria do Jaó relata a mudança no clima também:

Maria: Sim (houve mudança no clima) porque quando eu entrei aqui no Pará, a primeira roça que eu botei mais o meu marido nós começou brocar ela no mês de maio, aí quando foi no mês de setembro nós já tava era plantando a roça, quando foi no mês de março nós já tava colhendo o arroz. Chovia direto, aqui no Pará era, quando eu entrei, que eu entrei pra cá em 79, quando eu entrei no Pará pra morar. E aí a gente colhia o legume mais cedo. Plantava mais cedo e colhia mais cedo também. E aí era assim, chovia muito, chovia bastante. Hoje não, chove ainda mas não é igual quando eu entrei aqui pro Pará. Aqui no Pará tinha muita chuva, tinha muito legume, ainda tinha muita coisa que a gente aproveitava ainda bem, agora hoje, minha irmã de Deus, muitas coisa que a gente não dá de aproveitar mais porque não tem mesmo, uma que não tem. Porque depois que começou entrar esses fazendeiro, entrou essas mineirada, aí ó, destioraram tudo, agora é só capim mesmo, até cocal acho que já acabaram de derribar tudo porque faz tempo que eu não ando na mata.

Sobre rios e seu desaparecimento associado a falta de matas:

Maria: Tem (rios). Tem o rio aqui, tem a beira do rio. Acho que ainda tem umas matinha mesmo só abeirando mesmo os rio. Tem ribeirão que entra mesmo no rio, e tem grotinha e tem grotas pra tudo que é lado. (Mudanças) Nas grotas porque a água mesmo é mais só de inverno, no verão seca tudo porque o que fazia elas segurar água era a mata e essa não existe mais, o povo tão acabando de destiorar tudo, é palmeira, é pau, é tudo. Aí não tem, aí a água vai indo embora. Pra mim tudo é mudança porque quando eu cheguei aqui não tinha nada disso.

No povoado Itamerim, município de Brejo Grande do Araguaia, Filomena, Raimunda, Francisca Rita e Jucilene falam sobre as mudanças no clima, na vegetação e problemas para as plantações nas roças:

Filomena: Tem tempo que o inverno é bom, outros tempo o inverno é fraco. Esse ano até que o inverno tem sido bom, mas tem outras época que o inverno é fraco.

Raimunda: Antes o tempo era mais chuvoso, agora é mais o verão né. (...) Na roça prejudica porque muitas vezes as coisa não dá, a gente planta, às vezes começa ficar bonito, aí depois com o passar do tempo, no verão, aí seca e morre, a gente coleta muito pouco quando é assim o plantio. Agora pra parte da coleta do coco no verão, no seco, é melhor pra gente do que no molhado porque no molhado dá muito bicho né entocado nas cascas das plantas.

Sobre rios e vegetação:

Francisca Rita: Só tem o espinhel pra cá onde vocês vão passar, é um riachinho. (...) A água ela precisa muito da mata né, muito da mata, aí o povo derruba muito, aí a tendência da água é ela baixar mais, é secar porque seca muito porque os povo desmata muito as beirada dos córrego, aí a tendência dela é secar.

Sobre diminuição de palmeiras e interferência nos rios:

Francisca Rita: Diminuiu muito, bastante, antes tinha mais, o povo derruba muito.

Francisca Rita: Acho que sim porque transfere muitas coisa.

Sobre mudanças no clima:

Jucilene: Ah, muito. Muito porque antes era mais chuvoso, o tempo era mais bonito por causa das mata, hoje não tem mais mata, hoje as mata já acabaram com tudo.

Francisca Rita: Destruíram tudo.

Jucilene: (...) Destruíram, derrubaram. Hoje o que a gente vê é só pasto, palmeira é muito pouco porque o povo acabaram com tudo, aí assim vai só afastando as chuva.

Francisca Rita: Daqui uns dia nem coco mais tem.

Jucilene: Porque chuva gosta de mato, das palmeira, e aí derrubaram tudo e as chuva vai se afastando também e o tempo vai ficando cada vez mais quente.

Interferência nas roças:

Jucilene: Muito. Aqui nessa redondeza aqui perto ninguém não coloca mais roça de arroz porque se planta não dá porque acaba com tudo, esse ano até que a chuva foi boa, mas ano passado a chuva foi muito pouca. Os córrego não encheu, as represa não encheu. Esse ano que as represa já encheram. E aí hoje o povo não querem mais botar roça também não, o povo só querem prantar é capim, só querem mexer é com coisa fácil.

Interferência das fazendas:

Jucilene: Muito, muito porque antes aqui tudo era mata, hoje aqui tá tudo é de pasto. Antes tinha onde a gente plantar alguma coisa, plantava um arroz, um feijão, um milho, uma fava. Hoje num tem porque é tudo capim, o povo num querem plantar mais nada, querem plantar só capim, aí cada vez vai ficando mais difícil né. Já pensou a gente morar na roça e não ter o que comer, olhar pro lado, olhar pro outro e ver só capim, num planta um pé de arroz, num planta um pé mandioca, só querem plantar capim, os pequeno agora querem competir com os grande.

Francisca Rita: Verdade.

No povoado Santa Rita, município de Brejo Grande do Araguaia, Cileide fala sobre os rios existentes e suas mudanças, a mudança no clima e problemas para a coleta:

Cileide: Tem o Espinhel, tem a Sapucaia e tem o rio Araguaia que passa aqui perto.

Cileide: (Mudança nos rios) Eu acho que sim porque duns tempão pra cá, eu acho que o rio secou muito né, que as grotinha, tinha várias grotta e agora as grotta ficou mais pouca, diminuiu mais, às vezes nós passava assim, aqui tinha uma perna de grotta quando a gente passava, e agora no inverno, pelo inverno tudo secou, um bocado.

Cileide: Eu acho que tá mais quente o tempo. Esse inverno foi bom mas teve uns inverno aí atrás que foi muito ruim. Esse inverno foi bom agora deu pra gente conseguir plantar né o milho, a mandioca.

Sobre prejuízos para a coleta do babaçu:

Cileide: Prejudica assim, porque a quentura é enorme né, e a gente quando o sol tá muito quente nós não consegue ir lá pro mato coletar, só com o sol mais frio, ou pega de manhã ou vai de tardezinha porque o tempo é muito quente.

Logo, nota-se a percepção das quebradeiras de coco babaçu em relação ao clima e suas mudanças, atribuindo sua causa à diminuição de florestas e desmatamentos desenfreados. Esse resultado condiz com dados do TerraClass (INPE, 2014) sobre o levantamento de áreas de floresta e desmatamento nos últimos dez anos como indicam os gráficos seguintes com dados para os municípios de estudo.

O gráfico em seguida apresenta dados para a quantidade de florestas nos últimos dez anos, indicando perda florestal, sendo que São Domingos do Araguaia e Palestina do Pará são os municípios que aprestam menos área de floresta em relação aos municípios São João do Araguaia e Brejo Grande do Araguaia (Figura 45).

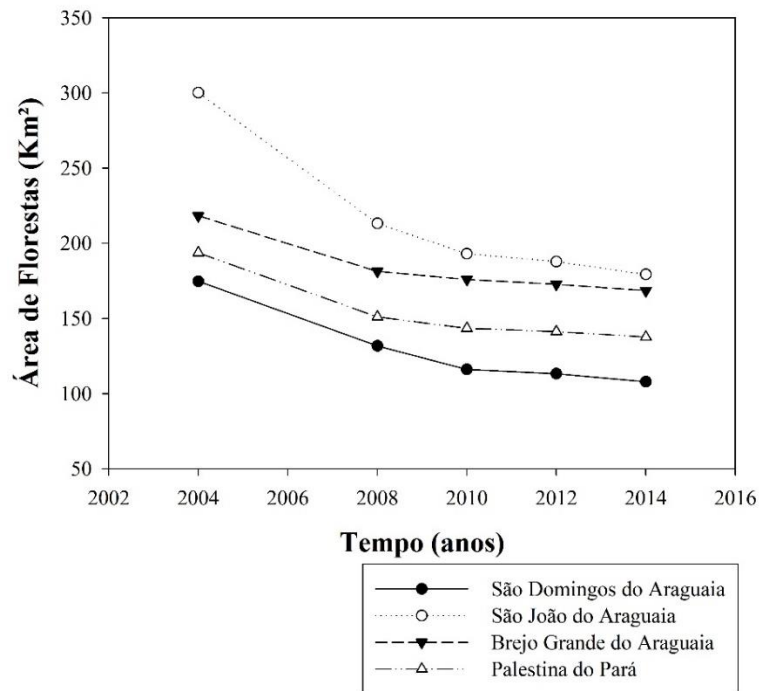


Figura 45: Área de florestas nos municípios de estudo (São Domingos do Araguaia, São João do Araguaia, Brejo Grande do Araguaia e Palestina do Pará) no período de 2004 a 2014. Fonte: Terraclass/INPE (2014).

Já o segundo gráfico, sobre desmatamento, indica que ao longo dos dez anos houve diminuição do desmatamento, embora tenha ocorrido ainda com taxas anuais altas, condizendo com o primeiro gráfico que indica perda florestal. Entretanto, o que também chama atenção nesse gráfico é que a partir de 2012 houve aumento do desmatamento revertendo a situação de diminuição que ocorria há quase uma década (Figura 46). Essa informação corrobora com os relatos das quebradeiras de coco babaçu, indicando o quanto percebem o ambiente em que estão inseridas, ou seja, os territórios de babaçuais.

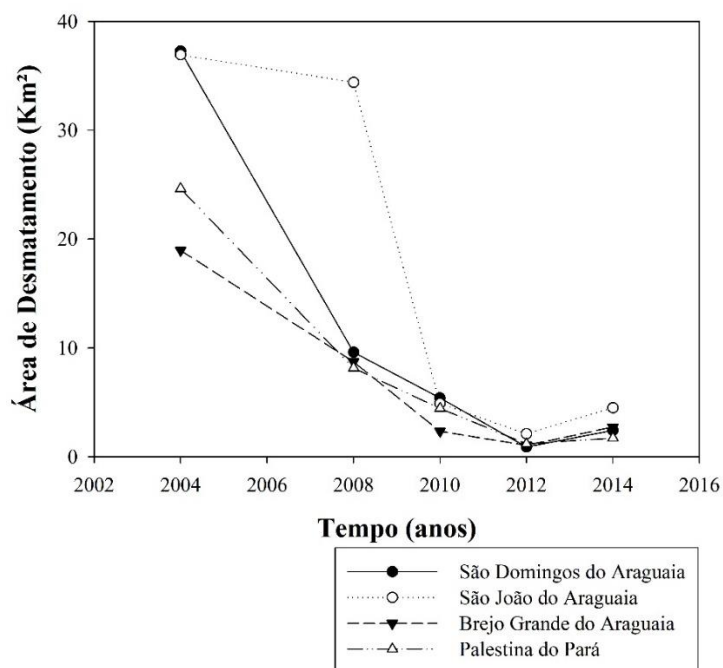


Figura 46: Área de desmatamento nos municípios de estudo (São Domingos do Araguaia, São João do Araguaia, Brejo Grande do Araguaia e Palestina do Pará) no período de 2004 a 2014. Fonte: TerraClass/INPE (2014).

O desmatamento faz parte da pauta de luta das quebradeiras (Figura 47) e a maioria das quebradeiras relata que antigamente o babaçal encontrava-se na mata, sendo esta comum e não sendo problema para o babaçu, pois praticam a técnica do raleamento, sendo possível os babaçus em meio à floresta.



Figura 47: Cartaz da campanha contra o desmatamento do Movimento Interestadual das Quebradeiras de Coco Babaçu (MIQCB).

Aliás, as palmeiras são fundamentais para o aumento da diversidade de espécies das florestas, aumentando a quantidade de recursos naturais para a sociodiversidade. As palmeiras

possuem importância ecológica para a sucessão florestal, pois além de atraírem inúmeros animais dispersores de sementes, facilitam o estabelecimento de espécies de ambientes mais sombreados (florestados), além de servirem como suporte para outras plantas, como cipós.

Comunidades tradicionais constituem sujeitos políticos diversos relacionados à diversidade de usos, e as palmeiras de babaçu contribuem para aumentar a diversidade ecológica dos ambientes. Nesse sentido, o babaçual é um ecossistema promotor da diversidade biológica e da sociodiversidade, merecendo especial atenção.

Por fim, uma das formas de resistência das quebradeiras de coco babaçu é a cantoria em que através das letras de suas músicas denunciam as injustiças sociais e ambientais. Como na letra da Oração da palmeira declamada por Luzia de São João do Araguaia após o canto de Cledeneuza de São Domingos do Araguaia “Quebra coco, nega (...)/Quebra coco, nega (...)”:

“Ave palmeira que sofre desgraça

Maldito é aquele que derruba e devassa

Bendito seja teu o fruto que serve de alimento

O leite da terra ainda dá o sustento

Mãe brasileira, mãe verdadeira

Em sua hora rogue por todas as quebradeiras”

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através dos resultados obtidos nessa pesquisa, longe de se chegar a uma única conclusão, observou-se que há uma conexão entre as quebradeiras de coco babaçu e as florestas de babaçuais, sendo estas compostas por rica biodiversidade. Observou-se também que as quebradeiras são apreciadoras de espécies vegetais, tendo em suas casas diversidade significativa o que inclui desde plantas alimentícias à plantas para uso doméstico, e possuem conhecimentos sobre plantas medicinais, tendo sempre em seus quintais uma farmácia natural.

Além de serem quebradeiras de coco, desenvolvem diversas atividades também, sendo extrativistas, artesãs, entre outras, mas a maioria é agricultora, o que as tornam sensíveis quanto ao conhecimento dos elementos do clima. Possuem laços de cooperação e irmandade junto às companheiras em que a demonstração se faz pela preocupação umas com as outras, inclusive com a saúde, também são mães zelosas e preocupadas com o bem-estar e futuro de suas famílias.

As quebradeiras de coco babaçu do sudeste do Pará demonstraram preocupação com o futuro da atividade, já que a maioria das mulheres é idosa apresentando saúde debilitada e as mulheres mais jovens não se interessam pela atividade do babaçu cunhada tradicionalmente de geração a geração. Além disso, há o problema relacionado com o acesso ao babaçu, já que os babaçuais vêm se tornando distantes de suas casas compondo áreas de fazendas em uma paisagem cada vez mais homogênea, o que somado ao desmatamento desenfreado na Amazônia agrava ainda mais a situação.

Apesar de avanços como a Lei do Babaçu Livre, a falta de efetividade dessa lei põe em risco a sobrevivência das quebradeiras de coco e suas famílias, havendo a necessidade de sua efetividade nos municípios que já existe e surgimento em outros municípios onde insere-se a região ecológica dos babaçuais. Além de uma lei em âmbito nacional, o que garantiria uma efetividade maior, e também o surgimento de outros instrumentos de gestão como a criação de reservas extrativistas para essas comunidades.

O presente estudo evidencia, de forma especial, a importância de comunidades tradicionais para a Amazônia, a exemplo das quebradeiras de coco babaçu, por apresentarem práticas de acordo com um sistema em equilíbrio, entre outros. O presente trabalho de pesquisa mostra-se de grande relevância também por abranger as quebradeiras de coco babaçu do Pará, já que a maioria dos estudos refere-se às quebradeiras do Maranhão, ampliando-se a visão para os territórios dessas comunidades.

Elaborei a hipótese de que a existência de pluralidade sociocultural e ambiental resulta em existência de diversidade de recursos naturais. As diferentes atividades produtivas executadas por comunidades tradicionais, especificamente nas atividades das quebradeiras de coco babaçu,

são acompanhadas de diversidade de uso dos recursos, o que leva a acreditar que em seus territórios haja alta riqueza e diversidade de espécies. Isto foi perceptível nas falas em que as quebradeiras demonstram relevante conhecimento sobre a biodiversidade, informando inclusive as espécies que existiam outrora. Embora ainda haja considerável variedade de espécies, a quantidade vem diminuindo ao longo do tempo, sugerindo diminuição na riqueza de espécies. Entretanto, estudos futuros são necessários para aferir melhor a biodiversidade nos povoados de estudo.

A conexão entre quebradeiras e a biodiversidade das florestas de babaçu foi apreendida e aprofundada por estratégias que no plano teórico-metodológico favoreceram destacar formas diferenciadas, que partem de experiências, modos de existência, modos de organização política, modos de resistência. Assim, foi perceptível a importância dessas florestas não somente no âmbito dos serviços ecossistêmicos, mas também para a segurança alimentar, reprodução simbólica e formas de autonomia nessas comunidades.

Nesse sentido, os territórios das quebradeiras de coco babaçu apresentam-se como ambientes de subsistência, trabalho e produção em relações simbólicas e de pertencimento, o que ultrapassa barreiras fronteiriças, cujos modos de criar, fazer e viver estão integrados nesses territórios através da percepção de livre acesso e uso comum dos recursos. Entretanto, essas relações com o seu território vêm sendo abaladas consideravelmente a partir da entrada de sujeitos sociais altamente antagonistas aos modos de criar, fazer e viver das quebradeiras.

Essa situação entra em desacordo com alguns instrumentos importantes como a Convenção 169 da OIT, como a ECO-92, como a Convenção sobre Diversidade Biológica (CDB) as quais defendem em linhas gerais o respeito e autonomia dos povos e comunidades tradicionais, através da diversidade biológica e cultural, sendo estas de suma importância para a existência de uma vida socialmente justa em um ambiente sadio e equilibrado.

Portanto, entra em total desacordo também com o artigo 225 da CF/88 o qual afirma que “Todos têm direito ao meio ambiente ecologicamente equilibrado, bem de uso comum do povo e essencial à sadia qualidade de vida, impondo-se ao poder público e à coletividade o dever de defendê-lo e preservá-lo para as presentes e futuras gerações”, o que incube ao poder público a sua efetivação, contudo nota-se a ausência deste para tal em que a demonstração se faz pelo descaso com os povos e comunidades tradicionais, a exemplo dos territórios das quebradeiras de coco babaçu.

As quebradeiras no sul e sudeste do Pará, semelhantes às situações sociais enfrentadas no Maranhão, elaboram mecanismos para frear a devastação dos babaçuais, sejam esses através de músicas como o grupo das Encantadeiras ou através de organizações como as cooperativas.

Além disso, através da capacitação de lideranças e participação das quebradeiras em Projetos de pesquisa, Encontros, Reuniões, Movimentos, Associações, Sindicatos, grandes eventos como a “Marcha das Margaridas”, entre outros, os quais contribuem para o combate à perda dos babaquais.

É importante ressaltar que o movimento das quebradeiras é muito mais amplo do que a reivindicação pelo acesso à terra somente, englobando a luta pela preservação das palmeiras, políticas voltadas para o extrativismo, livre acesso aos babaquais, igualdade de gênero e étnico-racial, entre outros, através de direitos socioambientais pautados na diversidade biológica e cultural, sob a perspectiva dos “novos direitos” conforme Santilli (2015).

As rodas de conversa constituíram formas de produzir e compreender o pensamento e agir das quebradeiras, pois ao mesmo tempo em que destacam problemas como concentração e perda das florestas de babaçu identificam os sujeitos responsáveis, enunciam as condições de possibilidades de alterar a tendência à diminuição das espécies e até de reduzir os efeitos das mudanças climáticas. As florestas de babaçu além de conservar a biodiversidade permitem reduzir a erosão dos solos, o aumento da temperatura e a perda de recursos hídricos.

Nesse sentido, no âmbito dos “novos direitos” abordados por Santilli (2015), urge a necessidade de uma nova concepção para esses territórios, pois é nítido que a palmeira de babaçu e toda arquitetura do babaçal possuem significados diversos para essas comunidades, perpassando pelo significado de terra. Assim, percebe-se que há uma relativização das fronteiras nesses territórios, pois compartilham muitas semelhanças, apesar da divisão geográfica ser diferente. Portanto, nota-se um ordenamento de vida pelas quebradeiras de coco babaçu.

Esse ordenamento de vida foi perceptível especialmente através das metodologias dos relatos e dos desenhos. Estes chegando a ser um tipo de diagnóstico ambiental pelo qual foram apreendidas mudanças na sociobiodiversidade em um embate ao longo do tempo entre diversidade e homogeneização da paisagem socioambiental, verificando-se o avanço desta última. Nessas metodologias, foi perceptível também a relação entre cultura e trabalho através da conexão existente entre o trabalho no babaçal e a diversidade.

Portanto, através do levantamento das espécies de flora e fauna com a constatação de perda das espécies associada à percepção de mudanças climáticas e aumento do desmatamento nas localidades, o presente estudo torna-se uma ferramenta de denúncia e alerta para a degradação que vem ocorrendo nessas áreas, territórios das quebradeiras de coco babaçu, ocasionando também mudanças profundas nessas comunidades. Assim, a presente pesquisa contribui para a gestão de áreas amazônicas e contribui também para a autogestão dos povos e comunidades tradicionais no âmbito do etnodesenvolvimento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, A. W. B. **Universalização e localismo: Movimentos sociais e crise dos padrões tradicionais de relação política na Amazônia.** CESE Debate, n3, AnoIV, 1994. In: Quilombos e as novas etnias. UEA Edições, 2011. 196p. Disponível em: <file:///C:/Users/Bio/Downloads/quilombos-novas-etnias.pdf>. Acesso em: 14 de dezembro de 2016.
- _____. **Quebradeiras de Coco Babaçu: Identidade e Mobilização.** III Encontro Interestadual das Quebradeiras de Coco Babaçu, São Luís, 1995, 183p.
- _____. Terras tradicionalmente ocupadas - Processos de territorialização e movimentos sociais. **Revista Estudos Urbanos e Regionais**, v6, n1: Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional, 2004.
- _____. **Terra de quilombo, terras indígenas, “babaçuais livre”, “castanhais do povo”, faixinais e fundos de pasto: terras tradicionalmente ocupadas.** Manaus: PGSCA–UFAM, 2ªed, 2008. 192p. Disponível em: <file:///C:/Users/Bio/Downloads/Terras-Tradicionalmente-Ocupadas%20(1).pdf>. Acesso em: 10 de novembro de 2016.
- ARAÚJO, F.R.; GONZÁLEZ-PÉREZ, S.E.; LOPES, M.A.; VIÉGAS, I.J.M. Ethnobotany of babassu palm (*Attalea speciosa* Mart.) in the Tucuruí Lake Protected Areas Mosaic - eastern Amazon. **Acta Botanica Brasilica**, v30, n2, p193-204, 2016.
- AYRES JÚNIOR, J.C. **A organização das quebradeiras de coco babaçu e a refuncionalização de um espaço regional na microrregião do Médio Mearim maranhense.** Dissertação (Mestrado em Geografia). 2007. 176f. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis/SC, 2007.
- BARBOSA, V.O. **Mulheres de fibra na luta por direitos sociais.** III Jornada Internacional de Políticas Públicas- Questão social e desenvolvimento no século XXI. São Luís – MA, 28 a 30 de agosto, 2007.
- _____. **Histórias de trabalhadores rurais no Maranhão: Gênero, Identidades e Mobilização.** XIX Encontro Regional de História: Poder, Violência e Exclusão. ANPUH/SP – USP, 08 a 12 de setembro de 2008.
- _____. **Mulheres do babaçu: gênero, materialismo e movimentos sociais no Maranhão.** Tese (Doutorado em História). 2013. 267f. Universidade Federal Fluminense, Niterói/RJ, 2013.
- BARTELS, A. **Guia de plantas tropicais: plantas ornamentais, plantas úteis, frutos exóticos.** Rio de Janeiro: Editora Lexikon, 2007, 379p.
- BITTENCOURT, L. A fotografia como instrumento etnográfico. **Anuário Antropológico/92.** Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, p.225-241, 1994.
- BRASIL. Constituição Federal (1988). Decreto n. 2.519, de 16 de março de 1998. Promulga a Convenção sobre Diversidade Biológica, assinada no Rio de Janeiro, em 5 de junho de 1992. **Legislação Brasileira sobre Meio Ambiente: Biodiversidade.** Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2015.
- _____. Lei n. 9.985, de 18 de julho de 2000. Regulamenta o art. 225, § 1º, incisos I, II, III e VII da Constituição Federal, institui o Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza e dá outras providências. **Legislação Brasileira sobre Meio Ambiente: Biodiversidade.** Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2015.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Censo 2010. In: Governo do Estado do Pará. **Programa Municípios Verdes, Brejo Grande do Araguaia**. Disponível em: <http://www.municipiosverdes.pa.gov.br/ficha_resumo/1501758>. Acesso em: 11 de junho de 2017.

_____. In: Governo do Estado do Pará. **Programa Municípios Verdes, Palestina do Pará**. Disponível em: <http://www.municipiosverdes.pa.gov.br/ficha_resumo/1505494>. Acesso em: 11 de junho de 2017.

_____. In: Governo do Estado do Pará. **Programa Municípios Verdes, São Domingos do Araguaia**. Disponível em: <http://www.municipiosverdes.pa.gov.br/ficha_resumo/1507151>. Acesso em: 11 de junho de 2017.

_____. In: Governo do Estado do Pará. **Programa Municípios Verdes, São João do Araguaia**. Disponível em: <http://www.municipiosverdes.pa.gov.br/ficha_resumo/1507508>. Acesso em: 11 de junho de 2017.

_____. **Saúde, Censo 2010 e Educação, Censo 2015**. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/v4/brasil/pa>>. Acesso em: 25 de julho de 2017.

BRASIL. Instituto Nacional de Meteorologia (INMET). **Dados pluviométricos 2016**. Disponível em: <<http://www.inmet.gov.br/portal/index.php?r=clima/page&page=desvioChuvaAnual>>. Acesso em: 12 de junho de 2017.

BRASIL. Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE). **Projeto TerraClass**. Disponível em: <http://www.inpe.br/cra/projetos_pesquisas/arquivos/TerraClass_2014_v3.pdf>. Acesso em 13 de março de 2017.

BRASIL. Instituto Socioambiental (ISA). Área protegidas. 2012. In: Governo do Estado do Pará. **Programa Municípios Verdes, Brejo Grande do Araguaia**. Disponível em: <http://www.municipiosverdes.pa.gov.br/ficha_resumo/1501758>. Acesso em: 11 de junho de 2017.

_____. In: Governo do Estado do Pará. **Programa Municípios Verdes, Palestina do Pará**. Disponível em: <http://www.municipiosverdes.pa.gov.br/ficha_resumo/1505494>. Acesso em: 11 de junho de 2017.

_____. In: Governo do Estado do Pará. **Programa Municípios Verdes, São Domingos do Araguaia**. Disponível em: <http://www.municipiosverdes.pa.gov.br/ficha_resumo/1507151>. Acesso em: 11 de junho de 2017.

_____. Área protegidas. 2012. In: Governo do Estado do Pará. **Programa Municípios Verdes, São João do Araguaia**. Disponível em: <http://www.municipiosverdes.pa.gov.br/ficha_resumo/1507508>. Acesso em: 11 de junho de 2017.

CARNEIRO DA CUNHA, M.; ALMEIDA, M.W.B. Indigenous People, Traditional People, and Conservation in the Amazon. Daedalus. **Journal of the American Academy of Arts and Sciences**, v.129, n.2, p315-338, 2000.

CARRAZZA, L.R.; ÁVILA, J.C.C.; SILVA, M.L. **Manual Tecnológico-Aproveitamento integral do fruto e da folha do babaçu**. Brasília – DF. Instituto Sociedade, População e Natureza. Brasil, 68p, 2012.

CHAZDON, R. L.; LETCHER, S.G.; VAN BREUGEL, M. Rates of change in tree communities of secondary Neotropical forests following major disturbances. **Phil. Trans. R. Soc.**, v.362, p273-289, 2007.

CHAZDON, R. L. Regeneração de florestas tropicais. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, Ciências Naturais**, v.7, n.3, p.195-218, 2012.

DALLE, S. P.; PULIDO, M. T.; BLOIS, S. Balancing shifting cultivation and forest conservation: lessons from a “sustainable landscape” in southeastern Mexico. **Ecological Applications**, v.21, n.5, p.1557-1572, 2011.

DIEGUES, A. C. **O mito moderno da natureza intocada**. 3ª edição São Paulo: HUCITEC, 2001. Disponível em: < <https://raizesefrutos.files.wordpress.com/2009/09/diegues-o-mito-moderno-da-natureza-intocada.pdf>>. Acesso em: 09 de setembro de 2016.

DUNN, R. R. Recovery of faunal communities during tropical forest regeneration. **Conservation Biology**, v.18, n.2, p.302-309, 2004.

FAUNA DO BRASIL. **Catálogo Taxonômico da Fauna do Brasil**. Disponível em: <<http://fauna.jbrj.gov.br/fauna/listaBrasil/ConsultaPublicaUC/ResultadoDaConsultaNovaConsulta.do>>. Acesso em: 10 de junho de 2017.

FEARNSIDE, P. M. The Roles and Movements of Actors in the Deforestation of Brazilian Amazonia. **Ecology and Society**, v.13, n.1, p.1-22, 2008.

_____. Environment: Deforestation soars in the Amazon. **Nature**, v521, p423-43, 2015.

FLORA DO BRASIL. **Flora do Brasil 2020**. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em:<<http://floradobrasil.jbrj.gov.br/reflora/listaBrasil/PrincipalUC/PrincipalUC.do#CondicaoTaxonCP>>. Acesso em: 02 de julho de 2017.

FRANÇA, G.B.; PEREZ, J.C.; ISAGUIRRE, K.R.; BARBOSA, L.C.B.G. Gênero e território: a participação das mulheres nas práticas de sustentabilidade e a afirmação da territorialidade enquanto elemento de cidadania. **Cadernos da Escola de Direito e Relações Internacionais**, Curitiba, v3, n16, p294-306, 2015.

GARDNER, T.; FERREIRA, J.; BARLOW, J.; LEES, A.C. A social and ecological assessment of tropical land uses at multiple scales: the Sustainable Amazon Network. **Phil. Trans. R. Soc.**, n368, 2013.

GODOY, A.S. Uma revisão histórica dos principais autores e obras que refletem esta metodologia de pesquisa em Ciências Sociais. **Revista de Administração de Empresas São Paulo**, v35, n2, p57-63, 1995.

GONZÁLEZ-PÉREZ, S.E.; COELHO-FERREIRA, M.; ROBERT, P.; GARCÉS, C.L.L. Conhecimento e usos do babaçu (*Attalea speciosa* Mart.e *Attalea eichleri* (Drude) A. J. Hend.) entre os Mebêngôkre-Kayapó da Terra Indígena Las Casas, estado do Pará, Brasil. **Acta Botanica Brasilica**, v26, n2, p295-308, 2012.

HENNING, A.C.; SILVA, M.A.D.; COLAÇO, T.L. Estatuto do pertencimento brasileiro: identificando mentalidades e representações em práticas contemporâneas. **Revista Jurídica Cesumar** jul./dez., v15, n2, p539-563, 2015.

JAKOVAC, C. C.; PENA-CLAROS, M.; KUYPER, T.W.; BONGERS, F. Loss of secondary-forest resilience by land-use intensification in the Amazon. **Journal of Ecology**, v103, p67-77, 2015.

- KÖPPEN, W. Das geographische System der Klimate. Gebr. **Borntraeger**, 1936, 44p.
- LAWRENCE, D.; SUMA, V.; MOGEA, J. P. Change in species composition with repeated shifting cultivation: limited role of soil nutrients. **Ecological applications**, v15, n6, p1952-1967, 2005.
- LEFF, E. **Aventuras da Epistemologia Ambiental. Da articulação das Ciências ao diálogo de saberes**. São Paulo: Editora Cortez, 2012, 132p.
- LINHARES, A.S. **Quebradeiras de Coco Babaçu: (re)construindo identidades e protagonizando suas histórias na microrregião do Médio Mearim, Estado do Maranhão**. Dissertação (Mestrado em Agricultras Amazônicas). 2016. 268f. Universidade Federal do Pará, Belém/PA, 2016.
- LOIZOS, Peter. **Vídeo, filme e fotografias como documentos de pesquisa**. In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George (Org) Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático. Petrópolis: Vozes, p137-155, 2003.
- MALHI, Y.; ROBERTS, T.; BETTS, R.A.; KILLEEN, T.J.; LI, W.; NOBRE, C.A. Climate change, deforestation and the fate of the Amazon. **Science**, 319, p169–172, 2008.
- MASSOCA, P.E.S. JAKOVAC, A.C.C.; BENTOS, T.V. Dinâmica e trajetórias da sucessão secundária na Amazônia central. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, Ciências Naturais**, v7, n3, p235-250, 2012.
- MAURENTE, V.; TITTONI, J. Imagens como estratégia metodológica em pesquisa: A fotocomposição e outros caminhos possíveis. **Psicologia & Sociedade**, 19 (3): 33-38, 2007.
- MITJA, D. **III Seminário Internacional sobre a gestão sustentável da palmeira babaçu. Tema: Ecologia, sensoriamento remoto e manejo de palmeiras na Amazônia**. Comunicação oral. Universidade Federal Rural da Amazônia, 20 e 21 de junho de 2017.
- MOREIRA, D. A. O método fenomenológico na pesquisa. São Paulo: Thomson Pioneira, 2002, 161p.
- MOREIRA, E.S.; HÉBETTE, J. **Metamorfose de campesinato nos Baixos Amazonas e baixo Xingu paraenses**. In: GODOI, Emília Pietrafesa de; MENEZES, Marilda Aparecida de; MARIN, Rosa Acevedo (orgs.). Diversidade do campesinato: expressões e categorias: construções identitárias e sociabilidades. São Paulo: UNESP, 2009. Disponível em: <<http://www.iicabr.iica.org.br/wp-content/uploads/2014/03/Diversidade-do-campesinato-vol1.pdf>>. Acesso em 15 de novembro de 2016.
- NEPSTAD, D.; MCGRATH, D.; STICKLER, C. Slowing Amazon deforestation through public policy and interventions in beef and soy supply chains. **Science**, v.344, p.1118-1123, 2014.
- NEVES, E.G. O velho e o novo na arqueologia amazônica. **Revista USP**, São Paulo, n.44, p.86-111, 2000.
- NIVÓN, E. **As políticas culturais e os novos desafios. O patrimônio imaterial na estruturação das novas políticas culturais**. In: NIVÓN, Eduardo (Org.). Políticas Culturais: teoria e práxis. Rio de Janeiro: Fundação Casa Rui Barbosa, 2011. Disponível em: <<http://d3nv1jy4u7zmsc.cloudfront.net/wp-content/uploads/2013/04/Politica-Culturais-Teoria-e-Praxis.pdf>>. Acesso em: 13 de novembro de 2016.

NOVAES, J. S. **Colóquio de Economia/UFGA**. Comunicação oral. Palestra sobre a “Cartografia social dos babaçuais: mapeamento social da região ecológica do babaçu”, em 9 de novembro de 2016.

NOVAES, J.S.; ARAÚJO, H.F.A. 2016. Cartografia social na região ecológica do babaçu: estratégias de quebradeiras de coco e processos sociais atinentes aos babaçuais. **R. Pol. Públ.** São Luís, Número Especial, p. 179-188, 2016.

PEIXOTO, R.C.D. Memória, verdade e justiça: reconhecendo abusos do passado e do presente no Bico do Papagaio. **Novos Cadernos NAEA**, v16, n2, p225-253, 2013.

PERES, C.A.; GARDNER, T.A.; BARLOW, J.; ZUANON, J.; MICHALSKI, F.; LEES, A.C.; VIERIA, I.C.G.; MOREIRA, F.M.S.; FEELEY, K.J. Biodiversity conservation in human-modified Amazonian forest landscapes. **Biological Conservation**, 143, p2314–2327, 2010.

PINHEIRO, E.M.; KAKEHASHI, T.Y.; ANGELO, M. O uso de filmagem em pesquisas qualitativas. **Revista Latino-americana de Enfermagem**, setembro-outubro, 13(5):717-22, 2005.

PIZZIO, A.; CECCHIN, H.F.G. O Movimento Interestadual das Quebradeiras de Coco Babaçu na região do Bico do Papagaio: reflexões sobre justiça social. **Revista Brasileira De Desenvolvimento Regional**, v3, n2, p111-133, 2015.

PNCSA. **Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia, Website**. Disponível em: <<http://novacartografiasocial.com/>>. Acesso em: 20 de junho de 2017.

_____. **Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia, Fascículo 5**. Universidade do Estado do Amazonas (UEA). Fascículo 5: Quebradeiras de coco babaçu e agroextrativistas – Sudeste do Pará, 2014.

_____. **Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia, Informativo PNCSA Nº 14 Quebradeiras de coco babaçu na V Marcha das Margaridas**. Jurandir Santos de Novaes, Helciane de Fátima Abreu Araújo, Carmen Lúcia Silva Lima, Poliana Nascimento Souza, Benjamin Alvino de Mesquita e Luis Augusto Alves Lima. 2015.

_____. **Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia, Biografia Cledeneuza**. Cledeneuza Maria Bizerra Oliveira. Sou filha de quebradeira de coco. Rio de Janeiro: Casa 8, 2017, 156p.

POORTER, L.; BONGERS, F.; AIDE, T. et al. Biomass resilience of Neotropical secondary forests. **Nature**, v.530, p.211-214, 2016.

PORRO, N.M.; MENASCHE, R. SHIRAISHI NETO, J. Babaçu livre e queijo serrano: histórias de resistência à legalização da violação a conhecimentos tradicionais. **Horizontes Antropológicos**, n41, p267-301, 2014.

RÊGO, J. L; ANDRADE, M. P. História de mulheres: breve comentário sobre o território e a identidade das quebradeiras de coco babaçu no Maranhão. **Agrária**, n3, p47-57, 2006.

RICHARDSON, S.A.; DOHRENWEND, B.S.; KLEIN, D. Interviewing: Its forms and functions. New York: Basic books, 1965.

ROCHA, A.E.S.; OLIVEIRA, J.; ZOGHBI, M.G.B.; BASTOS, M.N.C.; FERREIRA, M.R.C.; JARDIM, M.A.G. **Catálogo da flora da Reserva Extrativista Chocoaré-Mato Grosso**, Santarém Novo-Pará. Belém: MPEG, 2009, 140p.

ROCHA, M.R.T. **A rede sociotécnica do babaçu no Bico do Paagaio-To: Dinâmicas da relação sociedade-natureza e estratégias de reprodução social agroextrativista.** Tese (Doutorado em Desenvolvimento Rural). 2011. 252f. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre/RS, 2011.

ROMANO, L. P. L. **O Papel relativo da configuração da paisagem, fatores naturais e manejo da terra na estrutura e diversidade de florestas secundárias no leste da Amazônia.** 2016. 87f. Dissertação (Mestrado em Ciências Ambientais). Universidade Federal do Pará, Belém/PA, 2016.

SANTILLI, J. **Livro socioambientalismo e novos direitos: proteção jurídica à diversidade biológica e cultural.** Editora Peirópolis, Instituto Socioambiental e Instituto de Educação do Brasil, 210p, 2005.

_____. Biodiversidade e conhecimentos tradicionais associados: o novo regime jurídico de proteção. **R. Minist. Púb. Dist. Fed. Territ.**, Brasília, n.9, p.21-73, 2015.

SANTOS, T.S. Do artesanato intelectual ao contexto virtual: ferramentas metodológicas para a pesquisa social. **Sociologias**, ano 11, n21, jan./jun., p120-156, 2009.

SCHMINK, M.; WOOD, C.H. **Conflitos sociais e a formação da Amazônia.** Tradução de Noemi Miyasaka Porro e Raimundo Moura. Belém: ed.ufpa, 496 p, 2012.

SHIRAIISHI NETO, Joaquim. **“Crise” nos Padrões Jurídicos Tradicionais: o direito em face dos grupos sociais portadores de identidade coletiva,** 2005. Disponível em: <<http://www.publicadireito.com.br/conpedi/manaus/arquivos/anais/XIVCongresso/005.pdf>>. Acesso em 14 de novembro de 2016.

SILVA, M.R. **Distribuição do babaçu e sua relação com os fatores geoambientais na bacia do rio cocal, estado do Tocantins.** Dissertação (Mestrado em Geografia). 2008. 91f. Universidade Federal de Brasília, Brasília/DF, 2008.


SILVA, R.T.; FERNANDES, V.S. Guardiãs da biodiversidade: a realidade das quebradeiras de coco babaçu no Piauí. **Revista Ciência & Trópico**, v37, n2, p129-149, 2013.

SOUZA, V.M. **Dinâmicas territoriais e as quebradeiras de coco babaçu no município de São Domingos do Araguaia-Pa.** Dissertação (Mestrado em Dinâmicas Territoriais e Sociedade na Amazônia). 2014. 157f. Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará, Marabá/PA, 2014.


STAVENHAGEN, R. Etnodesenvolvimento: uma dimensão ignorada no pensamento desenvolvimentista. **Anuário Antropológico**, v84, p11-44, 1985.

VIEIRA, I. C. G.; GARDNER, T. Florestas secundárias tropicais: ecologia e importância em paisagens antrópicas. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, Ciências Naturais**, v7, n3, p191-194, 2012.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Carta de apresentação para a realização da pesquisa de campo

Serviço Público Federal
Universidade Federal do Pará
Núcleo de Altos Estudos Amazônicos
Programa de Pós-Graduação Lato-Sensu

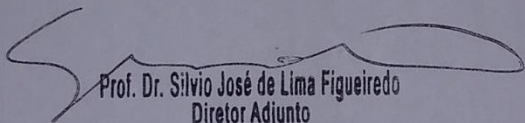


Of. N° 002/ 2017 – PPGLS/NAEA Belém, 11 de abril de 2017

Senhora Professora,

Solicitamos a especial atenção de V. S^{a.}, que autorize a discente, Tássia Cristina da Conceição Barros Taurino, matrícula n° 2016630E0024, vinculada ao Curso de Especialização FIPAM XXVII: Gestão Ambiental e Manejo de Paisagem, desenvolvido pelo Núcleo de Altos Estudos Amazônicos da Universidade Federal do Pará, a realizar pesquisa acerca das questões das Quebradeiras de Côco Babaçu do Sul e Sudeste do Estado do Pará, no período de 17 a 21/04/2017. As informações coletadas servirão para a elaboração do trabalho acadêmico de monografia.

Cordialmente,


Prof. Dr. Silvio José de Lima Figueiredo
Diretor Adjunto
Núcleo de Altos Estudos Amazônico
Port. 190/2017

Ilm^{a.} Sr^{a.} *Rita de Cássia Pereira da Costa*
Rita de Cássia Pereira da Costa
Prof^{a.} Curso de Campo da UNIFESPA/Marabá

APÊNDICE B – Carta de apresentação para a realização da pesquisa de campo



Serviço Público Federal
Universidade Federal do Pará
Núcleo de Altos Estudos Amazônicos
Programa de Pós-Graduação Lato-Sensu



Of. N° 001/ 2017 – PPGLS/NAEA

Belém, 11 de abril de 2017

Senhora Cledineuza Bezerra,

Solicitamos a especial atenção de V. S^a., que autorize a discente Tássia Cristina da Conceição Barros Taurino, matrícula n° 2016630E0024, vinculada ao Curso de Especialização FIPAM XXVII: Gestão Ambiental e Manejo de Paisagem, desenvolvido pelo Núcleo de Altos Estudos Amazônicos da Universidade Federal do Pará, a realizar pesquisa acerca das questões das Quebradeiras de Côco Babaçu do Sul e Sudeste do Estado do Pará, no período de 17 a 21/04/2017. As informações coletadas servirão para a elaboração do trabalho acadêmico de monografia.

Cordialmente,

Prof. Dr. Silvío José de Lima Figueiredo
Diretor Adjunto
Núcleo de Altos Estudos Amazônico
Port. 190/2017

Ilm^a. Sr^a.

Cledineuza Bezerra

Líder do Movimento Interestadual das Quebradeiras de Côco Babaçu do Sul e Sudeste do Estado do Pará

Recbi 18
4
2017

Cledineuza maria Bezerra Oliveira

APÊNDICE C – Roteiro para as entrevistas

- Perguntas sobre recursos hídricos, clima, solo, usos da terra e mudança da paisagem:

- 1) Há rios nas proximidades dos babaçuais?
- 2) Houve alguma mudança nos rios ao longo do tempo? Prejudicaram os babaçuais?
- 3) Qual é o período de maior e de menor chuva?
- 4) Houve mudança no período de chuva ao longo do tempo? E na intensidade?
- 5) O período não chuvoso é quente ou muito quente?
- 6) Há algum empreendimento nas proximidades que interfere nos babaçuais?
- 7) Quem utiliza a palmeira de babaçu ou sua área? Para quais fins?
- 8) Há situações ameaçantes como queimadas ou uso de agrotóxicos/venenos nos babaçuais?

- Perguntas sobre fauna, usos da terra e mudança da paisagem:

- 1) Na área dos babaçuais há animais?
- 2) Os animais são vistos durante o dia ou de noite? Quais?
- 3) Os animais são pequeno, médio ou grande?
- 4) Os animais vistos nos babaçuais são caçados?
- 5) Os animais vistos nos babaçuais são utilizados para alimentação? Quais?
- 6) Algum empreendimento na área dos babaçuais ou entorno afetou ou afeta os animais?
- 7) A quantidade e a variedade de animais aumentou ou diminuiu com a mudança no tamanho das áreas dos babaçuais?

- 8) Há algum animal que antes existia e hoje não se vê mais nos babaçuais? Qual?

- Perguntas sobre flora, usos da terra e mudança da paisagem:

- 1) Na área dos babaçuais há plantas? Quais?
- 2) As plantas são pequenas, médias ou grandes?
- 3) Há algum tipo de eliminação (limpeza) de plantas encontradas na área dos babaçuais?
- 4) Há plantas na área dos babaçuais que são utilizadas para alimentação, ornamentação ou outros? Quais?

- 5) Algum empreendimento na área dos babaçuais afetou as plantas? Como?

- 6) A quantidade e a variedade de plantas aumentou ou diminuiu com a mudança no tamanho das áreas dos babaçuais?

- 7) Há alguma planta que antes existia e hoje não se vê mais nos babaçuais? Qual?

- Perguntas socioambientais:

- 1) Há quanto tempo vocês utilizam os babaçuais?

2) A área de ocorrência mudou? Está maior ou menor? Os recursos aumentaram ou diminuíram?

3) Quais os principais impedimentos ao acesso dos babaçuais?

4) Vocês possuem alguma restrição de uso aos babaçuais? Quais?

5) Vocês participam da cooperativa? A cooperativa é importante?

6) Vocês acham que com a cooperativa houve melhoria tanto para se ter acesso quanto ao uso do babaçu?

7) Quais os produtos que se pode extrair da palmeira de babaçu?

8) Vocês possuem outro tipo de atividade além da quebra do coco?

9) A quebra de coco é importante para você e sua família?

10) O que as florestas de babaçu representam para você e sua família?